

# ARTE E LETRA

## ESTÓRIAS

EDITORIAL  
03

A TORTURA PELA  
ESPERANÇA  
Villiers de L'Isle-Adam  
05

AS IRMÃS VANE  
Vladimir Nabokov  
11

UM JANTAR  
MUITO ORIGINAL  
Alexander Search  
24

PURO SANGUE  
Rejane Gonçalves  
40

UM DE NÓS  
John Fante  
46



VIAGEM À SEMENTE  
Alejo Carpentier  
50

A BOLSA PRETA  
ERRADA  
Professor Hoffman  
61

UM ACONTECIMENTO  
NA PONTE  
OWL CREEK  
Ambrose Bierce  
70

RED HANRAHAN  
W. B. Yeats  
78

DESMEDIDO ROGER  
Ana Paula Maia  
85

OS NOMES  
91

EDIÇÃO H  
DEZEMBRO • JANEIRO • FEVEREIRO  
CURITIBA • 2009-2010

Arte e Letra: Estórias edição H  
ISSN: 1982-9221

*Tradutores*

I. Portbou  
Alessandra Cavalli Esteche  
Sandra M. Stroparo  
Caetano W. Galindo  
Adriano Scandolara

*Ilustrações*

Gabriel Rischbieter

*Editores*

Irinêo Baptista Netto  
Thiago Tizzot

*Desmedido Roger* © Ana Paula Maia

*Puro Sangue* © Rejane Gonçalves

*Viaje a la semilla* © Alejo Carpentier

*"Um de nós"* publicado com a permissão da editora José Olympio

*"Vane sisters"* © 1995, Dmitri Nabokov

*Todas as traduções desta publicação pertencem a seus tradutores. Fica proibido o uso de parte ou todo sem a devida permissão.*

*Todas as ilustrações desta edição pertencem ao artista Gabriel Rischbieter. Fica proibido o uso sem a devida permissão.*



Arte e Letra Editora  
Rua Sete de Setembro, 4214 - sala 1202  
Centro - Curitiba - PR - Brasil  
CEP: 80250-210  
Fone: (41) 3223-5302  
[www.arteeletra.com.br](http://www.arteeletra.com.br) - [contato@arteeletra.com.br](mailto:contato@arteeletra.com.br)

---

# EDITORIAL

---

J. D. SALINGER (1919 - 2010)





# A TORTURA PELA ESPERANÇA

AUGUSTE DE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

TRADUÇÃO DE SANDRA M. STROPARO

*O escritor francês Jean-Marie-Mathias-Philippe-Auguste, conde de Villiers de l'Isle-Adam (1838–1889) era conhecido por suas tramas fantásticas recheadas de mistério e horror. Encorajado por Charles Baudelaire começou a ler Edgar Allan Poe e o escritor estadunidense passou a ser uma grande influência em seu trabalho. Em 1871 a vida do conde sofreu uma grande reviravolta, sua tia Mademoiselle de Kerinou faleceu e ele perdeu seu apoio financeiro. Apesar de ter muitos amigos nos círculos literários, era amigo de Stéphane Mallarmé, os jornais achavam sua ficção muito excêntrica para ser publicada. Passou a trabalhar em vários empregos, professor de boxe, agente funerário e assistente de charlatão. Cogitou até recitar sua poesia em uma jaula cheia de tigres, mas desistiu da idéia. Morreu pobre e deixou obras como Contos Cruéis, Axël e L'Éve Future.*

*Ao Senhor Edouard Nieter*

*- Oh! uma voz, uma voz, para gritar!...  
Edgard A. Poe ("O poço e o pêndulo")*

Sob as cavas do Ofício de Saragossa, no cair de uma noite de outrora, o venerável Pedro Arbuez d'Espila, sexto superior dos dominicanos de Segóvia, terceiro Grande-Inquisidor da Espanha, seguido de um *fra redemptor*<sup>1</sup> (mestre-torturador) e precedido por dois fâmulos do Santo-Ofício, estes carregando lanternas, desceram para uma cela perdida. O trinco de uma porta maciça rangeu, penetraram em um mefítico *in pace*, onde o dia de sofrimento deixava entrever do alto, entre as argolas presas às paredes, um cavalete enegrecido de sangue, uma for-

<sup>1</sup> Título oficial que se dava aos torturadores durante a Inquisição.

nalha, uma garrafa. Sobre uma forração de esterco, e mantido por algemas, o garrote de ferro no pescoço, se encontrava sentado, alheado, um homem em trapos, de idade para sempre indistinta.

Esse prisioneiro não era outro senão o rabi Aser Abarbanel, judeu aragonês que, acusado de usura e de impiedoso desdém pelos Pobres, tinha sido, já por mais de um ano, quotidianamente submetido à tortura. Entretanto, sua "cegueira sendo tão dura quanto seu couro", ele tinha se recusado a abjurar.

Vaidoso de uma filiação várias vezes milenar, orgulhoso de seus antigos ancestrais, – porque todos os judeus dignos desse nome são ciosos de seu sangue, – ele descendia, talmudicamente, de Otoniel e, consequentemente, de Ipsiboe, mulher deste último Juiz de Israel: circunstância que tinha tam-

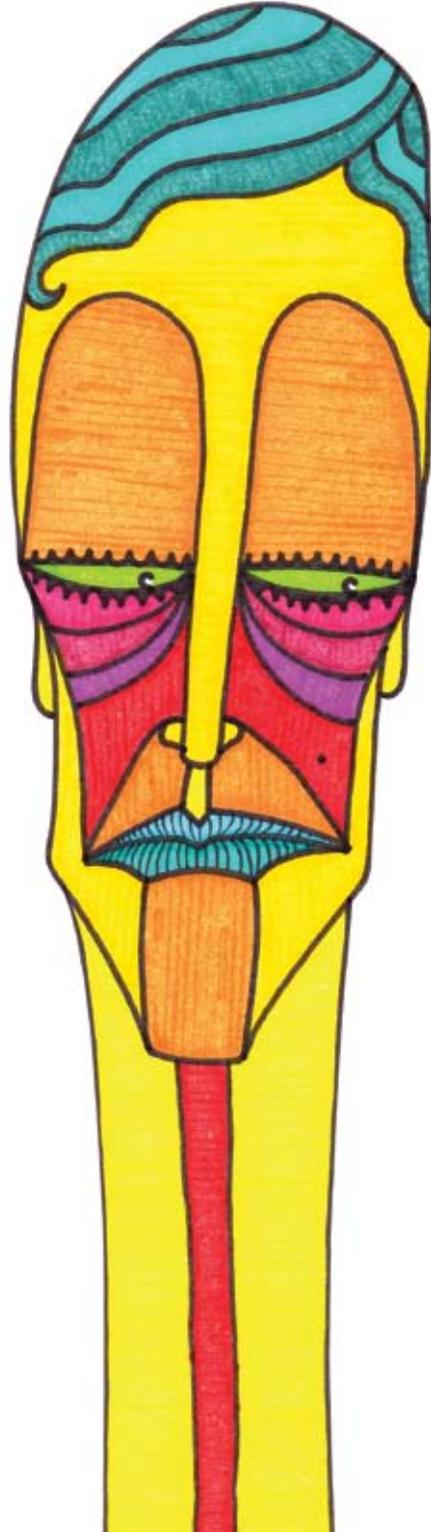
bém sustentado sua coragem no mais pesado dos incessantes suplícios.

Foi portanto com os olhos em lágrimas, considerando que esta alma tão firme se excluía da salvação, que o venerável Pedro Arbuez d'Espila, aproximando-se do rabino trêmulo, pronunciou as seguintes palavras:

– “Meu filho, regozijai-vos: vossas provações daqui debaixo vão acabar. Se, frente a tanta obstinação, tive que permitir, gemendo, o emprego de muitos rigores, minha tarefa de correção fraterna tem seus limites. És a figueira rebelde que, encontrada tantas vezes sem fruto, merece ser secada... mas só a Deus cabe estatuir sobre vossa alma. Talvez a infinita Clemência vos iluminará no instante supremo! Devemos esperar! Há exemplos... Assim seja! Repousai então, esta noite, em paz. Fareis parte, amanhã, do auto-de-fé: significa que sereis exposto ao *quemadero*, braseiro premonitório da Chama eterna; ele só queima, vós sabeis, à distância, meu filho, e a Morte leva, pelo menos, duas horas (frequentemente três) para vir, por causa dos panos molhados e esfriados com que temos o cuidado de preservar a fronte e o coração dos holocaustos. Sereis apenas quarenta-e-três. Considerai que, posicionado na última linha, tereis o tempo necessário para invocar Deus, para lhe oferecer o batismo de fogo que é o do Espírito Santo. Esperai portanto na Luz e dormi.”

Findo esse discurso, tendo dom Arbuez, com um sinal, feito desacorrentar o infeliz, abraçou-o ternamente. Depois, foi a vez do *fra redemptor* que, em voz baixa, pediu ao judeu para lhe perdoar o que, para redimi-lo, ele o havia feito suportar; depois o envolveram dois fâmulos cujo beijo, através seus capuchos, foram silenciosos. A cerimônia terminada, o cativo foi deixado, só e interdito, em meio às trevas.

\*  
\* \*



O rabi Aser Abarbanel, a boca seca, o rosto embrutecido pelo sofrimento, de início considerou, sem atenção precisa, a porta fechada. "Fechada?..." Essa palavra, acordou, secretamente em seu interior, em seus confusos pensamentos, uma quimera. É que ele tinha entrevisto, um instante, o luzir das lanternas na fissura entre as muralhas dessa porta. Uma mórbida ideia de esperança, devida ao abatimento do seu cérebro, emocionou seu ser. Ele se forçou na direção da insólita coisa surgida! E, bem docemente, deslizando um dedo, com longas precauções, pela fresta, puxou a porta para si... Oh, estupor! por um acaso extraordinário, o fâmulos que o tinha fechado tinha dado volta à grande chave um pouco antes do encaixe contra os batentes de pedra. De modo que, a lingueta enferrujada não tendo entrado no encaixe, a porta cedeu de novo para a cela.

O rabino arriscou um olhar para fora.

A favor de um tipo de obscuridade lívida ele distinguiu, de início, um semi-círculo de paredes terrosas, cavadas pelas espirais dos passos; e, dominando, à sua frente, cinco ou seis degraus de pedra, uma espécie de pórtico negro, dando acesso a um vasto corredor, do qual não era possível entrever, de baixo, nada além dos primeiros arcos.

Alongando-se, ele rastejou até a borda dessa soleira. Sim, era realmente um corredor, mas de um comprimento desmesurado! Um dia fraco, um luzir de sonho o iluminava: lanternas, suspensas nas abóbadas, azulavam em intervalos a cor opaca do ar; o fundo longínquo era só sombra. Nem uma porta, lateralmente, nessa extensão! De um só lado, a sua esquerda, os respiros, com grades cruzadas, nos recuos da parede, deixavam passar um crepúsculo – que deveria ser o da noite, por causa dos raios avermelhados que cortavam, de longe em longe, o piso. E que silêncio assustador!... Entretanto, longe, no profundo dessas brumas, uma saída poderia

dar sobre a liberdade! A esperança vacilante do judeu era tenaz, porque era a última.

Então, sem hesitar, ele se aventurou sobre as pedras do piso, ladeando a parede dos respiros, fazendo esforço para confundir-se com a tenebrosa tinta das longas muralhas. Avançava com lentidão, arrastando-se sobre o peito – e se segurando para não gritar quando uma ferida, recentemente avivada, o lancinava.

De repente, o barulho de uma sandália que se aproximava chegou a ele no eco deste corredor de pedra. Um tremor o sacudiu, a ansiedade o afogava; sua visão escureceu. Vamos! estava acabado, sem dúvida! Ele se encolheu, agachado, em um recuo da parede, e, meio morto, esperou.

Era um dos fâmulos que se apressava. Passou rapidamente, um arranca-músculos na mão, capucho abaixado, terrível, e desapareceu. A comoção por que o rabino acabava de passar o pressionou, tendo como que suspenso as funções vitais e ele ficou, quase uma hora, sem poder fazer um movimento. Na crença de que os tormentos aumentariam se ele fosse pego, teve a ideia de voltar a sua cela. Mas o velho espírito lhe cochichava, na alma, este divino Talvez, que reconforta durante as piores aflições! Um milagre se produziu! Não era mais necessário duvidar! Pôs-se portanto a rastejar para uma fuga possível. Extenuado pelo sofrimento e pela fome, tremento de angústia, avançava! E este corredor sepulcral parecia se alongar misteriosamente! E ele, avançando sem parar, olhava sempre a sombra, adiante, onde deveria estar a saída salvadora!

– Oh! Oh! eis que passos soaram de novo, mas, desta vez, mais lentos e mais sonoros. As formas brancas e negras, os longos chapéus com abas enroladas, de dois inquisidores, apareceram, emergindo do ar denso, lá adiante. Conversavam em voz baixa e pareciam discordar sobre um ponto importante, porque suas mãos se agitavam.

A isto, o rabi Aser Abarbanel fechou os olhos; seu coração batia como para matá-lo, seus trapos foram penetrados por um frio suor de agonia; ficou estupefato, imóvel, estendido junto à parede, sob a luz de uma lanterna, imóvel, implorando ao Deus de Davi.

Chegando a sua frente, os dois inquisidores pararam sob a luz da lâmpada, por um acaso sem dúvida provindo de sua discussão. Um deles, ouvindo seu interlocutor, aconteceu de olhar o rabino! E, sob esse olhar cuja expressão distraída, de início, ele não compreendeu, o infeliz acreditava sentir as tenazes quentes morderem de novo sua pobre carne; ele iria então tornar-se de novo um grito e uma ferida aberta. Exaurido, sem poder respirar, as pálpebras batendo, tremia, frente ao aparecimento daquele traje. Mas, coisa ao mesmo tempo estranha e natural, os olhos do inquisidor eram evidentemente os de um homem profundamente preocupado com o que vai responder, absorvido pela ideia do que ouve, eles estavam fixos - e pareciam olhar o judeu *sem vê-lo!*

Com efeito, ao fim de alguns minutos, os dois sinistros debatedores continuaram seu caminho, a passos lentos, e sempre conversando em voz baixa, na direção da encruzilhada de corredores de onde o cativo tinha saído; **NÃO O TINHAM VISTO!**... Se bem que, na horrível confusão de seus sentimentos, ele teve o cérebro atravessado por esta ideia: "Estarei já morto, por isso não me vêem?" Uma horrível impressão o tirou da letargia: olhando a parede, bem contra seu rosto, acreditou ver, frente aos seus, dois olhos ferozes que o observavam!... Jogou a cabeça para trás em um transe desorientado e brusco, os cabelos eriçados!... Mas não! Não. Sua mão acabava de se dar conta, tateando as pedras: era o reflexo dos olhos do inquisidor que tinha ainda em suas pupilas, e que ele tinha refratado sobre duas manchas da parede.



Em marcha! Era preciso apressar-se para esse fim que ele imaginava (doentamente sem dúvida) ser a sua libertação! Na direção destas sombras das quais não estava mais distante que uns trinta passos, aproximadamente. Retomou então, mais rápido, sua via dolorosa, sobre os joelhos, sobre as mãos, sobre o ventre; e logo entrou em uma parte obscura desse corredor assustador.

Súbito, o miserável experimentou o frio nas mãos apoiadas sobre as pedras; vinha de um violento sopro de ar, deslizando sob uma porta onde chegavam as duas paredes. – Ah! Deus! Se esta porta se abrir para fora! Todo o ser do lamentável fugitivo sentiu como que uma vertigem de esperança! Ele a examinava, de alto a baixo, sem poder bem distingui-la por causa da escuridão em torno. Tateava: sem tranca! nem fechadura. Um trinco!... ele se endireitou: o trinco cedeu sob seu polegar; a porta silenciosa abriu a sua frente.

\*  
\*   \*

– “ALELUIA!...” murmurou o rabino, em um imenso suspiro de ação de graças, agora de pé sobre a soleira, à vista do que lhe aparecesse.

A porta se abria para uns jardins, sob uma noite de estrelas! para a primavera, a liberdade, a vida! Dava para o campo próximo, prolongando-se para as serras cujas sinuosas linhas azuis se perfilavam sobre o horizonte; lá, lá estava a salvação! - Oh! fugir! Correria toda a noite sob os bosques de limoeiros cujos perfumes lhe chegavam. Uma vez nas montanhas, estaria salvo! Respirava o bom ar sagrado; o vento o reanimava, seus pulmões ressuscitavam! Ouvia, em seu coração dilatado, o *Veni foras* de Lázaro! E, para bendizer ainda o Deus que lhe concedia essa misericórdia, estendeu os braços a sua frente, levantando os

olhos ao firmamento. Foi um êxtase.

Então, pensou ver a sombra de seus braços voltar-se sobre ele mesmo: pensou sentir que estes braços o envolviam, o enlaçavam, e que ele era apertado ternamente contra um peito. Uma figura alta estava, de fato, perto da sua. Confiante, abaixou o olhar para esta figura e manteve-se palpitante, arfante, o olho sombrio, trêmulo, enchendo as bochechas e babando de pavor.

Horror! ele estava nos braços do próprio Grande-Inquisidor, o venerável Pedro Arbuez d'Espila, que o observava, com os olhos cheios de lágrimas, e com um ar de bom pastor que encontra sua ovelha desgarrada!...

O sombrio padre pressionava o infeliz judeu contra seu coração, com um élan de caridade tão fervorosa que as pontas do silício monacal dilaceravam, sob o hábito, o peito do dominicano. E, enquanto o rabi Aser Abarbanel, os olhos revirados sob as pálpebras, estertorava de angústia entre os braços do ascético dom Arbuez e compreendia confusamente que todas as fases da noite fatal eram apenas um suplício previsto, o da Esperança! O Grande-Inquisidor, com um tom de comovente repreensão e olhar consternado, murmurava-lhe ao ouvido, com um hálito ardente e alterado pelos jejuns:

– Que é isso, meu filho! À véspera, talvez, da salvação... quereis então nos deixar! ❧



# AS IRMÃS VANE

VLADIMIR NABOKOV

TRADUÇÃO DE CAETANO W. GALINDO

*Nascido na Rússia Vladimir Nabokov (1899-1977) passou pela Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos até chegar finalmente à Suíça. Seus primeiros escritos foram em russo, mas depois passou a trabalhar com a língua inglesa. Lolita foi escrito originalmente em inglês, mas depois Nabokov o traduziu para o russo por achar que a versão inglesa estava imperfeita. Além de Lolita, Fogo Pálido é responsável por colocar Nabokov entre os grandes escritores do século XX. As Irmãs Vane foi seu penúltimo conto, escrito em 1951 e publicado apenas em 1959. De início, o conto foi largamente atacado pelos críticos, que não perceberam a mirabolante "chave" escondida no texto. Para evitar coisa semelhante e ao mesmo tempo não estragar a leitura, dizemos apenas: Atenção: certos russos ornaram seus textos inteiros com objetos significativos.*

I

Eu podia nem ter ficado sabendo da morte de Cinthia, se não tivesse topado, naquela noite, com D., com quem também tinha perdido contato nos últimos quatro anos mais ou menos; e podia nem ter topado com D. se não tivesse me envolvido em uma série de investigações triviais.

O dia, um domingo pesaroso depois de uma semana de nevascas, tinha sido meio pedra preciosa, meio lama. No meio de meu passeio normal pela cidadezinha montanhosa anexa à universidade para meninas em que dava aulas de literatura francesa, eu havia parado para observar uma família de brilhantes estalactites de gelo pinga-pingando dos beirais de uma casa pré-fabricada. Eram tão nítidas suas sombras pontiagudas contra as tábuas brancas que quase tive a certeza

de que as sombras das gotas cadentes também seriam visíveis. Mas não eram. O teto se prolongava demais, talvez, ou o ângulo de visão era imperfeito, ou, ainda, eu não calhei de estar olhando a estalactite certa quando a gota certa caiu. Havia um ritmo, uma alternância no gotejar que achei tão intrigante quanto um truque de salão. Ela me levou a inspecionar os cantos de diversas quadras de casas, e isso me levou a Kelly Road, e bem para a casa onde D. morava quando era professor aqui. E quando estava olhando os beirais de uma garagem adjacente com sua grande vitrine de estalactites transparentes reforçadas por suas silhuetas azuis, fui finalmente recompensado, ao escolher uma delas, pela visão do que pode ser descrito como o pingo de um ponto de exclamação deixando sua posição comum para desprender-se muito velozmente – um

quase nada mais veloz que a gota derretida que perseguia. Esse reluzir gêmeo era um deleite mas ainda não era completamente satisfatório; ou, melhor, ele apenas abriu meu apetite para outras minúcias de luz e sombra, e segui caminhando em um estado de consciência à flor da pele que parecia transformar todo meu ser em uma só pupila gigante rolando no olho do mundo.

Através de cílios pavoneados vi a estonteante reflexão diamantina do sol baixo no dorso redondo de um automóvel estacionado. Todo tipo de coisa tinha recebido de volta uma vívida noção pictorial graças à esponja do gelo derretido. Água em grinaldas sobrepostas corria por uma rua inclinada e fazia graciosamente a curva para uma outra. Com uma nota quase imperceptível de encanto meretrício, estreitas passagens entre prédios revelavam tesouros de tijolo e púrpura. Percebi pela primeira vez os humildes padrões canelados – últimos ecos dos sulcos nos pilares das colunas – que enfeitavam uma lata de lixo, e também vi as ondas em sua tampa – círculos divergindo de um centro fantasticamente antigo. Eretas, formas nevadas com cabeças escuras (deixadas pelas lâminas de um trator na sexta-feira passada) alinhavam-se como pinguins rudimentares junto aos meios-fios, sobre a brilhante vibração das sarjetas vivas.

Andei para lá e para cá, e andei direito para um céu que delicadamente morria, e por fim a sequência de coisas observadas e observantes me levou, em minha hora normal de jantar, a uma rua tão afastada do lugar em que normalmente comia que decidi tentar um restaurante que ficava na borda da cidade. Quando saí novamente, a noite tinha caído sem som ou cerimônia. O fantasma esguio, a obscuridade alongada projetada por um parquímetro sobre um pouco de neve úmida, tinha um estranho matiz avermelhado; isso eu percebi ser devido à luz castanho-alaranjada de uma placa de

restaurante acima da calçada; e foi então – enquanto matava tempo por ali, imaginando algo exausto se no trajeto de minha caminhada de volta eu poderia ter a sorte de encontrar a mesma coisa em neon azul – foi então que um carro travou perto de mim e dele saiu D. com uma exclamação de prazer fingido.

Ele estava de passagem, indo de Albany a Boston, através da cidade que antes habitara, e mais de uma vez em minha vida eu senti aquela pontada de uma emoção vicária seguida de um acesso de irritação pessoal contra viajantes que parecem não sentir absolutamente nada ao revisitar lugares que deveriam assediá-los a cada passo com memórias uivantes e contorcentes. Ele me conduziu de volta ao bar de onde eu acabava de sair e, depois da troca normal de platitudes levianas, veio o inevitável vácuo que ele preencheu com palavras aleatórias: “Olha só, eu nunca achei que tivesse alguma coisa errada com o coração da Cinthia Vane. O meu advogado me disse que ela morreu na semana passada.”

## II

Ele ainda estava jovem, ainda ríspido, ainda ardiloso, ainda casado com a mulher delicada e incrivelmente linda que nunca soube ou suspeitou de nada a respeito do desastroso caso que ele teve com a histérica irmã mais nova de Cinthia, que por sua vez não ficou sabendo de nada da conversa que tive com Cinthia quando ela repentinamente me convocou para ir a Boston para me fazer jurar que falaria com D. e que o faria ser “expulso” se ele não parasse imediatamente de ver Sibil – ou não se divorciasse da mulher (que, diga-se de passagem, ela visualizava pelo prisma do discurso descontrolado de Sibil, como uma megera e um monstro de feiúra). Eu o pus imediatamente contra a parede. Ele disse que não havia nada a te-

mer – tinha se decidido, de qualquer maneira, a largar o emprego na universidade e se mudar com a mulher para Albany, onde ia trabalhar na empresa do pai, e aquela estória toda, que começava a ameaçar se tornar uma daquelas situações impossivelmente complexas que se arrastam por anos, com conjuntos periféricos de amigos bem-intencionados infinitamente discutindo-a em seu segredo universalmente conhecido – e até fundando, entre si, novas intimidades baseadas em suas dores alheias – teve um fim abrupto.

Lembro de no dia seguinte estar sentado à minha mesa sobre um estrado na grande sala de aulas em que se realizava uma prova de literatura francesa de meio de ano na véspera do suicídio de Sibil. Ela chegou de salto alto, com uma pasta, largou-a em um canto em que várias outras bolsas estavam empilhadas, com um só dar de ombros escoregou seu casaco de pele dos ombros estreitos, dobrou-o em cima da bolsa, e com duas ou três meninas parou diante de minha mesa para perguntar quando eu ia mandar as notas delas pelo correio. Eu ia levar uma semana, começando amanhã, eu disse, para ler aquilo tudo. Eu também lembro de ter imaginado se D. já tinha informado a ela sua decisão – e me sentia agudamente infeliz a respeito de minha aplicada aluna enquanto por 150 minutos meus olhos ficavam voltando para ela, tão infantilmente esguia vestida de cinza justo, e ficavam observando aquele cabelo cuidadosamente ondulado, aquele pequeno, minúsculo chapéu florido com um veuzinho hialino como os que se usavam naquela temporada, e embaixo dele seu rostinho quebrado em um padrão cubista por cicatrizes devidas a uma doença de pele, pateticamente mascaradas por um bronzeado de lâmpada que endurecia os seus traços, cujo encanto era ainda prejudicado por ela ter pintado tudo que podia ser pintado, de modo que as pálidas gengivas de seus dentes

entre lábios cobertos de cereja e a tinta azul diluída de seus olhos sob pálpebras escurecidas eram as únicas entradas visíveis para sua beleza.

No dia seguinte, tendo organizado alfabeticamente os cadernos horríveis, eu mergulhei em seu caos caligráfico e cheguei prematuramente a Valevsky e Vane, cujos textos eu de alguma maneira havia colocado no lugar errado. O primeiro estava usando a roupa formal de uma quase legibilidade, mas a prova de Sibil exibia sua combinação normal de várias letras demoníacas. Ela começou com um lápis muito duro e pálido, que tinha vincado conspicuamente o verso negro, mas produzido muito pouco de valor permanente na face de cima da página. Felizmente a ponta logo quebrou, e Sibil continuou com outro grafite, mais escuro, gradualmente se deixando cair na espessura borrada do que parecia quase carvão, a que, chupando a ponta grossa, ela havia acrescentado alguns vestígios de batom. A prova dela, embora ainda pior do que eu tinha esperado, tinha todos os sinais de uma espécie de consciência desesperada, com sublinhados, transposições, notas de rodapé desnecessárias, como se estivesse determinada a ajeitar tudo da maneira mais respeitável possível. Então ela tinha pedido a caneta de Mary Valevsky emprestada e acrescentado: "*Cette examain est finie ainsi que ma vie. Adieu, jeunes filles! Por favor, Monsieur le Professeur, entre em contato com ma soeur e lhe diga que a Morte não era melhor que uma nota D menos, mas era definitivamente melhor que a Vida menos D.*"

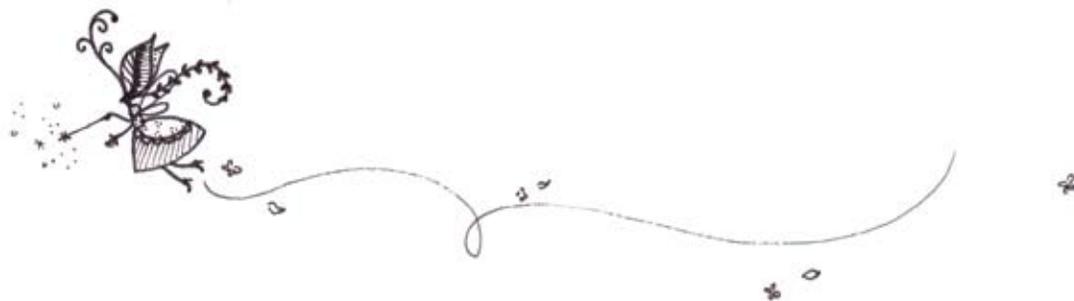
Liguei imediatamente para Cinthia, que me disse que estava tudo acabado – e estivera acabado desde as oito da manhã – e me pediu que lhe levasse o bilhete, e quando levei ela abriu um largo sorriso por entre as lágrimas com orgulhosa admiração do emprego singular ("A cara dela!") que Sibil tinha dado a uma prova de literatura france-

sa. Sem perder tempo ela "fez" dois uísques com soda, sem jamais se separar do caderno de Sibil – a esta altura molhado de água com gás e lágrimas – e continuou estudando a mensagem de morte, o que me impeliu a fazer que visse os erros gramaticais do texto e a explicar como traduzimos "menina" nas universidades americanas para evitar que as alunas saiam inocentemente soltando por aí o equivalente francês de "rapariga", ou coisa pior. Essas trivialidades de algum mau gosto agradaram imensamente a Cinthia, que se erguia, arfante, acima da superfície pulsante da sua dor. E então, segurando aquele caderno mole como se fosse um tipo de passaporte para um Elísio casual (onde as pontas dos lápis não se partem e uma moça linda como um sonho com uma compleição impecável enrola uma mecha do cabelo em um dedo indicador como um sonho, enquanto medita sobre alguma prova celestial), Cinthia me levou para o andar de cima, para um quartinho gelado, só para me mostrar, como se eu fosse a polícia ou algum simpático vizinho irlandês, dois frascos de comprimidos vazios e a cama bagunçada de que um corpo suave, inessencial, que D. devia conhecer até seu último detalhe aveludado, já tinha sido removido.

### III

Foi quatro ou cinco meses depois da morte de sua irmã que comecei a ver Cinthia com bastante frequência. No período

em que vim a Nova York para pesquisar durante as férias na Biblioteca Pública ela também tinha se mudado para esta cidade, onde por alguma estranha razão (em vaga relação, presumo, com motivos artísticos), ela tinha ficado com o que as pessoas, imunes aos arrepios, chamam de um apartamento "água-fria", no fundo da escala das ruas transversais da cidade. O que me atraía não era nem seu jeito, que achava repulsivamente animado, nem sua aparência, que outros homens achavam marcante. Tinha olhos bem espaçados na cabeça, muito parecidos com os da irmã, de um azul franco e assustado com pontos escuros em uma disposição radial. O intervalo entre as espessas sobrancelhas negras era sempre brilhante, e brilhantes também eram as volutas de carne das narinas. A textura áspera de sua epiderme parecia quase masculina e, à vigorosa luz das lâmpadas de seu estúdio, era possível ver os poros do rosto de trinta e dois anos, que encaravam como algo que estivesse em um aquário. Ela usava cosméticos com tanto gosto quanto sua irmã mais nova, mas com um desleixo adicional que resultava no fato de seus grandes incisivos ficarem com um pouco do batom. Era atraentemente morena, usava uma combinação não muito deselegante de coisas heterogêneas com bastante estilo, e tinha o que se chama de uma bonita figura, mas tudo nela era curiosamente desmazelado, de uma maneira que eu obscuramente associava a entusiasmos políticos esquerdistas e banalidades "avançadas" em arte, embora,



na verdade, ela não se importasse nem com uma coisa nem com a outra. Seu penteado enrodilhado, de um tipo repartido-com-coque, poderia parecer selvagem e bizarro se não fosse completamente domesticado por seu próprio desalinho macio na nuca vulnerável. As unhas eram pintadas de cores brilhantes, mas muito roídas e não muito limpas. Seus amantes eram um jovem fotógrafo calado com uma gargalhada repentina e dois homens mais velhos, irmãos, que tinham uma pequena gráfica do outro lado da rua. Eu ficava imaginando quais seriam os gostos deles sempre que entrevia, com um segredo horror, a estriação suíno-cerdosa de pelos negros que aparecia ao longo de suas canelas pálidas através do nylon das meias com a científica nitidez de um preparado achatado sob uma placa de vidro; ou quando sentia, a cada movimento dela, a baça, rançosa, não particularmente nítida mas onipenetrante e deprimente emanção que sua carne raramente banhada emitia por sob perfumes e cremes exaustos.

O pai dela tinha perdido no jogo a maior parte de uma fortuna considerável, e o primeiro marido de sua mãe era de origem eslava, mas de resto Cinthia Vane pertencia a uma família boa e respeitável. Até onde soubéssemos, ela podia provir de reis e adivinhos nas névoas de ilhas extremas. Transferida para um mundo mais novo, para uma paisagem de árvores caducas condenadas, esplêndidas, sua ascendência apresentava, em uma de suas primeiras fases, uma igreja cheia de fazendeiros brancos contra uma negra nuvem de trovoadas, e depois um imponente elenco de burgueses ligados a empresas mercantis, assim como uma certa quantidade de eruditos, como o doutor Jonathan Vane, o chato esquelético (1780-1839), que faleceu no motim do vapor *Lexington* para depois se tornar um *habitué* da mesa oscilante de Cinthia. Eu sempre quis virar a genealogia de cabeça para baixo, e

aqui tenho a oportunidade de fazê-lo, pois é o último ramo, Cinthia, e somente Cinthia, que continuará tendo qualquer importância na dinastia dos Vane. Estou, claro, fazendo referência a seu dom artístico, a suas pinturas encantadoras, alegres, mas não muito populares, que os amigos de seus amigos compravam muito ocasionalmente – e eu queria muito saber onde foram parar depois da morte dela aqueles quadros honestos e poéticos que iluminavam sua sala-de-estar – as imagens incrivelmente detalhadas de coisas metálicas, e meu favorito, *Vista de um parabrisa* – um parabrisa parcialmente coberto de geada, com um brilhante fio de água (de uma imaginária capota) cruzando sua parte transparente e, por todo ele, a chama safira do céu e um abeto verde-e-branco.

#### IV

Cinthia tinha a sensação de que sua irmã morta não estava inteiramente satisfeita com ela – tinha descoberto a essa altura que eu e ela havíamos conspirado para acabar com seu romance; e assim, para desarmar seu espectro, Cinthia recorreu a um tipo de oferenda sacrificial bem primitivo (tingido, no entanto, de algo do humor de Sibil), e começou a enviar para o endereço comercial de D., em datas deliberadamente não fixadas, ninharias como fotos do túmulo de Sibil com uma luz precária, mechas cortadas de seu cabelo, que era indistinguível do de Sibil, um mapa de relevo da Nova Inglaterra com uma cruz feita a tinta, a meio caminho entre duas castas cidades, marcando o ponto em que D. e Sibil haviam parado no dia vinte e três de outubro, em plena luz do dia, em um hotelzinho tolerante, em uma floresta rosa e marrom; e, duas vezes, um gambá empalhado.

Como era mais volúvel que explícita em suas conversas, ela nunca conseguiu descrever inteiramente a teoria das auras interve-

nientes que de alguma maneira havia desenvolvido. Fundamentalmente, não havia nada particularmente novo a respeito de suas crenças privadas já que elas pressupunham um além bem convencional, um silente solário de almas imortais (enxertadas com antecedentes mortais) cuja principal diversão consistia em periódicos voos por sobre os vivos que lhes fossem caros. O ponto interessante era uma curiosa reviravolta prática que Cinthia havia dado a sua metafísica. Ela tinha certeza de que sua existência era influenciada por todo tipo de amigos mortos que se revezavam conduzindo seu destino quase como se ela fosse um gatinho viralatas que uma menininha recolhe de passagem, e aperta contra o rosto, e cuidadosamente larga de novo no chão, perto de alguma sebe dos subúrbios – para ser imediatamente acariciado por outra mão passageira ou carregado para um mundo de portas por alguma senhora piedosa.

Por algumas horas, ou por vários dias em sequência, e às vezes de maneira recorrente, em uma série irregular, por meses ou anos, tudo que acontecia com Cinthia, depois da morte de uma dada pessoa, estaria, dizia ela, de acordo com o jeito e o humor daquela pessoa. O evento podia ser extraordinário, mudando o rumo da vida de uma pessoa, ou podia ser uma cadeia de incidentes minúsculos que mal eram claros o suficiente para se apresentar em relevo contra o dia normal da pessoa e que depois se desbotavam em fatos triviais ainda mais vagos na medida em que a aura gradualmente desaparecia. A influência podia ser boa ou má; o que interessava era que sua fonte podia ser identificada. Era como caminhar pela alma de uma pessoa, ela dizia. Eu tentava argumentar que ela podia não ser sempre capaz de determinar a fonte exata já que nem todo mundo tem uma alma reconhecível, que existem cartas anônimas e presentes de natal que qualquer um pode ter mandado; que, na verdade, o

que Cinthia chamava de “um dia normal” podia, até ele, ser uma solução diluída de auras combinadas ou simplesmente o turno rotineiro de um anjo da quadra ordinário. E como ficava Deus? Será que pessoas que odiariam um ditador onipotente em terra esperariam ou não esperariam encontrar um no céu? E as guerras? Que ideia pavorosa – soldados mortos ainda lutando com os vivos, ou exércitos fantasmas tentando atingir uns aos outros através das vidas de velhos aleijados.

Mas Cinthia estava acima de generalidades como estava além da lógica. “Ah, é o Paul”, ela dizia quando a sopa desdenhosamente derramava ao ferver, ou: “acho que a coitada da Betty Brown morreu” quando ganhou um lindo e muito bem-vindo aspirador de pó em uma rifa de caridade. E, com meandros jamesianos que exasperavam minha mente francesa, ela retornava a um tempo em que Betty e Paul ainda não tinham partido, e me contava da chuva de dádivas bem intencionadas, mas esquisitas e consideravelmente inaceitáveis – a começar de uma bolsa velha que continha um cheque de três dólares, que ela pegou na rua e, claro, devolveu (à já mencionada Betty Brown – é aqui que ela entra na estória – uma negra decrepita que mal conseguia andar) e terminando com uma proposta ofensiva de um antigo pretendente seu (é aqui que entra Paul) de que pintasse quadros “normais” da casa e da família dele por uma remuneração razoável – tudo isso seguindo-se ao falecimento de uma certa senhora Page, uma velhota bondosa mas mesquinha que atormentou Cinthia com pequenos conselhos pé-no-chão desde que ela era criança.

A personalidade de Sibil, ela disse, tinha uma borda arco-íris como que um pouco fora de foco. Ela disse que se houvesse conhecido Sibil melhor eu teria imediatamente compreendido o quanto era sibilina a aura de eventos pequenos que, por vezes, tinham

ocupado a existência dela, de Cinthia, depois do suicídio de Sibil. Desde que tinham perdido a mãe elas pretendiam desistir da casa de Boston e se mudar para Nova York, onde as pinturas de Cinthia, elas achavam, teriam chance de ser mais amplamente admiradas; mas a velha casa se agarrou a elas com todos seus tentáculos macios. Sibil, morta, no entanto, tinha conseguido separar a casa de sua vista – algo que afeta fatalmente a noção de lar. Bem do outro lado da rua estreita uma construção tinha ganhado ruidosa, feia e andaimada vida. Um par de conhecidos choupos morreu naquela primavera, transformando-se em louros esqueletos. Operários vieram e quebraram a velha calçada linda e de cor quente que tinha um especial lustro violeta em dias úmidos de abril e que ecoava tão memoravelmente os passos matutinos da ida ao museu do Sr. Lever que, depois de se aposentar aos sessenta, havia devotado todo um quarto de século ao estudo das lesmas.

Falando de velhos, é necessário acrescentar que às vezes esses auspícios e intervenções póstumas eram da natureza da paródia. Cinthia tinha certa amizade com um bibliotecário excêntrico chamado Porlock que nos últimos anos de sua vida empoeirada se dedicava a examinar livros antigos em busca de erros miraculosos de impressão como a substituição do *c* por um *i* em "arcano". Ao contrário de Cinthia, ele não se importava nada com a emoção de obscuras previsões; apenas buscava o aberrante, o acaso que se quer caso pensado, a falha que se faz de flor; e Cinthia, uma amante muito mais perversa de palavras deformadas ou ilicitamente conectadas, trocadilhos, logogrifos e assim por diante, ajudava o coitado do maluco a seguir numa tarefa que à luz do exemplo que ela citou me parecia estatisticamente insana. Enfim, ela disse, no terceiro dia depois da morte dele ela estava lendo uma revista e tinha acabado de encontrar uma citação de

um poema imperecível (que ela, como outros leitores crédulos, acreditava ter sido realmente composto durante um sonho) quando se deu conta de que "Alph" era uma sequência profética das iniciais de Anna Livia Plurabelle (outro rio sagrado percorrendo, ou na verdade circulando, mais um sonho falso)<sup>1</sup>, enquanto que o *b* adicional modestamente representava, como uma placa de estrada particular, o ditador alemão que tanto hipnotizara o senhor Porlock. E eu queria poder lembrar aquele romance ou conto (de algum escritor contemporâneo, acho) em que, sem que ele soubesse, as primeiras letras das palavras do último parágrafo, depois de decifradas por Cinthia, formavam uma mensagem da falecida mãe do autor.

## V

Lamento dizer que, não satisfeita com essas engenhosas invencionices, Cinthia demonstrava uma ridícula simpatia pelo espiritismo. Eu me recusava a acompanhá-la a sessões de que participavam médiuns pagos: já sabia demais disso por outras fontes. Mas acabei aceitando participar de pequenas farsas montadas por Cinthia e por seus inescrutáveis amigos da gráfica. Eram sujeitos gordotes, educados e um tanto macabros, mas me bastava o fato de que tinham bastante cultura e eram espirituosos. Nós nos sentávamos a uma mesinha leve, e tremores crepitantes começavam quase que imediatamente depois de colocarmos nela as pontas dos dedos. Fui brindado com uma grande variedade de fantasmas que prontamente batucavam seus relatos embora se recusassem a elucidar qualquer coisa que eu não entendesse. Oscar Wilde apareceu e em um

---

<sup>1</sup> Referências ao poema "Kublah Kahn", de Coleridge, que se dizia de fato ter sido composto durante um sonho, e ao *Finnegans Wake*, de James Joyce, em que a personagem ALP frequentemente é "representada" pelo rio Liffey, que cruza Dublin.



francês veloz e embolado, com os anglicismos de sempre, obscuramente acusou os falecidos pais de Cinthia do que em meus rabiscos parecia "*plagiatisme*"<sup>2</sup>. Um espírito vivaz ofereceu sem que alguém pedisse a informação de que ele, John Moore, e seu irmão Bill tinham sido mineiros de carvão no Colorado e tinham falecido em uma avalanche na "Beleza de Crista" em janeiro de 1883. Frederic Myers<sup>3</sup>, figura conhecida no ramo, martelou uns versos (que se pareciam estranhamente com a própria obra esparsa de Cinthia) que em minhas notas constam parcialmente como:

*O que é isso? – um coelho numa cartola,  
Ou o fim de um hábito perigoso,  
Graças a um vislumbre que me consola  
E que afugenta o sonho doloroso?*

Finalmente, com grande estrondo e com todo tipo de tremores e movimentos coreográficos por parte da mesa, Leo Tolstói visitou nosso grupinho e, quando pedimos que se identificasse por características específicas de sua morada terrena, começou com uma complexa descrição do que parecia ser algum tipo de entalhe arquitetônico russo em madeira ("figuras em tabuleiros – homem, cavalo, falo, homem, cavalo, falo") cuja totalidade era difícil de anotar, dura de entender e impossível de verificar<sup>4</sup>.

Estive presente a duas ou três outras sessões que foram ainda mais bobas mas devo confessar que preferia a diversão infantil que ofereciam e a cidra que bebíamos (Gordinho e Gordote eram abstêmios) às terríveis festas de Cinthia.

Ela dava as festas no apartamento bacana dos Wheeler, logo ao lado – o tipo de

<sup>2</sup> Sybil Vane é o nome da atriz suicida de *O retrato de Dorian Gray*. Infelizmente, nesta tradução, o nome da personagem teve de perder o y porque, enfim...

<sup>3</sup> Poeta e divulgador do espiritismo.

<sup>4</sup> Tanto Tolstói quanto Nabokov eram ávidos enxadristas.

arranjo que era caro a sua natureza centrífuga, mas também, claro, a sala da casa dela parecia sempre uma paleta velha e suja. Seguindo um costume bárbaro, nada higiênico e adúltero, os casacos dos convidados, ainda quentes por dentro, eram carregados pelo calado e algo calvo Bob Wheeler para a santidade de um quartinho bem arrumado e empilhados na cama conjugal. Também era ele que servia as bebidas, que eram entregues aos convidados pelo jovem fotógrafo enquanto Cinthia e a senhora Wheeler cuidavam dos canapés.

Alguém que chegasse tarde tinha a impressão de muita gente que falava muito alto desnecessariamente agrupada em um espaço azul-fumaça entre dois espelhos entupidos de reflexos. Como Cinthia, imagino, quisesse ser a mais jovem no aposento, as mulheres que ela normalmente convidava, casadas ou solteiras, estavam, na melhor das hipóteses, em seus precários quarenta; algumas delas traziam de casa, em táxis escuros, vestígios intactos de uma boa aparência, que, contudo, perdiam com o progresso da festa. Sempre me espantou a habilidade que sociáveis festeiros de fim de semana têm de encontrar quase que de imediato, por um método puramente empírico mas muito preciso, um denominador comum de toda a ebriedade, ao qual todos aderem lealmente antes de descerem, todos juntos, até o próximo nível. A rica amistosidade das matronas era marcada por harmônicos masculinizados, enquanto que o olhar fixamente voltado para dentro de homens amistosamente certinhos era como que uma sacrílega paródia da gravidez. Embora alguns dos convidados tivessem um ou outro tipo de ligação com as artes, não havia conversas inspiradas, nada de cabeças guirlandadas apoiadas em cotovelos, e claro, nada de meninas flautistas. De algum ponto de destaque em que estivesse sentada em uma pose de sereia encaçada no carpete claro com um ou dois rapazes,

Cinthia, o rosto envernizado por uma película de suor reluzente, rastejava de joelhos, oferecendo em uma das mãos uma salva de castanhas, e rispidamente batia com a outra na atlética perna de Cochran ou Corcoran, um marchand, ocultado, em um sofá cinza-pérola, entre duas senhoras coradas, que felizes se desintegravam.

Em um estágio mais avançado vinham surtos de uma alegria mais selvagem. Corcoran ou Coransky agarrava Cinthia ou uma outra mulher errante pelo ombro e a levava para um canto para confrontá-la com um imbróglcio sorridente de piadas e boatos particulares, diante do que, com uma risada e um gesto de cabeça, ela se libertava. E ainda mais tarde haveria ataques de camaradagem intersexual, reconciliações jocosas, um desnudo braço carnudo arremessado em volta do marido de outra mulher (ele de pé, muito rígido, no meio de uma sala que balançava), ou uma súbita crise de raiva coquete, de uma perseguição desajeitada – e o tranqüilo meio-sorriso de Bob Wheeler apanhando copos que cresciam como cogumelos à sombra das cadeiras.

Depois de uma última festa desse tipo, escrevi um bilhete perfeitamente inofensivo e, no geral, bem-intencionado a Cinthia, em que latinamente ria um pouco de alguns de seus convidados. Também me desculpei por não ter tocado seu uísque, dizendo que, sendo francês, eu preferia os grãos de uva aos grãos. Alguns dias depois eu a encontrei na escadaria da Biblioteca Pública, no sol partido sob fracos rasgos de nuvens, abrindo seu guarda-chuva ambarino, tentando equilibrar alguns livros axilados (dos quais a liberei por um momento), *Região em litígio: entre este mundo e o outro*, de Robert Dale Owen, e alguma coisa sobre "Espiritismo e Cristianismo"; quando, repentinamente, sem qualquer provocação de minha parte, ela relampejou sobre mim com vulgar veemência, usando palavras peçonhentas, dizendo – através de

gotas periformes de chuva esparsa – que eu era um nojento e um esnobe; que só via os gestos e os disfarces das pessoas; que Corcoran tinha salvado de afogamento, em dois oceanos diferentes, dois homens – por uma coincidência irrelevante, ambos chamados Corcoran; que a histérica e estrídula Joan Winter tinha uma filhinha condenada a ficar completamente cega em alguns meses; e que a mulher de verde com o peito sardento de que eu de alguma maneira tinha feito pouco havia escrito um best-seller nacional em 1932. Estranha Cinthia! Eu tinha ouvido falar que ela podia ser trovejantemente rude com pessoas que estimava e respeitava; era preciso, no entanto, estabelecer algum tipo de limite e como àquela altura eu já tinha estudado o bastante de suas interessantes auras e outros ids e aquilos, decidi simplesmente parar de vê-la.

## VI

Na noite em que D. me informou da morte de Cinthia eu voltei depois das onze para o sobrado que divido, em uma partição horizontal, com a viúva de um professor emérito. Ao chegar à varanda, olhei com a apreensão da solidão para os dois tipos de escuridão nas duas fileiras de janelas: a escuridão da ausência e a escuridão do sono.

Eu podia fazer algo a respeito da primeira, mas não pude duplicar a segunda. Minha cama não me dava qualquer sensação de segurança; suas molas só faziam meus nervos saltarem. Mergulhei nos sonetos de Shakespeare – e me vi de maneira imbecil verificando as primeiras letras para ver quais palavras sacramentais pudessem formar. Achei GAMA (XX), FIM (XLV), e, duas vezes, TAFT (LXXXVIII, CXXXI). De vez em quando eu esticava os olhos para ver como os objetos em meu quarto estavam se comportando. Era estranho pensar que se comesçassem a cair bombas eu ia sentir

pouco mais que a empolgação do apostador (e considerável alívio terreno) enquanto que meu coração ia explodir se uma certa garrafinha de aparência suspeitamente tensa naquela prateleira de lá se movesse uma fração de centímetro para um lado. O silêncio, também, era suspeitamente compacto como que deliberadamente formando um pano de fundo negro para o disparo nevrálgico causado por qualquer ruídozinho de origem desconhecida. O trânsito estava todo morto. Em vão eu rezei pelo grunhido de um caminhão subindo a rua Perkins. A mulher

## COMPLETE SUA COLEÇÃO

Não deixe sua coleção incompleta.  
Por apenas R\$60,00 você compra  
quatro edições da revista *Arte e  
Letra: Estórias*.



FAÇA SEU PEDIDO  
<vendas@arteeletra.com.br>  
☎ (41) 3223-5302

acima de mim, que normalmente me enlouquecia com troantes pancadas ocasionadas pelo que pareciam ser monstruosos pés de pedra (na verdade, na vida diurna, ela era uma criatura tampinha que parecia um porquinho-da-índia mumificado) teria recebido minhas bênçãos tivesse ela agora marchado até o banheiro. Apaguei a luz e limpei a garganta diversas vezes para ser responsável ao menos por *aquela* som. Pedi uma carona mental em um automóvel muito distante mas ele me largou antes de eu ter chance de pegar no sono. Imediatamente um crepitar (devido, esperava eu, a uma folha de papel descartada e amassada que se abria como uma flor noturna, teimosa e malévola) começou e cessou no cesto de papéis, e meu criado-mudo respondeu com um pequeno estalo. Teria sido a cara de Cinthia armar um espetáculo barato de *poltergeists*.

Decidi enfrentar Cinthia. Revi mentalmente a era moderna de pancadas e aparições, começando com as batidas de 1848, no vilarejo de Hydesville<sup>5</sup>, Nova York, e terminando com os grotescos fenômenos em Cambridge, Massachusetts<sup>6</sup>; evoquei os ossos dos tornozelos e outras castanholas anatômicas das irmãs Fox<sup>7</sup> (conforme descritos pelos sábios da Universidade de Buffalo); o tipo misteriosamente uniforme de adolescente delicada em Epworth ou Tedworth, irradiando as mesmíssimas perturbações no antigo Peru; solenes orgias vitorianas com rosas caindo e acordeões fluando com as cadências da música sacrada; impostores profissionais regurgitando mus-

<sup>5</sup> Na casa das "irmãs Fox".

<sup>6</sup> Sede da Universidade de Harvard, que investigou "Margery".

<sup>7</sup> Leah, Margaretta e Kate Fox praticamente deram origem ao movimento espírita, ao alegarem poder se comunicar com os mortos através de pancadas que decodificavam (uma das formas mais populares de sessão espírita antes da invenção das câmeras infravermelhas). Anos depois, elas disseram que faziam os ruídos estalando os ossos dos pés.

selina úmida<sup>8</sup>; o senhor Duncan, respeitável marido de uma médium<sup>9</sup>, que, quando lhe perguntaram se aceitaria ser revistado, pediu desculpas alegando roupa de baixo suja; ou Alfred Russel Wallace<sup>10</sup>, o naturalista ingênuo, recusando-se a acreditar que a forma branca de pés descalços e lóbulos desprovidos de perfurações diante dele, em um pandemônio particular em Boston, pudesse ser a elegante senhorita Cook<sup>11</sup> que ele acabara de ver dormindo, em seu canto acortinado, toda vestida de preto, usando botas amarradas e brincos; dois outros investigadores, homens pequenos, insignificantes, mas razoavelmente inteligentes e ativos, agarrando bem forte os braços e as pernas de Eusapia<sup>12</sup>, uma mulher grande, roliça e velha que fedia a alho, e que ainda assim conseguiu enganá-los; e o mágico céptico e constrangido<sup>13</sup>, instruído pelo "controle" da encantadora jovem Margery a não se perder no forro do robe de banho mas sim seguir a meia esquerda até chegar à coxa nua – em cuja pele morna ele sentiu uma massa "teleplástica" que se parecia, ao tato, singularmente com um fígado frio, cru.

## VII

Eu estava apelando à carne, e à corrupção da carne, para refutar e derrotar a possível persistência da vida desencarnada. Infelizmente essas conjurações apenas realçaram meu medo do fantasma de Cinthia. Com a aurora veio uma tranquilidade até-

<sup>8</sup> Conhecido meio de simular o "ectoplasma".

<sup>9</sup> Helen Duncan.

<sup>10</sup> O contemporâneo de Darwin que também elaborou uma teoria da seleção natural e, assim, apressou a publicação de *A origem das espécies*.

<sup>11</sup> Florence Cook

<sup>12</sup> Eusapia Palladino foi a primeira médium a chamar a atenção de investigadores científicos. Os dois cavaleiros citados eram Augusto Tamburini e o famoso criminologista Cesare Lombroso.

<sup>13</sup> Harry Houdini, que viria a desmascarar a popular Mina "Margery" Crandon.

vica, e quando caí no sono o sol através das persianas castanho-alaranjadas invadiu um sonho que de alguma maneira estava pleno de Cinthia.

Era decepcionante. Seguro na fortaleza da luz do dia, eu me disse que esperava mais. Ela, pintora de minúcias que brilhavam como vidro – e agora assim tão vaga! Fiquei deitado, repensando meu sonho e ouvindo os pardais lá fora: vá saber, se gravados e depois tocados de trás para a frente, aqueles sons passerinos poderiam virar fala humana, palavras vocalizadas, exatamente como elas se transformam em pios quando revertidas? E me apliquei a reler meu sonho – de trás para a frente, diagonalmente, de baixo para cima, de cima para baixo – fazendo muita força para desvendar nele algo cínthico, algo estranho e sugestivo que pudesse estar ali.

Eram somente trivialidades aquelas linhas aclaradas conscientemente. Tudo, instável, tremido e sombreado de amarelo, criava imagens nada tangíveis. Hieropáticas, ineptos acrósticos, pantomimas ardilosas lembradas, que, unidas, insinuavam mais estranhos textos, runas obscuras. Eram unicamente sombras informes, borradas, ilusórias, lúgubres. 🗿



# UM JANTAR MUITO ORIGINAL

---

## ALEXANDER SEARCH

---

*Alexander Search é um dos muitos heterônimos do português Fernando Pessoa (1888-1935). Um dos escritores mais importantes da língua portuguesa ficou conhecido por sua poesia. Além de Alexander Search assinou seus textos como Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Bernardo Soares. Sobre sua biografia escreveu o seguinte: "Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia, / Não há nada mais simples. / Tem só duas datas - a da minha nascença e a da minha morte. / Entre uma e outra todos os dias são meus." De prosa escreveu muito pouco, alguns contos em inglês e contos de raciocínio como chamava, fortemente influenciado pela leitura de Edgar Allan Poe. Entre suas principais obras está O Livro do Desassossego.*

*Diz-me o que comes, dir-te-ei o que és.  
ALGUÉM.*

Foi durante a quingentésima sessão anual da Sociedade Gastronômica de Berlim que o Presidente, Herr Prosit, fez aos seus membros o famoso convite. Claro que a sessão era um banquete. À sobremesa gerara-se enorme discussão a respeito da originalidade na arte culinária. A época ia má para todas as artes. Estava em decadência a originalidade. Também na gastronomia havia decadência e fraqueza. Todos os produtos da *cuisine* que se chamavam "novos" eram simples variantes de pratos já conhecidos. Um molho diferente, um modo levemente diferente de condimentar ou temperar – assim se distinguia o prato mais recente do que existia antes dele. Não havia verdadeiras novidades. Havia apenas inovações. To-

das estas coisas foram lamentadas durante o banquete em clamor unânime, em vários tons e com diversos graus de veemência.

Embora a discussão tivesse calor e convecção, havia entre nós um homem que, embora não fosse o único homem que estava calado, era todavia o único homem cujo silêncio se fazia notar, pois dele, mais que de todos, seria de esperar que interviesse. Este homem era, evidentemente, Herr Prosit, que presidia à Sociedade e a esta reunião. Herr Prosit foi o único homem que não mostrou interesse pela discussão – a sua atitude não implicava desatenção, mas antes a vontade de manter o silêncio. Sentia-se a falta da autoridade da sua voz. Estava pensativo – ele, Prosit, estava calado – ele, Prosit, estava sério – ele, Wilhelm Prosit, presidente da Sociedade Gastronômica.

O silêncio de Herr Prosit foi, para a

maioria dos homens, uma coisa estranha. Parecia (passe a comparação) uma tempestade. O silêncio não se coadunava com ele. Estar calado era contra a sua maneira de ser. E, tal como uma tempestade (para manter a comparação), se alguma vez guardava silêncio, este era um descanso e um prelúdio para uma explosão maior que todas. Era esta a opinião a seu respeito.

O Presidente era um homem notável sob muitos aspectos. Era um homem alegre e saudável, mas tudo isto com uma vivacidade anormal, com um comportamento barulhento, que parecia revelar uma disposição permanentemente antinatural. A sua sociabilidade parecia patológica; o seu espírito e as suas piadas, embora não tivessem de modo algum um aspecto forçado, pareciam impelidos de dentro por uma faculdade de espírito que não é a faculdade da graça. O seu amor parecia falso, a sua agitação naturalmente postiça.

Na companhia dos amigos – e tinha muitos – mantinha uma corrente constante de divertimento, todo ele era alegria e riso. Mas é de notar que este homem estranho não revelava nos traços habituais do rosto uma expressão de divertimento ou alegria. Quando deixava de rir, quando se esquecia de sorrir, parecia, pelo contraste que o rosto traía, cair numa seriedade que não era natural, algo irmanada com a dor.

Se isto era devido a uma infelicidade própria do seu carácter, ou a um desgosto da sua vida de outrora, ou a qualquer outro mal do espírito – eu, que assim falo, não o saberia dizer. Aliás, esta contradição do seu carácter, ou, pelo menos, das suas manifestações, só era notada por um observador atento, os outros não a viam, nem havia necessidade de que a vissem.

Tal como de uma noite de tempestades que se seguiram umas às outras com intervalos uma testemunha diz que toda a noite foi uma noite de tempestade, esquecendo as

pausas entre os períodos de violência e classificando a noite pela característica que mais a impressionou, do mesmo modo, seguindo uma tendência da humanidade, se dizia que Prosit era um homem alegre, porque o que nele mais chamava a atenção era o barulho que fazia ao manifestar a sua boa disposição, o estrépito da sua alegria. Na tempestade, a testemunha esquece o profundo silêncio das pausas. Neste homem esquecíamos facilmente, perante o seu riso selvagem, o silêncio triste, o peso soturno dos intervalos da sua natureza social.

O rosto do Presidente, repito, possuía também e traía esta contradição. Faltava animação àquele rosto que ria. O seu perpétuo sorriso parecia a careta grotesca daqueles em cujo rosto bate o sol; *nesses*, a contração natural dos músculos perante uma luz forte; *nestes*, como expressão perpétua, extremamente antinatural e grotesca.

Dizia-se (entre quem sabia como ele era) que enveredava por uma vida animada para fugir a uma espécie de doença de nervos ou, quando muito, morbidez de família, pois era filho de um epilético e tivera como antepassados, para já não mencionar muitos ultravagantes, vários neuróticos inconfundíveis. Talvez ele próprio fosse doente dos nervos. Mas disto não falo com qualquer certeza.

O que posso apresentar como verdade indubitável é que Prosit fora trazido para a sociedade de que estou a falar por um jovem oficial, também meu amigo e um tipo divertido, que o descobrira algures, tendo achado imensa graça a algumas das suas partidas.

Esta sociedade – aquela em que Prosit se movia – era, para dizer a verdade, uma daquelas dúbias sociedades marginais, que não são invulgares, formadas por elementos de classes elevadas e baixas numa síntese curiosa, comparável a uma transformação química, pois têm muitas vezes um carácter novo, próprio, diferente do dos seus elementos.

Esta era uma sociedade cujas *artes* – têm que chamar-se *artes* – eram comer, beber e amar. Era artística, sem dúvida. Era grosseira, ainda com menos dúvida. E reunia estas coisas sem desarmonia.

Deste grupo de pessoas, socialmente inúteis, humanamente em deterioração, era Prosit o chefe, porque era o mais grosseiro de todos. É óbvio que não posso entrar na psicologia, simples mas intrincada, deste caso. Não posso explicar aqui a razão que levava a escolher o chefe desta sociedade entre a sua camada inferior. Através de toda a literatura, muita sutileza, muita intuição se dispenderam em casos deste gênero. Manifestamente patológicos. Poe deu aos complexos sentimentos que os inspiram, pensando que se reduzem a um só, o nome geral de *perversidade*. Mas estou a relatar este caso e não mais. O elemento feminino da sociedade provinha, falando em termos convencionais, de baixo, o elemento masculino de cima. O pilar desta combinação, o hífen deste composto – ou melhor, o agente catalisador desta transformação química era o meu amigo Prosit. Os centros, os lugares de reunião da sociedade eram dois: um determinado restaurante ou o respeitável hotel X – conforme a festa era uma orgia vazia de idéias, ou uma sessão casta, masculina, artística da Sociedade Gastronômica de Berlim. Quanto à primeira, é impossível tentar descrevê-la; não é sequer possível uma sugestão que não toque as raias da indecência, pois Prosit não era normalmente grosseiro, era-o anormalmente; a sua influência baixava o objetivo dos mais baixos desejos dos seus amigos. Quanto à Sociedade Gastronômica, essa era melhor; representava o lado espiritual das aspirações concretas daquele grupo.

Acabo de dizer que Prosit era grosseiro. É verdade: era grosseiro. A sua exuberância era grosseira, o seu humor manifestava-se grosseiramente. Informo-vos de tudo isto

com cuidado. Não escrevo nem louvor nem calúnia. Estou a descrever uma personagem o mais rigorosamente que posso. Tal como o permite a visão do meu espírito, sigo os trilhos da verdade.

Mas Prosit era grosseiro, disso não há dúvida. Pois até mesmo na sociedade onde, por estar em contacto com elementos socialmente elevados, era às vezes forçado a conviver, não perdia grande coisa da sua brutalidade inata. Entregava-se a ela semi-conscientemente. As suas piadas nem sempre eram inofensivas ou agradáveis; eram quase todas grosseiras, embora, para os que eram capazes de apreciar o essencial de tais exhibições, fossem suficientemente divertidas, suficientemente espirituosas, suficientemente bem imaginadas.

O melhor aspecto desta falta de educação era o seu carácter impulsivo, o seu ardor. Pois o Presidente empenhava-se com ardor em todas as coisas em que se metia, especialmente empreendimentos culinários e problemas amorosos; nos primeiros era um poeta do sabor, com uma inspiração que aumentava de dia para dia; nos outros, a baixeza de carácter revela-se sempre no seu aspecto mais horrível. Contudo, não se podia duvidar do seu ardor, tal como da impulsividade da sua alegria. Arrastava os outros pela violência da sua energia, insuflava-lhes ardor, fortalecia-lhes os impulsos sem dar por que o fazia. Mas o seu ardor era para ele próprio, era uma necessidade orgânica; não tinha por objetivo uma relação com o mundo exterior. É verdade de que este ardor não se agüentava muito tempo; mas, enquanto durava, a sua influência era um exemplo, embora inconsciente, era imensa.

Mas note-se que, se o Presidente era ardente, impulsivo, no fundo grosseiro e rude, era todavia um homem que nunca se zangava. Nunca. Ninguém conseguia enfurecê-lo. Além disso, estava sempre disposto a agradar, sempre pronto a evitar uma discussão.

Parecia estar sempre desejoso de que as pessoas se dessem bem com ele. Era curioso observar como reprimia a sua ira, como a dominava com uma firmeza que ninguém julgaria existir nele, muito menos quem o conhecia como sendo impulsivo e ardente, os seus amigos mais íntimos.

Creio que era sobretudo devido a isto que Prosit era tão apreciado. De fato, talvez levando em consideração que ele era grosseiro, brutal, impulsivo, mas nunca se portava com brutalidade por razões de fúria ou agressividade, nunca era impulsivo por zanga – talvez que nós, tomando isto em conta inconscientemente, baseássemos nisto a sua amizade. Além disso, havia o fato de ele estar sempre pronto a agradar e ser amável. Quanto à sua grosseria, entre homens isso tinha pouca importância, pois o Presidente era um bom companheiro.

É obvio, portanto, e agora, que o atrativo (por assim dizer) de Prosit residia nisto: não era susceptível à fúria, desejava sinceramente agradar, havia um fascínio especial na sua exuberância grosseira, talvez até, em última análise, também na intuição inconsciente do leve enigma que ele próprio era.

Basta! A minha análise da figura de Prosit, talvez excessiva em pormenores, é todavia deficiente, porque, segundo creio, faltam-lhe ou ficaram sem relevo os elementos que permitem uma síntese final. Aventurei-me em domínios que ultrapassam a minha capacidade, que iguala a clareza do que desejo. Por isso não direi mais.

Contudo, uma coisa emerge de tudo o que disse: o aspecto externo da personagem do Presidente. Fica claro que, sejam quais forem os objetivos imagináveis, Herr Prosit era um homem alegre, um tipo estranho, um homem habitualmente alegre, que impressionava os outros homens com a sua alegria, um homem proeminente na sua sociedade, um homem que tinha muitos amigos. Como davam o tom à sociedade de homens em

que ele vivia, quer dizer, como criavam ambiente, as suas tendências grosseiras desapareciam por serem excessivamente óbvias, passavam gradualmente para o domínio do inconsciente, não eram notadas, acabavam por ser imperceptíveis.

O jantar estava no fim. A conversa aumentava, no número dos que falavam, no barulho das suas vozes combinadas, discordantes, interpenetradas. Prosit continuava calado. O principal orador, o Capitão Greiwe, discursava liricamente. Insistia na falta de imaginação (assim lhe chamava) que criasse iguarias modernas. Entusiasmou-se. Na arte da gastronomia, observou, eram sempre precisos novos pratos. Era estreita a sua maneira de ver, restringida à arte que conhecia. Argumentou de modo errado, deu a entender que só na gastronomia tinha valor dominante a novidade. E isso pode ter sido uma forma sutil de dizer que a gastronomia era a única ciência e a única arte. "Abençoada arte", gritou o Capitão – "cujo conservatismo é uma revolução permanente!" "Dela poderia dizer", continuou, "o que Schopenhauer diz do mundo, que se mantém pela sua própria destruição."

"E você, Prosit", disse um membro que estava sentado na extremidade da mesa, ao notar o silêncio de Prosit, "Você, Prosit, não deu ainda sua opinião! Diga alguma coisa, homem! Está distraído? Está melancólico? Está doente?"

Toda a gente olhou para o Presidente. O Presidente sorriu-lhes no seu modo habitual, malicioso, misterioso, meio sem humor. Mas este sorriso tinha um significado: renunciou de algum modo a estranheza das palavras do Presidente.

O Presidente quebrou o silêncio que se fez para a resposta que se aguardava.

"Tenho uma proposta a fazer, um convite", disse ele. "Estão a dar-me atenção? Posso falar?"

Quando disse isto, o silêncio pareceu

tornar-se mais profundo. Todos os olhos se viraram para ele. Todas as ações e gestos pararam onde estavam, pois a atenção estendeu-se a todos.

"Senhores", começou Herr Prosit, "vou convidá-los para um jantar. Declaro que nunca foram a nenhum como este. O meu convite é simultaneamente um desafio. Depois explicarei."

Houve uma ligeira pausa. Ninguém se mexeu, exceto Prosit, que acabou de beber um copo de vinho.

"Senhores", repetiu o Presidente, de uma forma eloquentemente direta, "o meu desafio a qualquer homem está contido no fato de que de hoje a dez dias darei uma nova espécie de jantar, um jantar muito original. Considerem-se convidados."

Choveram de todos os lados murmúrio pedindo uma explicação, perguntas. Por quê aquele gênero de convite? Que queria ele dizer? Que tinha proposto? Por quê aquela obscuridade de expressão? Falando claramente, qual era o desafio que tinha feito?

"Em minha casa", disse Prosit, "na praça."

"Está bem."

"Vai transferir para sua casa o lugar de reunião da sociedade?" perguntou um membro.

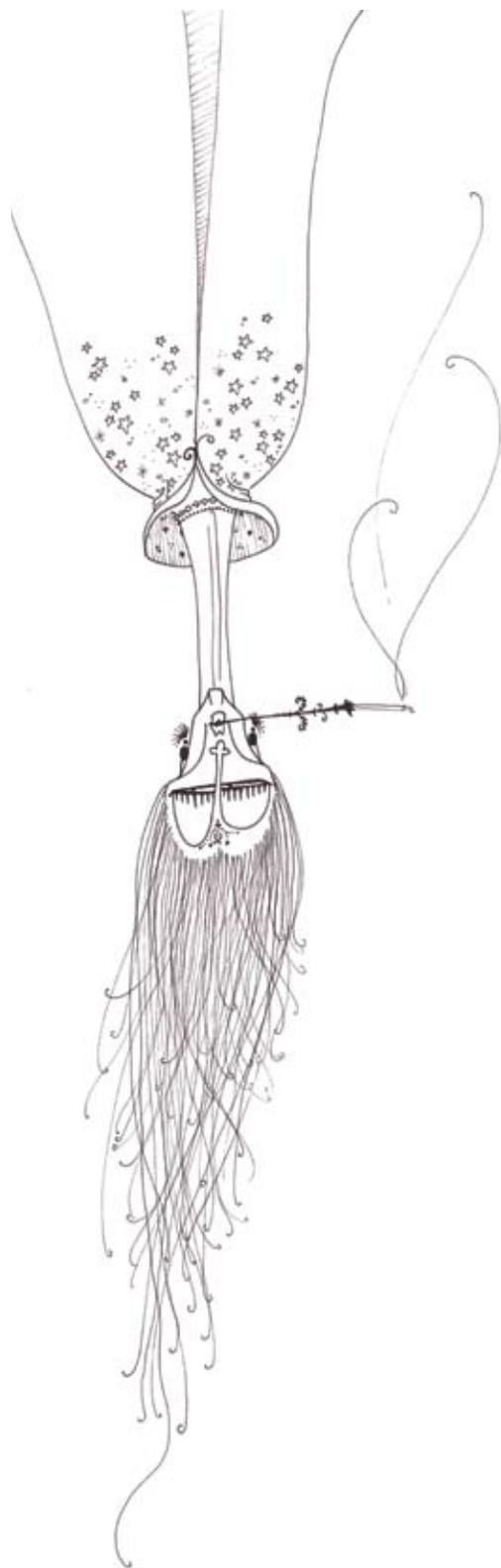
"Não, é só para esta ocasião."

"E vai ser uma coisa assim tão original, Prosit?" inquiriu obstinadamente um membro, que era curioso.

"Muito original. Uma novidade absoluta."

"Bravo!"

"A originalidade do jantar", disse o Presidente, como alguém que falasse depois de refletir, "não está no que ele tem ou parece, mas naquilo que significa, no que contém. Desafio qualquer homem que aqui está (e, para o caso, podia dizer qualquer homem em qualquer parte) a dizer, depois de terminado, em que é que ele é original. Garanto que ninguém adivinhará. É este o meu desafio. Talvez pensassem que nenhum homem poderia dar um banquete mais original. Mas



não, não é isso; é como disse. Como veem, é muito mais original. É original para além do que possam esperar."

Podemos saber", perguntou um membro, "o motivo do seu convite?"

"Sou levado a isso", explicou Prosit, e havia uma expressão sarcástica no seu olhar decidido, "por uma discussão que tive antes do jantar. Alguns dos meus amigos aqui presentes terão ouvido a disputa. Podem informar os que queiram saber o que se passou. O meu convite está feito. Aceitam?"

"Claro! Claro!" foi o grito que se ouviu de todos os pontos da mesa.

O Presidente abanou a cabeça, sorriu; embrenhado no divertimento que lhe provocava qualquer visão interior, recaiu em silêncio.

Quando Herr Prosit terminou o seu espantoso desafio e convite, as conversas a que se entregaram separadamente os membros da sociedade, recaíram sobre o seu verdadeiro motivo. Alguns eram da opinião de que se tratava de mais uma graça do Presidente; outros que Prosit desejava afirmar mais uma vez a sua habilidade culinária, o que era racionalmente gratuito, visto que (diziam eles) ninguém a tinha contestado, mas agradável à vaidade de qualquer homem na sua arte. Outros ainda estavam certos de que o convite fora realmente feito por causa de certos rapazes da cidade de Frankfurt entre os quais e o Presidente havia uma rivalidade em questões de gastronomia. Em breve se verificou, como verão os que isto lerem, que o fim do desafio era de fato o terceiro – isto é, o fim imediato, pois, como o Presidente era um ser humano, e especialmente um ser humano muito original, o seu convite tinha traços psicológicos das três intenções que lhe foram imputadas.

A razão pela qual não se acreditou imediatamente que a verdadeira razão de Prosit para o convite era a disputa (como ele próprio dissera), era o desafio ser demasia-

do vago, demasiado misterioso para surgir como uma vingança e nada mais. Por fim, contudo, teve que se acreditar.

A discussão que o Presidente mencionara (disseram os que sabiam) fora entre ele e cinco rapazes, da cidade de Frankfurt. Estes não tinham qualquer particularidade a não ser que eram gastrônomos; esse era, segundo creio, o seu único título que justificava a nossa atenção. Fora longa a discussão. Tanto quanto me lembro, eles insistiam que um prato que um deles tinha inventado, ou um jantar que tinham dado, era superior a um feito gastronômico do Presidente. Em torno disto se gerara a disputa; em volta deste centro a aranha da discórdia tecera rapidamente a sua teia.

Fora acesa a discussão por parte dos rapazes; suave e moderada por parte de Prosit. Era seu costume, como disse, nunca ceder à fúria. Contudo, nesta altura ficara quase zangado com o calor das respostas dos seus antagonistas. Mas manteve-se calmo. Pensou-se, agora que isto se sabia, que o Presidente ia pregar alguma partida gigantesca aos cinco rapazes, vingar-se, segundo seu costume, daquela violenta alteração. Por isso, em breve era grande a expectativa; começaram a correr murmurinhos de uma partida excêntrica, histórias de uma vingança de notável originalidade. Perante o caso e o homem, estes rumores tinham justificação; eram atabalhoadamente construídos sobre a verdade. Todos eles foram, mais cedo ou mais tarde, contados a Prosit; mas ele, quando os ouvia, abanava a cabeça, e, parecendo embora fazer justiça à intenção, lamentava o seu tom grosseiro. Ninguém adivinhava, dizia ele. Era impossível, dizia, que alguém acertasse. Era tudo uma surpresa. Conjectura, adivinha, hipótese eram ridículas e inúteis.

Claro que estes rumores surgiam mais tarde. Voltemos ao jantar onde o convite fora feito. Terminara. Íamos para a sala de

fumo quando passamos por cinco rapazes, de aspecto bastante requintado, que saudaram Prosit com certa frieza.

"Ah, meus amigos", explicou o Presidente voltando-se para nós, "são estes os cinco jovens de Frankfurt que eu derrotei numa competição de assuntos gastronômicos..."

"Sabe bem que não acho que nos tenha derrotado", retorquiu um dos rapazes, com um sorriso.

"Bem, deixemos as coisas como estão, ou como estavam. Para dizer a verdade, meus amigos, o desafio que agora fiz à Sociedade Gastronômica" (indicou-nos em um largo gesto) "tem um lance muito maior e uma natureza muito mais artística." Explicou-o aos cinco. Escutaram-no o mais indelicadamente que conseguiram.

"Quando fiz este desafio, agora mesmo, senhores, estava a pensar em vós!"

"Oh, estava? E que temos nós a ver com isso?"

"Oh, vê-lo-eis em breve! O Jantar é daqui a duas semanas, no dia dezessete."

"Não queremos saber a data. Não precisamos."

"Não, tendes razão!" gargalhou o Presidente. "Não precisais. Não será necessário. No entanto", acrescentou, "estareis presentes ao jantar."

"O quê?" gritou um dos três rapazes. Dos outros dois, um fez uma careta e o outro arregalou os olhos.

O Presidente respondeu com uma careta. "Sim, e contribuireis para ele da forma mais material."

Os cinco rapazes manifestaram fisicamente a sua dúvida quanto a isto e o seu semidesinteresse do assunto.

"Sim, sim!" disse o Presidente, enquanto eles se afastavam.

"Quando digo uma coisa, faço-a, e digo que estareis presentes ao jantar, digo que contribuireis para que seja apreciado."

Isto foi dito num tom de desprezo tão

óbvio e direto que os rapazes ficaram irritados e desceram as escadas a correr.

O último voltou-se.

"Estaremos lá em espírito, talvez", disse ele, "pensando no seu fracasso."

"Não, não, estareis lá bem presentes. Estareis lá em corpo, garanto-vos. Não vos preocupeis com isso. Deixai o caso comigo."

Um quarto de horas depois, tudo acabado, desci as escadas com Prosit.

"Pensa que consegue obrigá-los a comparecer, Prosit?" perguntei-lhe enquanto ele vestia o sobretudo.

"Certamente", disse ele, "tenho a certeza."

Sáímos juntos – eu e Prosit – e separamo-nos à porta do hotel.

## II

Em breve chegou o dia em que se ia cumprir o convite de Prosit. O jantar teve lugar em casa de Prosit às seis e meia da tarde.

A casa – aquela que Prosit dissera ficar na praça – não era propriamente a *sua* casa, mas sim a de um velho amigo seu que não vivia em Berlim e emprestava a casa a Prosit sempre que este o desejava. Estava sempre à disposição. Contudo, este raramente precisava dela. Alguns dos primeiros banquetes da Sociedade Gastronômica tinham-se realizado aí, até que se tinha imposto a maior comodidade do hotel – conforto, aspecto, localização. Prosit era muito conhecido no hotel; os pratos eram feitos segundo as suas indicações. A sua capacidade inventiva tinha tanta liberdade aí como na sua casa, com cozinheiros que ora eram seus ora dos membros, ora importados de algum restaurante; e não só a sua habilidade tinha a mesma amplitude de ação como a execução das suas idéias era mais rápida, melhor, eram postas em prática com maior eficiência e mais minuciosamente.

Quanto à casa onde Prosit vivia – ninguém a conhecia, nem estava interessado

nisso. Para alguns banquetes era utilizada a casa de que falei, para casos amorosos tinha um pequeno apartamento; tinha um clube – ou antes, dois clubes –, e encontrava-se muitas vezes no hotel.

A casa de Prosit, como disse, ninguém a conhecia; que ele a tinha, além do lugar já mencionado, que ele lá vivia, era uma questão de certeza normal. Mas onde era a casa, disso ninguém tinha uma suspeita que fosse. Também nos eram desconhecidas as pessoas com quem lá vivia. Quem fossem os companheiros do seu retiro, a eles nunca Prosit fizera qualquer alusão. Que existiam, nem mesmo isso ele dissera. Era apenas a conclusão do nosso raciocínio simples e natural sobre o assunto. Prosit estivera, isso sabíamos – embora não me lembre por intermédio de quem – nas Colônias – em África, ou na Índia, ou noutro sítio – e ganhara aí uma fortuna da qual vivia. Assim, sabendo-se alguma coisa, o resto só o ócio poderia investigar.

O leitor conhece agora suficientemente o estado das coisas para dispensar outras observações, quer sobre o Presidente quer sobre a própria casa. Portanto, passo à cena do banquete.

A sala onde fora preparada a mesa do banquete era grande e comprida, embora não imponente. Aos lados não havia janelas mas apenas portas, que davam para várias salas. No topo, do lado que dava para a rua, havia uma janela alta e larga, esplêndida, que precisa respirar ela o ar cuja entrada permita. Ocupava à vontade o espaço de três janelas grandes vulgares. Estava dividida em três partes pela própria estrutura do caixilho. Embora a sala fosse grande, esta janela era suficiente; dava luz e ar a tudo; nenhum canto estava privado das coisas mais naturais da Natureza.

No meio da sala de jantar fora posta uma mesa comprida para o banquete; no topo desta estava sentado o Presidente, de costas para a janela. Eu, que escrevo, estava senta-

do à sua direita, por ser o membro mais antigo. Não têm significado outros detalhes. Éramos cinquenta e dois.

A sala estava iluminada por candelabros sobre a mesa, três ao topo. Devido a uma hábil disposição dos seus ornamentos, as luzes estavam irregularmente concentradas sobre a mesa, deixando bastante no escuro os espaços entre ela e as paredes. Pelo efeito, parecia o arranjo de luzes sobre as mesas de bilhar. Mas como objetivo era claro, o que existia no espírito era, no máximo, uma sensação de estranheza a respeito das luzes da sala de jantar. Se houvesse outras mesas colateralmente, a sensação da escuridão entre elas teria sido incômoda. Como havia apenas uma mesa, isso não acontecia. Eu próprio só notei mais tarde, como verá o leitor que me acompanhe. Embora eu, como todos os que lá estavam, estivesse procurando em toda a parte por aspectos estranhos, não dei por este.

O modo como a mesa estava posta, arranjada, ornamentada em parte não me lembro, em parte não precisa de ser lembrado. A diferença que pudesse haver relativamente a outras mesas de jantar era uma diferença dentro da normalidade, não uma diferença devida a originalidade. Neste caso a descrição seria estéril e inútil.

Os membros da Sociedade Gastronômica – cinquenta e dois, como disse – começaram a aparecer às seis menos um quarto. Uns três, recordo-me, chegaram apenas um minuto antes da hora do jantar. Um – o último – apareceu quando íamos sentar-nos à mesa. Nestas coisas, nesta parte da sessão, como convinha entre artistas, foi posto de lado todo o cerimonial. Ninguém ficou ofendido com esta chegada atrasada.

Sentamo-nos à mesa numa febre reprimida de expectativa, de interrogação, de suspeita intelectual. Ia ser, todos se lembravam, um *jantar muito original*. Cada um tinha sido desafiado – desafiado a descobrir em que

residia a originalidade do jantar. Era este o ponto difícil. A originalidade estava em algo não aparente, ou numa coisa óbvia? Estava em algum prato, em algum molho, em alguma disposição? Estava em algum detalhe trivial do jantar? Ou estava, no fim de contas, no carácter geral do banquete?

Como á natural, visto que estávamos todos neste estado de espírito todas as coisas possíveis, tudo o que era vagamente provável, tudo o que era sensatamente improvável, impossível, era motivo de suspeita, de autointerrogação, de desorientação. Estaria nisso a originalidade? Era isso que continha a partida?

Assim todos nós, os convidados, mal nos sentamos para jantar, começamos a investigar minuciosamente, curiosamente, os ornamentos e flores que estavam sobre a mesa, e não só esses, mas também os desenhos dos pratos, disposição das facas e garfos, os copos, as garrafas de vinho. Vários tinham já examinado as cadeiras. Não poucos tinham, com o ar de distração, dado a volta à mesa, à sala. Um espreitara para debaixo da mesa. Outro tateara rápida e cuidadosamente a parte inferior da mesma. Um membro deixou cair o guardanapo e baixou-se muito para o apanhar, o que fez com dificuldade quase ridícula; tinha querido ver, disse-me depois, se não haveria um alçapão que, em determinado momento do banquete, engolisse, ou só à mesa, ou a nós e à mesa em conjunto.

Agora não consigo recordar com precisão quais foram as minhas suposições ou conjecturas. Todavia, lembro-me distintamente que eram bastante ridículas, da mesma espécie das que referi a respeito dos outros. Sucederam-se umas às outras no meu espírito, por uma associação, idéias fantásticas e extraordinárias. Tudo era, ao mesmo tempo, sugestivo e insatisfatório. Bem considerado, tudo continha uma singularidade (tal como qualquer coisa em qualquer sítio). Mas nada

apresentava claramente, nitidamente, indubitavelmente, o sinal de ser a chave do problema, a palavra escondida do enigma.

O Presidente tinha desafiado qualquer de nós a descobrir a originalidade do jantar. Perante este desafio, perante a capacidade de pregar partidas pela qual Prosit era famoso, ninguém poderia dizer até onde ia a mistificação, se a originalidade era ridiculamente insignificante, de propósito, ou estava escondida numa acumulação excessiva, ou, porque era possível uma coisa dessas, consistia em não ser qualquer originalidade. Tal era o estado de espírito em que os convidados na sua totalidade – digo-o sem exagero – se sentaram para comer *um jantar muito original*.

Estava-se atento a todas as coisas.

A primeira coisa que se notou foi que o serviço era feito por cinco criados pretos. Os seus rostos não se viam bem, não só por causa do traje algo extravagante que vestiam (que incluía um turbante esquisito), mas também pela singularidade da disposição da luz, pela qual, como nas salas de bilhar, embora não pelo mesmo artifício, a luz incidia sobre a mesa e deixava tudo em volta na escuridão.

Os cinco criados negros estavam bem treinados; não excelentemente, talvez, mas bem. Traíam-no em muitas coisas, perceptíveis sobretudo a homens como nós, que tínhamos contato com gente dessa diariamente e de forma importante, devido à nossa arte. Pareciam ter sido muito bem treinados, exteriormente, para um jantar que era o primeiro que serviam. Foi esta a impressão que o serviço deixou no meu cérebro experiente; mas, de momento, afastei-a não vendo nela nada de extraordinário. Não se encontravam criados em qualquer lado. Talvez, pensei na altura, Prosit os tivesse trazido consigo do lugar onde tinha estado, no estrangeiro. O fato de eu não os conhecer não era razão para duvidar disso, porque,

como disse, a vida mais íntima de Prosit, bem como o lugar onde morava, não eram do nosso conhecimento, ele conservava-os secretos, por razões que provavelmente tinha e que nos não competia investigar ou apreciar. Os meus pensamentos a respeito dos cinco criados pretos, quando os vi, foram estes.

O jantar tinha começado. Intrigou-me ainda mais. As particularidades que apresentava, vistas racionalmente, eram tão destituídas de significado que era em vão que se tentava interpretá-las de que maneira fosse. As observações que um dos convidados fez com humor, já para o fim do jantar, exprimiam adequadamente tudo isto.

"A única coisa que a minha atenção e espírito alerta conseguem ver aqui de original", disse, Comar propositadamente pomposo, um membro titular, "é, *primò* que os que nos servem são escuros e estão mais ou menos no escuro, embora sejamos nós que sem dúvida assim estamos; *secundo* que isto, se significa alguma coisa, não significa coisa alguma. Não vejo em sítio algum qualquer coisa duvidosa, a não ser num sentido decente, o peixe".

Estas observações, feitas de ânimo leve, foram recebidas com aprovação, embora a sua graça fosse mais pobre. Todavia, toda a gente notara as mesmas coisas. Mas ninguém acreditava – embora muitos não tivessem idéias precisas – que a partida de Prosit fosse isto e nada mais. Olham para o Presidente para ver se o seu rosto sorridente traía algum sentimento, alguma indicação de um sentimento, qualquer coisa – mas o sorriso mantinha-se, habitual e inexpressivo. Talvez se tornasse ligeiramente mais largo, talvez implicasse um piscar de olhos, quando o titular fizera aquelas observações, talvez se tornasse mais manhoso; mas não há a certeza disto.

"Nas suas palavras", disse Prosit finalmente ao membro que falara, "agrada-me

ver um reconhecimento inconsciente da minha habilidade em esconder, em fazer uma coisa parecer diferente do que é. Pois vejo que foi iludido pelas aparências. Vejo que está ainda longe de conhecer a verdade, a partida. Está longe de adivinhar a originalidade do jantar. E posso acrescentar que, se há alguma coisa duvidosa, o que não nego – por certo não é o peixe. Todavia agradeço o seu louvor!" E o Presidente fez uma vênua trocista.

"O meu louvor?"

"O seu louvor, porque não adivinhou. E, não adivinhando, proclama a minha habilidade. Agradeço-lhe!"

O riso pôs fim a este episódio.

Entretanto eu, que estivera a refletir durante todo o tempo, cheguei subitamente a uma estranha conclusão. Pois, enquanto meditava nas razões do jantar, recordando as palavras do convite e o dia em que fora feito, lembrei-me de súbito que o jantar era considerado por todos como resultado de uma discussão do Presidente com os cinco gastrônomos de Frankfurt. Recordei as expressões de Prosit nessa altura. Ele dissera aos cinco rapazes que estariam presentes ao jantar, que contribuiriam para ele "materialmente". Fora esta a palavra exata que empregara.

Ora estes cinco rapazes não estavam entre os convidados... neste momento a visão dos cinco convidados negros fez-me naturalmente lembrar deles e logo a seguir do fato de serem cinco. A descoberta sobressaltou-me. Olhei para os lugares onde estavam, para ver se seus rostos traíam alguma coisa. Mas os rostos, eles próprios escuros, estavam na escuridão. Foi neste momento que notei a extrema perícia com que a disposição das luzes lançava todo o clarão destas sobre a mesa, deixando a sala em redor em noite, por comparação, especialmente na altura, a partir do chão, em que estavam as cabeças dos cinco criados que faziam o serviço. Por

estranho, por desconcertante que o caso fosse, deixei de ter dúvidas. Tinha a certeza absoluta de que os cinco rapazes de Frankfurt se tinham transformado, para a ocasião, nos cinco criados negros que serviam o jantar. A completa incredibilidade de toda a história fez-me hesitar por algum tempo, mas as minhas conclusões eram demasiado bem tiradas, demasiado óbvias. Não podia ser senão o que eu tinha descoberto.

Lembrei-me imediatamente que, uns cinco minutos antes, no mesmo banquete, tendo os criados negros chamado naturalmente a atenção, um dos membros, Herr Kleist, antropólogo, perguntara a Prosit que raça era a deles (por não conseguir de forma alguma ver-lhes os rostos), e de onde os tinha trazido. A contrariedade que o Presidente demonstrara pode não ter sido absolutamente manifesta; contudo, vi-a claramente, perfeitamente, embora minha atenção não tivesse ainda o estímulo da descoberta que depois fiz. Mas vira a confusão de Prosit e ficara intrigado. Pouco depois – como notara subconscientemente – quando um dos criados apresentava a travessa a Prosit, este dissera alguma coisa em voz baixa; o resultado disto fora que os cinco “pretos” recuaram mais para a sombra, exagerando talvez a distância, na opinião de quem prestasse atenção ao estratagem.

O receio do presidente era, claro, absolutamente natural. Um antropólogo como Herr Kleist, alguém familiarizado com as raças humanas, com os seus tipos, com as suas características faciais, revelaria logo forçosamente a impostura, se lhes visse os rostos. A extrema inquietação de Prosit sobre a pergunta; daí a ordem que deu aos criados para se manterem no escuro. O modo como fugiu à pergunta já não sei; tenho suspeitas, contudo, de que o fez declarando que os criados não eram seus e protestando a sua ignorância da raça a que pertenciam e da mesma forma como tinham vindo para a Europa. Ao

dar esta resposta, contudo, estava, como já notei, muito pouco à vontade; isto com receio de que Herr Kleist pudesse, de súbito, precisamente para ver qual era a raça, desejar examinar os pretos. Mas é óbvio que, se não tivesse negado que lhe pertenciam, não poderia ter dito “esta raça” ou “aquela raça”, pois sendo ignorante de raças e sabendo que o era, podia aventar um tipo de cujas características mais elementares, por exemplo a estatura, estivesse em franca contradição com a dos cinco criados negros. Lembrome vagamente que, depois desta resposta, Prosit a disfarçara com qualquer incidente material, desviando a atenção para o jantar, ou para a gastronomia – para uma coisa, não me lembro qual, que não era os criados.

O tempero requintado dos pratos, a novidade superficial da sua apresentação – se tais coisas não fossem legítimas no Presidente como artista culinário, à parte o objetivo do jantar – isso considerava eu coisas insignificantes feitas de propósito para desviar a atenção, tão manifesto era, na minha opinião, o seu carácter de mesquinho absurdo, de flagrante tacanhez, de voluntário inconvencionalismo. Posso acrescentar que ninguém, depois de as ter examinado, as considerou importantes.

O fato em si era, é verdade, excessivamente, inexprimivelmente estranho; tanto maior razão, disse de mim para mim, para conter a originalidade de Prosit. Era de fato intrigante, refleti, que se tivesse realizado. Como? Como poderiam cinco rapazes absolutamente hostis ao Presidente ser convencidos, treinados, obrigados a desempenhar o papel de criados num jantar, coisa repugnante a todos os homens de certa condição social? Era coisa que causava um sobressalto grotesco, como um corpo de mulher com rabo de peixe. Provocava no espírito a sensação de que o mundo estava de pernas para o ar.

Quanto a serem pretos, explicava-se facil-



mente. Prosit não podia obviamente apresentar os cinco rapazes aos membros da Sociedade com os seus próprios rostos. Era natural que se servisse do vago conhecimento que sabia que tínhamos do fato de ele ter estado nas Colônias para encobrir a partida da sua pretidão. A pergunta torturante era como tinha isto feito; e *isso* só Prosit podia revelar. Eu podia compreender – e contudo não muito bem – que um homem fizesse papel de criado, para um grande amigo e por piada, e como um enorme favor. Mas neste caso!

Quanto mais refletia, mais extraordinário parecia o caso, mas, ao mesmo tempo, com todas as provas que tinha, com o caráter do Presidente, mais provável, mais certo era que a partida de Prosit residisse neles. Bem podia desafiar-nos a descobrir a originalidade do banquete! A originalidade que eu descobrira não residia, é verdade, propriamente no jantar; mas estava nos criados, em algo ligado ao jantar. Neste ponto do meu raciocínio admirei-me de não ter visto isso antes: que, sendo o banquete dado por causa dos cinco rapazes (como agora se sabia), não podia deixar de incidir neles, como vingança, e incidindo neles não podia obviamente recair em coisa mais diretamente ligada ao jantar que os criados.

Estes argumentos, raciocínios, que aqui apresentei em alguns parágrafos, passaram-me pelo espírito em poucos minutos. Estava convencido, confuso, satisfeito. A clareza racional do caso afastou do meu espírito a sua natureza extraordinária. Examinei o caso lucidamente, minuciosamente.

O jantar estava quase no fim, só faltava a sobremesa.

Decidi, para que a minha capacidade fosse reconhecida, contar a Prosit a minha descoberta. Reconsidereei que não podia enganar-me, não podia estar a cometer um erro; a estranheza do caso, tal como o concebia, transformava-o em certeza. Por fim, inclinei-me para Prosit e disse em voz baixa:

"Prosit, meu amigo, descobri o segredo. Estes cinco *pretos* e os cinco rapazes de Frankfurt..."

"Ah! Adivinhou que há uma ligação entre eles." disse isto meio trocista meio duvidoso, mas percebi que estava incomodado e irritado pela sagacidade do meu raciocínio, que não esperava. Ficou pouco à vontade e olhou-me com atenção. E pensei "Tenho razão".

"Claro, repliquei; são os cinco. Disso não tenho dúvida. Mas como diabo o conseguiu?"

"Força bruta, meu caro. Mas não diga nada aos outros."

"Claro que não. Mas força bruta, como, meu caro Prosit?"

"Bem é segredo. Não posso dizer. É um segredo tão grande como a morte."

"Mas como consegue tê-los tão calmos? Estou assombrado. Não fogem nem se revoltam?"

O Presidente teve como uma convulsão de riso interior.

"Não há que recear tal coisa", disse piscando o olho, de modo mais que significativo. "Não podem fugir – não podem. É absolutamente impossível." E olhou para mim calmamente, astutamente, misteriosamente.

Até que se chegou ao fim do jantar – não, não ao fim do jantar – outra singularidade, aparentemente com esse mesmo objetivo – quando Prosit propôs uma saúde. Toda a gente ficou espantada com este brinde, logo após o último prato e antes da sobremesa. todos se admiraram, exceto eu, que via nisto outra excentricidade, sem sentido, para desviar as atenções. Todavia, encheram-se todos os copos. Enquanto se enchiam, alteraram-se imenso os modos do Presidente. Mexia-se na cadeira em grande excitação, com o ardor de um homem que *quer* falar, de alguém que tem que revelar um grande segredo, que tem que fazer uma grande revelação.

Este comportamento foi logo notado. "Prosit tem alguma partida a revelar – a partida. É Prosit sem tirar nem pôr! Vamos a isso, Prosit!"

À medida que se aproximava o momento da saúde, o Presidente parecia enlouquecer de excitação; mexia-se na cadeira, estrebuchava, franzia a cara, sorria, fazia caretas, ria sem nexo e sem parar.

Todos os copos estavam cheios. Toda a gente estava preparada. Fez-se um profundo silêncio. Na tensão do momento, lembrome de ouvir os passos de duas pessoas na rua e ficar irritado por duas vozes – uma de homem, outra de mulher – que conversavam na praça lá em baixo.

Deixei de as ouvir, de tal modo me concentrei. Prosit levantou-se; ou antes, deu um salto, quase derrubando a cadeira.

"Senhores", disse ele, "vou revelar o meu segredo, a partida, o desafio. É muito divertido. Sabem que disse aos cinco rapazes de Frankfurt que estariam presentes ao banquete, que colaborariam da forma mais material? É aí que está o segredo, nisso mesmo."

O Presidente falava apressadamente, incoerentemente, na pressa de chegar ao ponto fundamental.

"Senhores, é tudo o que tenho a dizer. E agora a primeira saúde, a grande saúde. Refere-se aos meus cinco pobres rivais... Porque ninguém adivinhou a verdade, nem mesmo o Meyer [que sou eu]; nem mesmo ele."

O Presidente fez uma pausa; depois, levantando a voz com um grito.

"Bebo", disse ele, "à memória dos cinco rapazes de Frankfurt, que *estiveram presentes em corpo* a este jantar e *contribuíram para ele da forma mais material*."

E desfigurado, selvagem, completamente louco, apontou com um dedo excitado para os *restos de carne que estavam na travessa* que tinha mandado deixar sobre a mesa."

Mal estas palavras tinham sido ditas, um horror sem expressão possível caiu sobre to-

dos nós com um frio espantoso. De momento ficaram todos esmagados pela impensável revelação. Na intensidade do horror, no seu silêncio, parecia que ninguém ouvira, ninguém compreendera. A loucura acima de todos os sonhos era horrível no domínio da realidade. Abateu-se sobre todos um silêncio que durou um momento, mas que pelo sentimento, pelo significado, pelo horror, pareceu durar séculos, um silêncio como nunca se sonhou nem pensou. Não imagino a expressão de cada um, de todos nós. Mas aqueles rostos devem ter tido um aspecto que nunca existiu em qualquer visão.

Isto aconteceu durante um momento – curto, desgastante, profundo.

O meu próprio horror, a minha própria comoção não podem descrever-se. Todas as expressões divertidas e implicações mal-intencionadas que naturalmente, inocentemente ligara à minha hipótese dos cinco criados pretos revelavam agora o seu significado mais profundo, mais horrível. Todo o segredo malicioso, toda a sugestividade da voz de Prosit – tudo isto que agora me surgia na sua verdadeira luz, me arrepiava e me abalava com um temor indizível. A própria intensidade do meu terror parecia impedir-me de desmaiar. Durante um momento eu, como os outros, mas com um receio maior e com mais razão, encostei-me na cadeira e olhei para Prosit com horror que não há palavras que exprimam.

Foi assim durante um momento, durante um momento e não mais. Depois, excetuando os mais fracos, que tinham perdido os sentidos, todos os convidados, fora de si com uma fúria justa e descontrolada, precipitaram-se encarniçadamente para o canibal, para o louco autor desta façanha mais que horrível. Devia ter sido, para um simples espectados, uma cena horrível ver estes homens bem-educados, bem-vestidos, requintados, meio-artistas, animados por uma fúria pior que de animais. Prosit era

louco, mas naquele momento também nós estávamos loucos. Ele não tinha hipótese contra nós – absolutamente nenhuma. De fato, neste instante, estávamos mais loucos que ele. Mesmo *um único* de nós, com a fúria com que estávamos, teria bastado para castigar horrivelmente o Presidente.

Eu próprio, antes de todos, dei um murro no criminoso. Com uma fúria tão horrível que parecia vir de outra pessoa, e ainda agora parece, pois a recordação que tenho é a de uma cena vista imprecisamente, de algo que não pode ter sido verdade. Peguei no jarro de vinho que estava perto de mim e atirei-o, com uma horrível exultação de ira, à cabeça de Prosit. Apanhou-o em cheio na cara, misturando sobre ela sangue e vinho. Sou brando, sensível, detesto sangue. Ao pensar nisso agora, não consigo compreender como foi possível praticar um ato que, para a minha maneira de ser habitual, era de uma tão terrível crueldade, embora justo, pois, sobretudo pela paixão que o inspirou, foi um ato cruel, crudelíssimo. Que grandes devem ter sido então a minha fúria e a minha loucura! E que grandes as dos outros!

“Pela janela fora!” gritou uma voz terrível. “Pela janela fora!” guinchou um coro formidável. E é característico da brutalidade do momento que a forma de abrir a janela foi parti-la completamente. Alguém lhe meteu um ombro com força e despedaçou a parte central (pois a janela era dividida em três) na praça lá em baixo.

Mais de uma dúzia de mãos animais cáfram ansiosamente, disputando, sobre Prosit, cuja loucura estava excitada por um medo inexprimível. Com um movimento nervoso, foi arremessado para a janela, mas não a atravessou, porque conseguiu agarrar-se a uma das divisórias do caixilho.

Novamente o agarraram aquelas mãos, mais nervosamente, mais brutalmente, mais selvaticamente ainda. E com uma conjunção hercúlea de forças, com uma ordem, com

uma combinação perfeitamente diabólica num tal momento, balançaram o Presidente no ar e largaram-no com incalculável violência. Com uma pancada seca, que teria transtornado os mais fortes mas que levou a calma aos nossos corações ansiosos e expectantes, o Presidente caiu na praça, cerca de um metro e meio para lá do passeio.

Depois não se trocou uma palavra, um sinal, cada homem fechado no horror de si próprio, cada um de nós saiu daquela casa. Uma vez lá fora, passada a fúria e o horror que fazia tudo aquilo parecer um sonho, experimentamos o horror inenarrável de deparar novamente com a normalidade. Todos sem exceção se sentiram mal, e muitos desmaiaram. Eu desmaiei mesmo à porta.

Os cinco criados negros de Prosit – eram realmente negros, piratas asiáticos de uma tribo assassina e abominável – estes, que, compreendendo o que se passava, tinham fugido durante a luta, foram apanhados – todos exceto um. Parece que, para a consumação da sua grande partida, Prosit tinha despertado a pouco e pouco neles, com uma habilidade perfeitamente diabólica, o brutal instinto que dormitava na civilização. Tinha recebido ordem de ficar o mais longe possível da mesa em lugares escuros, por causa do medo ignorante e criminoso que Prosit tinha de Herr Kleist, o antropólogo que, pelo que Prosit sabia da sua ciência, poderia ter conseguido ver nos rostos pretos os estigmas da sua criminalidade. Os quatro que foram apanhados foram bem e justamente castigados. ☠



# PURO SANGUE

---

## REJANE GONÇALVES

---

*Eu tenho uma certa dificuldade de me fazer uma biografia, não porque haja pouca ou muita coisa a ser dita (viver já é de bom tamanho, é pano suficiente para as mangas de qualquer biografia sobre qualquer pessoa). Posso dizer o seguinte: Meu nome completo é Rejane Gonçalves dos Santos, nasci em 1947 na cidade de Camocim de São Félix, interior de Pernambuco. Sou formada em Letras. Ensinei por pouco tempo (o dinheiro era curto, curtíssimo) e logo me tornei funcionária do Banco do Brasil, onde me aposentei. Escrevo há muito tempo, desde mil novecentos e antigamente. Não tenho livro publicado, tenho contos que saíram em livros de coletâneas, no jornal Rascunho e no livro que reuniu os vencedores do prêmio Osman de Lins de 2005, concurso de contos promovido pela Prefeitura da Cidade do Recife. Há seis anos, frequento a Oficina Literária do escritor Raimundo Carrero. Afora todas essas coisas, eu leio, leio muito, amo Kafka (você nem imagina quanto) e escrevo, escrevo, escrevo. Moro em Olinda (PE) numa casa com jardim, onde escrevo ao lado de plantas e de um beija-flor.*

Vi meu pai morrer várias vezes, disse-me a moça, de nome Susana, sentada ao meu lado na sala de espera.

Presenciei-lhe as mortes e para todas organizei o velório, providenciei flores, velas, coroas, santinhos de lembrança, orações fúnebres, essas coisas de que os vivos se valem num desejo de ornamentar a despedida derradeira, como se embrulhando uma roupa já muito usada num lindo papel de presente, o fato de desfazer-se dela, lhes redimisse do ato extremo de jogá-la fora. Percebia que a morte mais nova, aquela que havia de pronto sucedido à última, era sempre mais forte do que suas companheiras, por assim dizer, robusta, pesada feito o caminhar de um gado gordo, solene como se a ela, e somente a ela, coubesse assumir a carga da finitude, além de ter a incumbência de me assegurar o óbvio: eu não teria mais que sepultar aquele

morto. Por um tempo a promessa se cumpria, mas logo lá estava Susana à procura das funerárias, a discutir preços, a ler as despedidas nas coroas penduradas nos cavaletes, sempre agarrada a uma braçada de flores, menos por oferenda mais para sustentar-se.

Bem no meio da rua, eu vi o cavalo de cor castanha, a crina de um marrom mais claro repousando em toda a extensão do dorso, na placidez dos panos enfeitados que caem para os lados da cama. O brilho do pelo lembrava a aparência de quem tivesse passado um longo tempo sob uma chuva fina a escorrer de leve e insistentemente sobre o corpo, emprestando-lhe um quê de diamante bruto saído das profundezas da terra e exposto de supetão à luz do sol. Primeiro me veio à mente e quando me chegou à garganta não pude suportar, abri a boca num comentário que, por vários anos, serviria de

anedota nas reuniões da família: parece com meu pai.

Consigo ver o homem com seu cheiro infantil de alfazema, os ternos de linho de cor clara, camisa imaculadamente branca, a corrente do relógio de algibeira caindo-lhe plácida sobre a roupa, os óculos ray-ban de lentes tão verdes a esconder o escuro dos olhos, o chapéu cinza, às vezes preto, com aba pendida de leve para um dos lados da cabeça, a sombrear o nariz nem grande nem pequeno. Nariz de homem, me dizia Susana, no centro de um rosto bem feito que respeitava todas as proporções de um rosto de homem. Ria pouco, meu pai, mas, quando o fazia, sua face inteira se iluminava; a boca, na medida certa, escancarada, a trazer para dentro de sua alegria os quatro sentidos que lhe compunham o rosto, os dentes a emitir raios tão brilhantes quanto

o pelo do cavalo que um dia ela vira no meio da rua.

Morávamos numa cidade de clima frio; ele acordava muito cedo e, a bocejar com hálito fumacento, encaminhava-se decidido ao banho gelado, não os suportava quentes, davam-lhe coceiras, são para os fracos e as mulheres. Interrompido o trabalho, ao meio-dia voltava a casa para almoçar e nunca se esquecia de trazer, nos bolsos do paletó, bombons escondidos; cabia a nós, apenas, achá-los. Posso ver o homem entornar, de um só gole, um pouco menos que a metade do copo pequeno de uma cachaça branca, translúcida, da cor etérea da água; arrancar com os dentes a carne de uma coxa de galinha, ou trincar um pedaço de peixe, ou morder um pedaço de rosbife, retirados da panela do almoço para ajudá-lo a suportar o ardor da boca. Na época dos cajus, vi

Participe da história  
da literatura brasileira:  
assine o **Rascunho**.

Assinatura anual por apenas  
**R\$ 60,00**

[www.rascunho.com.br](http://www.rascunho.com.br)  
[rascunho@gmail.com](mailto:rascunho@gmail.com)  
41 3019.0498



meu pai aplacar esse ardor no travo dessas frutas, fossem elas amarelas ou vermelhas. Ao ser obrigado pela água ardente a contorcer o rosto numa careta, se um de nós estivesse a observá-lo, falava que era para abrir o apetite, olhava o que lhe era destinado, naquele dia, por tira-gosto, recolhia-o prazerosamente e rumava para o banheiro atrás de mais um banho frio. Nessas ocasiões, da nudez do meu pai, víamos apenas o peito de poucos pelos, ainda um pouco encoberto pela toalha que pendurava no pescoço e caía-lhe tronco afora, à maneira das tranças. Era capaz de enxergar o homem metido em suas claras calças de linho, tapando aos filhos a visão de suas pernas.

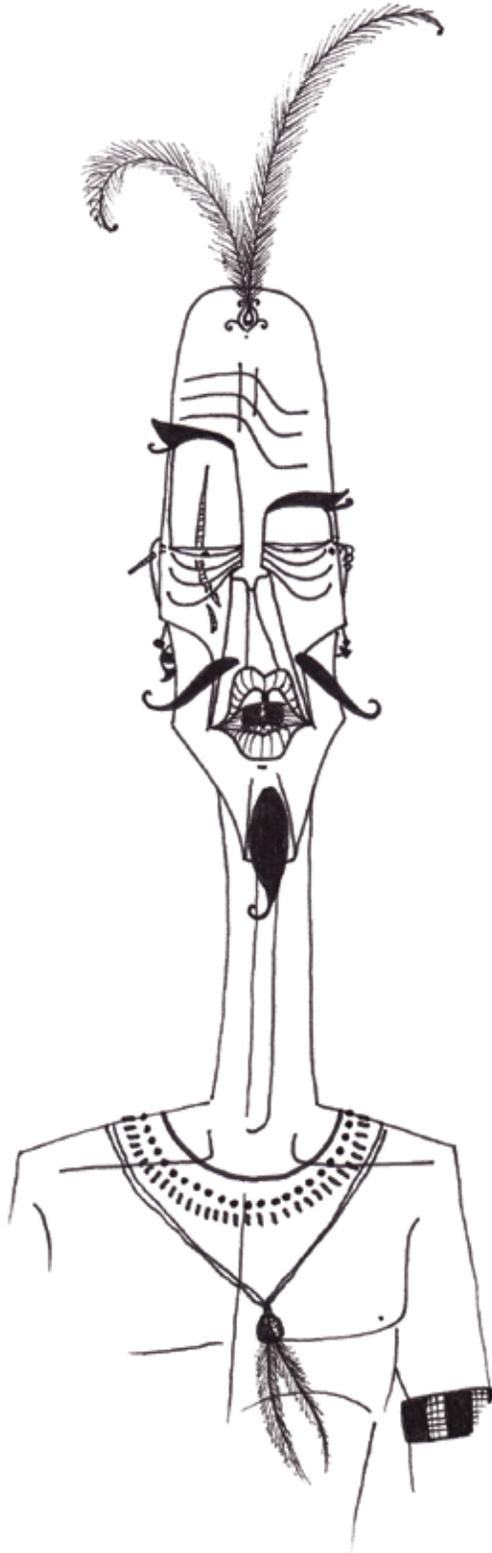
Um dia ele convenceu minha mãe de que deveríamos nos mudar para uma cidade maior, não distante da que habitávamos, por se fazer necessário bons colégios aptos à continuidade da educação escolar de meus filhos, falava, meus amados filhos; e ela bem sabe que este nosso lugarzinho pequeno não os possui nem bons, nem ruins. Ele permaneceria aqui, em nossa cidade de nascimento, ficando conosco só nos finais de semana, até conseguir vender a loja de tecidos, encerrar outros negócios nos quais tinha participação e esperar que terminasse seu mandato de vereador. Não sabia precisar quanto tempo ficara separada do pai. Quando finalmente anunciou sua chegada definitiva para dali a uns três dias, mãe e filhos o aguardaram com a ansiedade triplicada como se dele tivessem se separado desde que o mundo é mundo.

Passou-se um dia da data marcada, dois dias, no início do terceiro dia, minha mãe, já pronta para ir à polícia, temendo que ele tivesse sido vítima de algum desafeto político, meu tio Hermes, irmão do meu pai, entra em nossa casa, impede que ela vá, abanca-se na cadeira mais confortável da sala, aquela que tivera a madeira polida mil vezes e o forro lavado outras tantas para re-

ceber o dono, e diz para a mãe de Susana não se dar ao trabalho, não gastar passos e saliva em vão. Escuta que o pai havia alugado uma casa na cidade do meio, entre a dela de nascimento e a que morava agora para completar os estudos. Teríamos que nos mudar de novo, pensei, até ouvir direito o resto da história que meu tio contava. Dizia para termos paciência, lembram-se da moça empregada da loja e dos comentários sobre os dois? Pois é, ele, vosso marido e vosso pai está com ela, lá, mas eu tenho certeza de que meu irmão volta, é como eu disse: é só vocês terem um pouco de paciência, um pouquinho só e esperar que acabe essa lua de mel. Desde então não suporto as noites de lua, prefiro, ao invés da cara redonda e amarelada a acender os céus, o escuro, as noites de puro breu. Quanto ao mel, enjojo até os das melhores floradas, tem um gosto de abelhas zumbindo, a me morder a língua, a depositar ali seus ferrões.

Cinco dias após o prazo estabelecido o pai chegou. No meio do fogo que pipocava em tudo quanto era lugar da casa, frente aos canhões que apontavam suas bocas para ele, defendia-se. Insistia em dizer que tudo era mentira, o irmão lhe levantara um falso, louco, não sabíamos que seu irmão já tinha passagem no hospício, não sabíamos? Realmente isso era verdade, o tio Hermes, quando muito jovem estivera uma temporada numa casa de loucos. Ao sentir as mãos de meu pai me segurando o rosto para olhá-lo nos olhos, como fez a cada um de nós, a exclamar: é mentira, não acredite no louco do meu irmão, é mentira; eu percebi que sua camisa, inexplicavelmente, de um verde pálido, tinha o agravante das mangas arregaçadas e, como se não bastasse, ele vestia uma calça azul-marinho de um tecido estranho que não amassava. E o paletó, cadê o paletó?

Muito antes de começar o filme, entrávamos, ele e eu, no único cinema de nossa



cidade; ficávamos ali, naquela sala enorme, a esperar que as luzes se apagassem, dando lugar às manchas azuladas que subiam pelas paredes, depois de acesas as lâmpadas laterais envoltas em vidros côncavos de sutil transparência e, ao apagar destas, esperávamos o último apito rouco, vindo de uma espécie de sirene que anunciava o início da projeção, como dizia meu pai. Susana olhava aqueles homens e mulheres se locomoverem em preto-e-branco por cenários tão diferentes dos de seu lugar, tão misteriosos e belos. Conheceu o mar feito de prata, as ondas e seu alvor de espumas a ir e vir na areia, o luxo dos navios, as nuvens cortadas por aviões, risos, prantos, ódios, alegrias, tristezas, beijos, brigas, tudo estampado na cara e nos gestos de atores e atrizes que estavam ali, a esperá-los, três vezes por semana, quando o pai ia com ela, e somente com ela, ao cinema. Amo os filmes por causa do amor de meu pai por eles. Daí, ao vê-lo negar com tanta convicção os fatos contados pelo tio Hermes, lembrei no exato momento em que ele me segurava o rosto, antes mesmo de perceber suas roupas diferentes, o gângster que, atacado pela quadrilha rival, resistiu a socos e pontapés, não sei de nada, de mim não vão conseguir nada além dessas duas palavras: não sei. Imaginei meu pai nas mãos de bandidos bem fortes que lhe apertassem a garganta, trisçassem seu pescoço esticado com a lâmina de uma navalha, os pingos de sangue a se amontoar no assoalho, eu recolhendo um a um e guardando-os dentro de meu pequeno porta-jóias, cristalizados, verdadeiros rubis a provar a inocência e valentia dele.

Chegou um dia em que o pai de Susana disse-lhe que nunca mais iria ao cinema. Um dos meus irmãos, o de nome Pedro para lembrar de outro Pedro, não o apóstolo, o santo, mas o Páramo, teve uma morte repentina, trágica e meu pai falou que não queria ver o que os olhos do seu filho jamais ve-

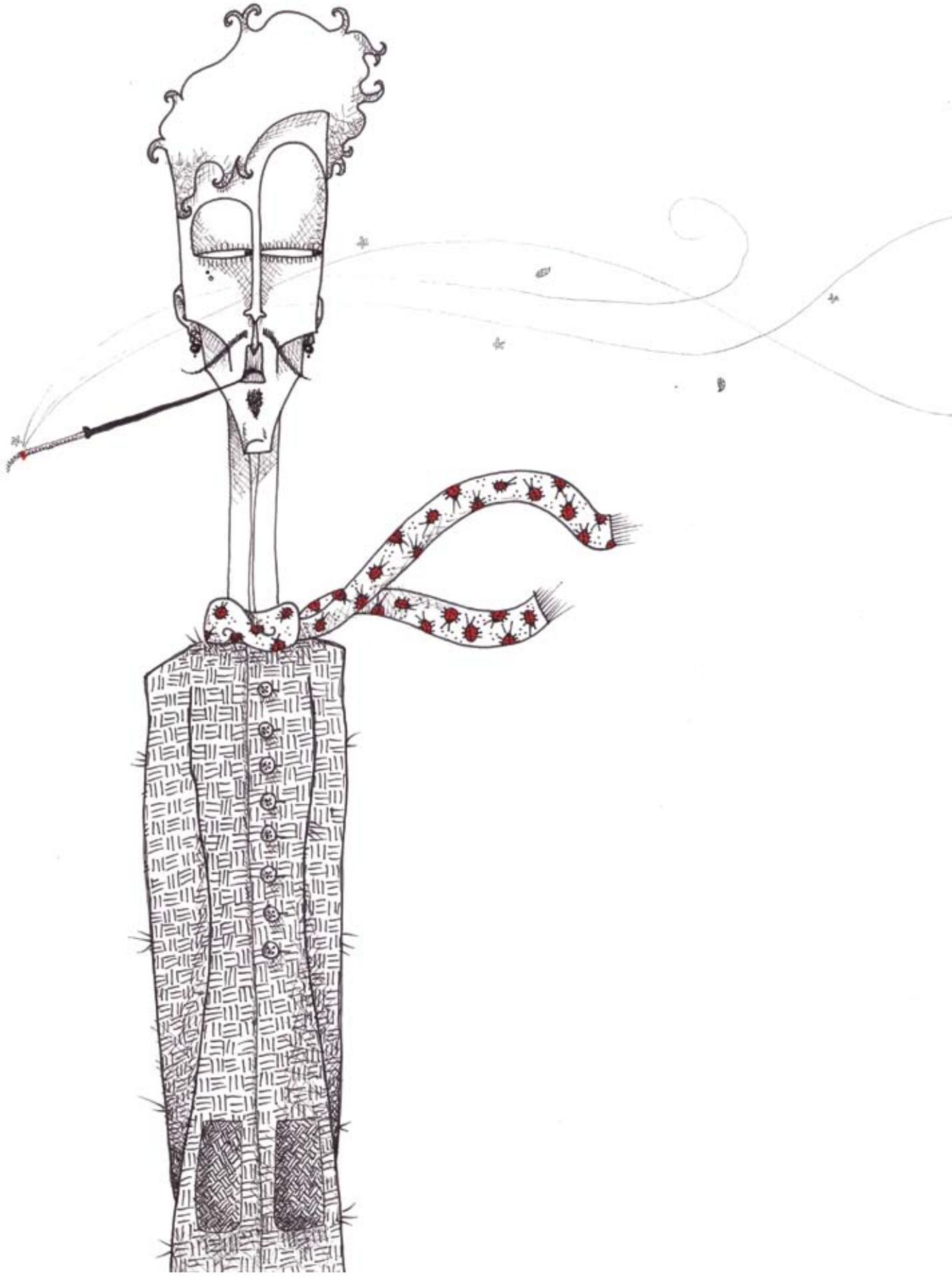
riam. Esse irmão, nenhum dos meus irmãos o acompanhava em suas idas ao cinema. A paixão era minha e dele. Surgiu-me, não sei bem de onde, mais que a coragem a ousadia de perguntar: vai furar os olhos papai? Ele levantou a vista da leitura do jornal e me respondeu calmamente, numa voz liberta de qualquer esperança, grave, quase destituída de som, como que destinada a ninguém, ou somente a ele: no que eu achar que devo, pode apostar que sim.

Lembro-me do meu pai sentado à mesa, que preferia farta. Servia-se, e não comia de imediato, pois cultivava a mania de sugerir, quase que obrigar as visitas, ou mesmo a nós, os filhos, ou aos agregados – e foram muitos os que viveram em nossa casa e eram generosamente recebidos para permanecer em nossa companhia enquanto precisassem, ou quisessem; às vezes para morrer, os minados pela doença eram acolhidos para ter um lugar onde morrer – a colocarem tais e tais alimentos no prato. Comprazia-se em ver todos se servirem de tudo, enquanto sua própria comida esfriava. Susana não gostava desse hábito do pai, sempre achou que ele constrangia as pessoas e não suportava que elas o julgassem insistente e tolo, mas a casa era dele e tinha-se mesmo que comer muito e de tudo.

Chegou um tempo em que o braço estendido a apontar determinada comida, encontrava-se metade nu, coberto apenas pelas mangas arregaçadas de camisas sutilmente listradas, de cores esmaecidas, ensacadas dentro de calças escuras de tecido duvidoso, que não lhe assentavam bem. Vejo ocasiões em que os braços daquele homem voltaram a ser totalmente cobertos, isto, só à mesa do jantar, por pijamas de mangas longas postos por ele, à tardinha. Sem nenhuma cerimônia parece-me vê-lo receber algum amigo, desse jeito, vestido para dormir, encaminhar-se à cabeceira da mesa, sentar-se e, de vez em quando, sem se dar conta, mergulhar os de-

bruns das longas mangas do pijama na sopa quente, nos instantes em que, solícito, se esticava para impor um prato. Se avisado, fazia de conta que não ouvia.

No décimo oitavo dia do quarto mês do ano, Susana foi visitar o pai. Encontrou-o já à porta da casa, um tanto apressado, estranha urgência em sair, carência visível de escapar. Dei-lhe um abraço e afastando-me um pouco para vê-lo melhor, surpreendi-o com uma camisa de manga curta de um vermelho desbotado, meio larga, talvez herança de um filho mais corpulento. Espantei-me com uma bermuda preta de algum tecido sintético, que mal lhe chegava aos joelhos. As pernas do meu pai eram muito brancas e finas, a pele esticada sobre o osso central me conta de alguma ferida velha, cicatrizada à custa de dolorosos tratamentos. Os pés magros, de unhas cortadas rente, não mereciam o desconforto de um chinelo de dedo, meio gasto. Quis me achar um pouco mais, sentir o cheiro de alfazema. Riu-me, um riso plano de águas paradas, desvencilhou seu corpo do meu e saiu na companhia de uma voz que gritava de dentro da casa o que deveria comprar na bodega mais próxima. Tive vontade de prender-lhe o rosto em minhas mãos e exigir: diga que é mentira, diga que é mentira. Olhei meu pai de cima a baixo por mais de uma vez. Vi-o vencer a pequena passagem da porta principal ao portão do jardim, tomar a calçada, depois o meio da rua, afastar-se, tornar-se menor, desaparecer. Guardei meu pai num vasto compartimento de minha memória, vizinho àquele onde vive a imagem do cavalo, que um dia eu observara, ao sol. Desde então, eu morri. 🐾



# UM DE NÓS

JOHN FANTE

TRADUÇÃO DE ROBERTO MUGGIATI

*John Fante (1909-1983) começou a escrever em 1929 e seu primeiro conto saiu em The American Mercury em 1932. Publicou inúmeros contos em The Atlantic Monthly, The Saturday Evening Post, Collier's, Esquire e Harper's Bazaar. Seu primeiro romance, Espere a Primavera, Bandini, saiu em 1938 e, no ano seguinte, Pergunte ao Pó. Em 1955 foi acometido de diabetes e as complicações da doença provocaram sua cegueira em 1978, mas continuou a escrever ditando os textos à sua mulher, Joyce, e o resultado foi Sonhos de Bunker Hill. Raros autores foram tão obcecados por seu alter ego como John Fante. O (anti)herói autobiográfico Arturo Bandini aparece em quatro de seus livros. Em Dago Red (1940, republicado como O Vinho da Juventude em 1985), Fante introduz um novo alter ego, Jimmy Toscana. A seguir publicamos um trecho de Um de Nós conto que pertence ao O Vinho da Juventude livro que a editora José Olympio está lançando e faz parte do trabalho de resgate da obra do autor que a editora realiza aqui no Brasil.*

Minha mãe acabara de levar os últimos pratos do jantar para a cozinha quando a campainha tocou. Todos nos levantamos como uma congregação e corremos para atender a porta. Mike chegou primeiro. Escancarou a porta e nós encostamos o nariz na tela. Lá estava um garoto de uniforme com o quepe numa mão e um telegrama no fundo.

– Telegrama para Maria Toscana– disse.

– Telegrama, papai! – Mike gritou. – Alguém morreu! Alguém morreu!

Só chegava um telegrama em nossa casa quando alguém da família morria. Acontecera três vezes em nossas vidas quando crianças. Aquelas três vezes foram a morte de meu avô, de minha avó e a morte de meu tio. Uma vez, porém, um telegrama chegou à nossa casa por engano. Nós o encontramos debaixo da porta quando voltamos para casa tarde da

noite. Ficamos todos muito surpresos, pois continha votos de feliz aniversário para uma senhora chamada Elsie, que nenhum de nós conhecia. Mas a coisa mais surpreendente daquele telegrama é que não era um aviso de morte. Até então não nos ocorrera que um telegrama poderia ter outros usos.

Quando meu pai ouviu Mike gritar, deixou cair o guardanapo e empurrou a cadeira para trás. Nós, na porta, andávamos de um lado para o outro, excitados e ansiosos. Mamãe ficou na cozinha. Meu pai caminhou com ar importante até a porta e, como um homem que havia passado a vida inteira assinando recibos de telegramas, assinou o recibo daquele. Nós o observamos rasgar e abrir o envelope amarelo de modo que o papel se separasse o suficiente para que seus dedos pesados alcançassem a mensagem no interior. Franziu a testa para nós e caminhou

até o centro da sala de estar, debaixo do candelabro. Segurou no ar a mensagem, quase acima da cabeça. Mesmo saltitando, nós garotos não conseguíamos botar os olhos sobre o papel e meu irmão pequeno Tony, que era um nanico e pequeno demais para ler, de qualquer modo, escalou um lado do corpo de papai como se o homem fosse uma árvore, e meu pai se sacudiu e Tony caiu ao chão.

– Quem morreu? – perguntamos. – Quem morreu?

– Calma, calma – meu pai disse, como alguém que fala a cachorrinhos saltitantes.

– Quietos aí. Calma, calma.

Semicerrando os olhos, ele dobrou o agourento papel amarelo e voltou ao seu lugar à mesa. Seguimos em fila atrás dele. Mandou-nos embora, mas enxameamos em torno dos seus ombros e Tony subiu as travessas da cadeira e enfiou os dedos na sua camisa na altura do colarinho. Minha mãe ficou parada na porta da cozinha mordendo os lábios. A preocupação comprimia seu rosto. Suas mãos se agitavam como gatinhos debaixo do avental xadrez.

Ofegantes, esperamos. Ofegantes, tentamos adivinhar a quem diria respeito a triste notícia. Esperávamos que não fosse nossa tia Louise, porque sempre nos mandava presentes de Natal tão maravilhosos. Não nos importávamos se fosse nossa tia Teresa, pois de que nos valia na época do Natal? De nada. Tudo o que recebíamos dela era um cartão de boas festas e sabíamos que custava apenas um centavo, porque era do tipo exato que a nossa mãe comprava. Se tinha morrido, o merecia, por ser tão sovina.

Papai se desvencilhou de nós. Enfaticamente mandou que voltássemos aos nossos lugares. Minha mãe ocupou em silêncio o seu assento. Apoiava o pequeno rosto preocupado entre os dedos estendidos, como uma mulher reunindo forças para uma por-

ção. Tinha muitos irmãos e muitas irmãs que não via desde a adolescência, pois se casara ainda muito cedo. Podíamos ver que a mente do meu pai buscava aqui e ali pela mais rápida e melhor maneira de anunciar o triste choque quando finalmente minha mãe estivesse pronta para recebê-lo. Ela ergueu o rosto e olhou para ele com os olhos abertos ao máximo.

– Quem, Guido? – perguntou. – Quem foi?

– Clito – ele disse. – O filho da sua irmã Carlotta.

– Morreu?

– Mataram-no. Foi atropelado. Está morto.

Por muitos momentos silenciosos minha mãe ficou sentada como uma estátua num vestido de riscado. Então ergueu o rosto para o local que, acreditava, continha a vida eterna. Seu lábios se distenderam como num beijo de despedida. Seus olhos estavam tristes demais para ficarem abertos.

– Sei que sua pequena alma aparece bonita na visão de Deus – ela sussurrou.

Era nosso primo, o único filho do tio Frank e de tia Carlotta, a irmã mais velha de minha mãe. Moravam em Denver, cinquenta quilômetros ao sul de nossa cidadezinha. Clito era só um dia mais velho do que o nosso Mike, o segundo em idade das crianças de nossa casa. Clito e Mike haviam nascido no mesmo hospital de Denver dez anos atrás. Foram trazidos à vida pelo mesmo médico e – coisa maravilhosa – os dois meninos eram notavelmente semelhantes em rosto e físico. Entre os muitos membros do nosso clã espalhado eram sempre mencionados como Os Gêmeos, pois eram inseparáveis quando nossa família morava entre os italianos do norte de Denver até três anos atrás e, embora brigassem com frequência, parecia existir um parentesco mais profundo entre os dois do que entre Mike e eu, ou entre Mike e Tony. Mas, há três anos, nossa família se mudara de

Denver para a cidadezinha nas montanhas e Mike não vira o primo desde então.

Essas foram as razões por que, no silêncio depois que meu pai falou, minha mãe olhou tão apaixonada, tão possessivamente para Mike, os olhos começando lentamente a marejar. Mike sentiu o seu olhar. Era ainda pequeno demais para perceber o significado da morte de Clito, mas sentia os olhos de minha mãe sobre si, como que a puxá-lo para ela, e tamborilou os dedos nervoso, olhando para meu pai em busca de clareza e apoio. Minha mãe empurrou para trás a cadeira e foi para o quarto. Nós a ouvimos deitar-se e então a ouvimos soluçando.

– Aposto que Clito está no Céu – disse Mike. – Aposto que ele não teve de parar no Purgatório.

– Claro – meu pai disse. – Era um bom menino. Foi direto para o Céu.

Minha mãe gritou do quarto.

– Mike – chamou –, venha cá com a mamãe.

Ele não queria deixar a mesa. Mas olhou para meu pai, que acenou com a cabeça, e então se levantou e partiu hesitante. Ouvimos minha mãe puxá-lo para o seu lado na cama e ouvimos os beijos úmidos e violentos em seu rosto e pescoço. Ouvimos o som ardente de lábios beijando e os gemidos possessivos de minha mãe.

– Mas não sou eu! – Mike dizia. – Veja! Não estou morto!

– Graças a Deus! Graças a Deus Todo-Poderoso!

Depois que meu pai deixou a mesa, o telegrama ficou aberto no seu lugar, um canto dele na tigela da salada, o papel amarelo sugando o azeite da salada como um mata-borrão. Mergulhamos sobre ele. Eu o peguei primeiro e o segurei acima de mim, fora do alcance dos dedos em garra da minha irmã Clara, na ponta dos pés. Subi na cadeira de papai e ergui o papel quase à altura do teto. Minha irmã subiu

na cadeira ao meu lado. Acima da cabeça eu li a mensagem enquanto ela se pendurava em mim e meu irmãozinho Tony puxava minhas calças num esforço para me destronar.

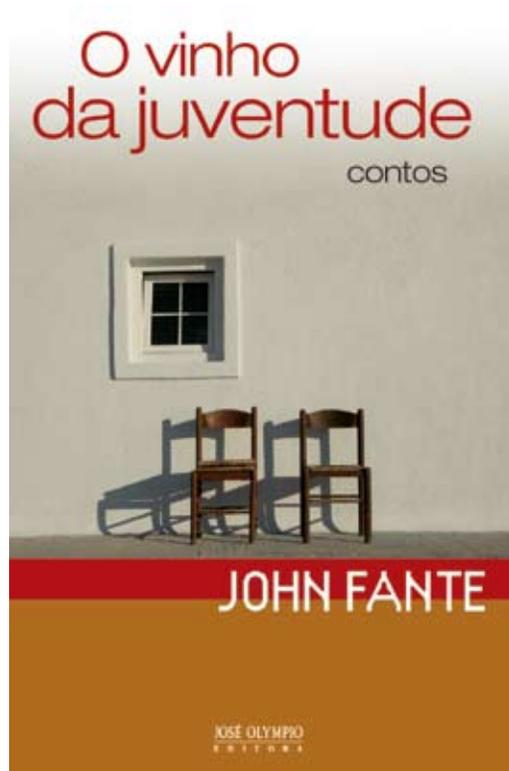
– Deixe-me ler! – ele gritou.

– Seu bobinho! – disse Clara. – Ainda não sabe ler! Não está nem na escola!

– Sim, eu sei ler! Você não sabe tudo, por isso pare aí!

A mensagem dizia: “Clito atropelado por caminhão quando andava de bicicleta. Morreu esta tarde às quatro horas. Enterro no domingo às três horas.”

Deixei-a cair dos dedos e o papel flutuou em zigue-zague em direção ao chão. Clara e Tony caíram sobre ele e instantaneamente ficou em retalhos, por todo o chão. A comoção no linóleo trouxe minha mãe e Mike correndo do quarto. Minha mãe viu o telegrama esfaçalhado pelo chão e, secando os olhos com a barra do avental, disse:



– Eu não cheguei a ler. Como foi que ele morreu?

– Foi atropelado por uma bicicleta – eu disse.

Meu pai estava na sala da frente, lendo o jornal.

– Não – corrigiu. – O menino foi atropelado por um caminhão.

– Não, não foi – eu disse. – Foi ele que atropelou o caminhão.

– O caminhão atropelou ele.

Então, com constantes interrupções, todos nós perdemos a noção do que havia realmente acontecido. Em pouco tempo eu insistia que o nosso falecido Clito vinha na carroçaria do caminhão com a bicicleta ao seu lado e tinha caído quando o veículo bateu num buraco na estrada. Meu pai também era impreciso. Disse que o pequeno Clito fora atropelado e morto por um homem montado numa bicicleta. Agora adivinhávamos a esmo. Até Tony tinha uma interpretação a oferecer. Insistia que também havia lido o telegrama, mas disse que Clito fora morto por um avião alemão que jogara bombas de um aeroplano. Na confusão, ninguém tinha nada mais a oferecer.

Então Clara disse:

– Talvez todos vocês estejam errados. Ele pode ter sido atropelado por uma motocicleta.

Em desespero, minha mãe perguntou se havia menção de um enterro.

– Terça-feira.

– Segunda-feira.

– Sexta-feira.

– Não é no domingo? – Clara disse.

Enquanto discutíamos interminavelmente, minha mãe e Mike recolheram os pedaços de papel amarelo e os juntaram na mesa. 📄



# VIAGEM À SEMENTE

---

ALEJO CARPENTIER

TRADUÇÃO DE I. PORTBOU

---

*O cubano Alejo Carpentier (1904-1980) foi um dos responsáveis pela renovação da literatura latino-americana. Começou sua carreira como jornalista em "La Discusión", integrou o Grupo Minorinista que era contra o governo de Alfredo Zayas. Em 1927 foi acusado de comunista e preso, no ano seguinte fez uma fuga espetacular para Paris usando o passaporte do poeta francês Robert Desnos. Quando regressou para Cuba em 1939 trabalhou na produção de programas para rádio. Ao longo de toda a sua vida foi um estudioso da América. No prólogo de O Reino Deste Mundo Carpentier diz que sua escrita faz parte do "maravilhoso real". Entre suas obras estão Os Passos Perdidos, Concerto Barroco e O Século das Luzes.*

– O que você quer, velho?

Várias vezes a pergunta caiu do alto dos andaimes. Mas o velho não respondia. Andava de um lado para o outro, bisbilhotando, arrancando da garganta um comprido monólogo de frases incompreensíveis. Já haviam descido as telhas, cobrindo os canteiros mortos com seu mosaico de barro cozido. Em cima, os cumes desprendiam pedras de alvenaria, fazendo-as rodar por calhas de madeira, com grande agitação de cal e gesso. E pelas ameias sucessivas que iam desdentando as paredes apareciam – despojados de seu segredo – céus planos ovais ou quadrados, cornijas, grinaldas, dentículos, astrágalos, e papéis colados que se penduravam dos testeiros como velhas peles de serpente em muda. Presenciando a demolição, uma Ceres com o nariz quebrado e a túnica desbotada, listado de preto o penteado de

plantas, erguia-se no pátio, sobre sua fonte de máscaras borradas. Visitados pelo sol em horas de sombra, os peixes cinza do tanque bocejavam em água musgosa e morna, olhando com o olho redondo aqueles trabalhadores, negros sobre céu claro, que iam baixando a altura secular da casa. O velho tinha se sentado, com o cajado apontando para a barba, ao pé da estátua. Olhava o subir e baixar de baldes em que viajavam restos apreciáveis. Ouviam-se, em surdina, os rumores da rua enquanto, acima, as polias faziam um concerto, sobre ritmos de ferro com pedras, de seus gorjeios de aves desagradáveis e peitudas.

Eram cinco horas. As cornijas e entablamentos se despovoaram. Só ficaram escadas de mão, preparando a transposição do dia seguinte. O ar se fez mais fresco, aliviado de suores, blasfêmias, chiados de cordas, eixos

que pediam óleo e palmadas de ânimo. Para a casa expurgada o crepúsculo chegava mais rápido. Vestia-se de sombras na hora em que sua já caída balaustrada superior costumava brindar às fachadas algum resplandecer de sol. A Ceres apertava os lábios. Pela primeira vez os quartos dormiriam sem persianas, abertas sobre uma paisagem de escombros.

Contrariando seu propósito, vários capitais jaziam entre as ervas. As folhas de acanto descobriam sua condição vegetal. Uma trepadeira aventurou seus tentáculos até a voluta jônica, atraída por um ar de família. Quando caiu a noite, a casa estava mais próxima da terra. Um batente de porta se erguia ainda, no alto, com tábuas de sombras suspensas de suas dobradiças desorientadas.

## II

Então o negro velho, que não havia se mexido, fez gestos estranhos, rodando seu cajado sobre um cemitério de lajotas.

Os quadrados de mármore, brancos e pretos, voaram a seus pisos, vestindo a terra. As pedras com saltos certos, foram fechar as brechas das muralhas. Folhas de noqueira cravejadas se encaixaram em seus batentes, enquanto os parafusos das dobradiças voltavam a fundir-se em seu buraco, com rápida rotação.

Nos canteiros mortos, levantadas pelo esforço das flores, as telhas juntaram seus fragmentos, levantando um sonoro redemoinho de barro, para cair em chuva sobre a armação do teto. A casa cresceu, trazida novamente a suas proporções habituais, pudorosa e vestida. A Ceres ficou menos cinza. Houve mais peixes na fonte. E o murmúrio da água chamou begônias esquecidas.

O velho introduziu uma chave na fechadura da porta principal e começou a abrir as janelas. O salto de seus sapatos ecoavam. Quando acendeu as velas, um estremecimento amarelo correu pelo óleo dos retratos de

família, e pessoas vestidas de preto murmuraram em todas as galerias, ao compasso de colheres mexidas em xícaras de chocolate.

Dom Marcial, o Marquês de Capellánias, jazia em seu leito de morte, o peito encouraçado de medalhas, escoltado por quatro círios com compridas barbas de cera derretida.

## III

Os círios cresceram lentamente, perdendo suores. Quando recobriram seu tamanho, a freira os apagou afastando uma luz. Os barbantes branquearam, projetando o pavio. A casa se esvaziou de visitantes e as carruagens partiram na noite. Dom Marcial apertou um teclado invisível e abriu os olhos.

Confusas e emaranhadas, as vigas do teto iam se colocando em seu lugar. Os frascos de remédio, as borlas de damasco, o escapulário da cabeceira, os daguerreótipos, as palmas da grade, saíram de seus neveiros. Quando o médico mexeu a cabeça com desconsolo profissional, o enfermo se sentiu melhor. Dormiu algumas horas e despertou sob o olhar negro e sisudo do Padre Anastácio. De franca, detalhada, povoada de pecados, a confissão se fez reticente, penosa, cheia de esconderijos. E que direito tinha, no fundo, aquele carmelita, de intrometer-se em sua vida? Dom Marcial se viu, de repente, estirado no meio do aposento. Aliviado de um peso nas têmporas, levantou-se com surpreendente rapidez. A mulher desnuda que se espreguiçava sobre o brocado do leito procurou anáguas e corpetes, levando consigo, pouco depois, seus rumores de seda torcida e seu perfume. Embaixo, no carro fechado, cobrindo os rebites do assento, havia um envelope com moedas de ouro.

Dom Marcial não se sentia bem. Ao ajeitar a gravata em frente o espelho do aparador se viu congestionado. Desceu ao

escritório onde lhe esperavam homens de justiça, advogados e escriturários, para dispor a venda pública da casa. Tudo tinha sido inútil. Seus pertences iriam para as mãos do melhor proponente, ao compasso do martelo batendo uma tábua. Cumprimentou e lhe deixaram sozinho. Pensava nos mistérios da letra escrita, nesses fios negros que se enlaçam e desenlaçam sobre largas folhas filigranadas de balanças, enlaçando e desenlaçando compromissos, juramentos, alianças, testemunhos, declarações, sobrenomes, títulos, datas, terras, árvores e pedras; emaranhado de fios tirado do tinteiro, em que se enredavam as pernas do homem, vetando-lhe caminhos indeferidos pela Lei; corda ao pescoço, que apertavam sua surdina ao perceber o som temível das palavras em liberdade. Sua assinatura o havia traído, indo a complicar-se o nó e emaranhados de maços de papel. Presos por ela, o homem de carne se fazia homem de papel. Era o amanhecer. O relógio da sala de jantar acabava de dar seis da tarde.

#### IV

Transcorreram meses de luto, sombreados por um remorso cada vez maior. A princípio, a idéia de trazer uma mulher para aquele aposento se fazia quase razoável. Mas, pouco a pouco, as necessidades do corpo novo foram deslocadas por escrúpulos crescentes, que chegaram ao flagelo. Certa noite, Dom Marcial se ensangüentou as carnes com um cinturão, sentindo logo um desejo maior, mas de curta duração. Foi então quando a Marquesa voltou, uma tarde, de seu passeio pelas margens do Almendares. Os cavalos da carruagem não traziam nas crinas mais umidade que a do próprio suor. Mas, durante todo o resto do dia, dispararam coices nas tábuas do estábulo, irritados, ao parecer pela imobilidade das nuvens baixas.

No crepúsculo, um pote cheio de água se rompeu no banho da Marquesa. Então, as chuvas de maio transbordaram o tanque. E aquela negra velha, com jeito de selvagem e pombas debaixo da cama, que andava pelo pátio murmurando: "Desconfia dos rios, minha filha, desconfia do verde que corre!" Não havia dia em que a água não revelasse sua presença. Mas essa presença acabou por não ser mais que uma xícara derramada sobre o vestido trazido de Paris, no regresso do baile de aniversário dado pelo Capitão Geral da Colônia.

Reapareceram muitos parentes. Voltaram muitos amigos. Já brilhavam, muito claros, os lustres do grande salão. As fendas da fachada iam se fechando. O piano voltou ao clavicórdio. As palmeiras perdiam anéis. As trepadeiras saltavam a primeira cornija. Branquearam as olheiras da Ceres e os capitéis pareciam recém talhados. Mais fogofo, Marcial costumava passar tardes inteiras abraçando a Marquesa. Desapareceram pés de galinha, cenhos e papadas, e as carnes voltavam à sua dureza. Um dia, um cheiro de pintura fresca encheu a casa.

#### V

Os rubores eram sinceros. Cada noite se abriam um pouco mais as folhas dos biombo, as saias caíam em lugares menos iluminados e eram novas barreiras de rendas. Por fim a Marquesa assoprou as lâmpadas. Somente ele falou na escuridão. Partiram para o engenho, em grande trem de carruagens – reluzente de garupas alazãs, pedaços de prata e vernizes ao sol. Mas, à sombra das flores de Páscoa que avermelhavam o átrio interior da casa, repararam que mal se conheciam. Marcial autorizou danças e tambores de Nação, para distrair-se um pouco naqueles dias que cheiravam a perfumes de Colônia, banhos de benjoim, cabeleiras dispersas, e lençóis tirados de armários que, ao abrir-se,



deixavam cair sobre a louça um maço de ve-tiver. O odor de garapa girava na brisa com o toque de oração. Voando baixo, o vento anunciava chuvas reticentes, cujas primeiras gotas, grossas e sonoras, eram sorvidas por telhas tão secas que tinham diapasão de cobre. Depois de um amanhecer prolongado por abraço frouxo, aliviados de desconcer-tos e fechada a ferida, ambos regressaram à cidade. A Marquesa trocou seu traje de via-gem por um vestido de noiva, e, como era de costume, os esposos foram à igreja para recobrar sua liberdade. Devolveram-se presentes a parentes e amigos, e, com agitação de bronzes e alardes de caráter, cada qual tomou a rua de sua morada. Marcial conti-nuou visitando María de las Mercedes por algum tempo, até o dia em que as alianças foram levadas à oficina do ourives para se-rem desgravadas. Começava, para Marcial, uma vida nova. Na casa das grades, a Ceres foi substituída por uma Vênus italiana, e as máscaras da fonte adiantaram quase imper-ceptivelmente o relevo ao ver ainda acesas, pintado já o amanhecer, as luzes das velas.

## VI

Uma noite, depois de muito beber e nau-sear-se com cheiro de tabaco frio, deixados por seus amigos, Marcial teve a sensação estranha de que os relógios da casa davam cinco horas, depois quatro e meia, depois quatro, depois três e meia... Era como a percepção remota de outras possibilidades. Como quando se pensa, em esgotamento de vigília, que se pode andar sobre o céu plano com o piso por céu plano, entre móveis fir-memente assentados entre as vigas do teto. Foi uma impressão fugaz, que não deixou o menor vestígio em seu espírito, pouco leva-do, agora, à meditação.

E houve um grande sarau, no salão de mú-sica, no dia em que alcançou a menoridade. Estava alegre, ao pensar que sua assinatura

havia deixado de ter um valor legal, e que os registros e escrituras, com suas traças, se apagavam de seu mundo. Chegava ao ponto em que os tribunais deixam de ser temíveis para aqueles que têm uma carne desestimada pelos códigos. Depois de alegrar-se com vi-nhos generosos, os jovens tiraram da parede um violão incrustado de madrepérola, um saltério e um serpentão. Alguém deu corda no relógio que tocava a Tirolesa das vacas e a Balada dos Lagos da Escócia.

Outro embocou um chifre de caça que dormia, enroscado em seu cobre, sobre os feltros vermelhos da cristaleira, ao lado da flauta transversa trazida de Aranjuez. Mar-cial, que estava requebrando atrevidamente para a de Campoflorido, se uniu à gritaria, buscando no teclado, sobre baixos falsos, a melodia do Trípili-Trápala. E subiram to-dos ao sótão, de repente, recordando que lá, sob vigas que iam recobrando o reboco, eram guardados trajes e librés da Casa de Capellanías. Em entrepanos espargidos de cânfora descansavam os vestidos da corte, um espadim de Embaixador, vários dólman's emplastrados, o manto de um príncipe da Igreja, e longas casacas, com botões de da-masco e manchas de umidade nas pregas. Matizaram-se as penumbras com fitas de amarantho, saias amarelas, túnicas murchas e flores de veludo. Um traje de ferreiro com redes de borlas, nascido em máscara de car-naval, levantou aplausos.

A de Campoflorido remexeu os ombros empoeirados sob uma fantasia de cor de carne crioula, que servira a certa avó, em noites de grandes decisões familiares, para avivar os mansos fogos de um rico Síndico de Cla-rissas.

Fantasiados os jovens regressaram ao salão de música. Ornado com um tricórnio de regente, Marcial deu três bengaladas no piso, e começou a dança da valsa, que as mães achavam terrivelmente impróprio a senhoritas, por se deixar enlaçar pela cin-

tura, recebendo mãos de homens sobre as barbatanas de baleia do espartilho que todas tinham feito segundo o recente molde de "*El jardín de las Modas*". As portas se escureceram de fâmulos, cavaleiros, serventes, que vinham de suas distantes dependências e das sobrelojas sufocantes para admirar-se diante de uma festa de tanto alvoroço. Depois jogaram a cabra-cega e o esconde-esconde. Marcial, oculto com a de Campoflorido atrás de um biombo chinês, estalou-lhe um beijo na nuca, recebendo em resposta um lençinho perfumado, cujas rendas de Bruxelas guardavam suave tepidez de decote. E quando as senhoritas se distanciaram nas luzes do crepúsculo, até as atalaias e torrões que se pintavam de cinza escuro sobre o mar, os moços foram à Casa de Baile, onde tão saborosamente requebravam as mulatas de grandes argolas de metal, sem perder nunca – assim fora de agitado a dança – seus sapatos de salto alto. E como era carnaval, os do Cabildo<sup>1</sup> Arará Três Olhos levantavam um trovão de tambores detrás da parede do meio, em um pátio cheio de romãzeiras. Trepados em mesas e tamboretas, Marcial e seus amigos louvaram o garbo de uma negra de carapinha grisalha, que voltava a ser bonita, quase desejável, quando olhava por cima do ombro, dançando com altiva careta de desafio.

## VII

As visitas de Dom Abúndio, notário e testamenteiro da família, eram mais frequentes. Sentava-se gravemente à cabeceira da cama de Marcial, deixando cair no chão sua bengala de maçaranduba para despertá-lo antes do tempo. Ao se abrirem, os olhos tropeçavam com uma casaca de alpaca, coberta de caspa, cujas mangas lustrosas recolhiam títulos e lucros. Por fim, só ficou uma

<sup>1</sup> Associações étnicas africanas criadas em Cuba no final dos anos 1500.

pensão razoável, calculada para pôr limite a toda loucura. Foi então que Marcial quis ingressar no Real Seminário de São Carlos.

Depois de medíocres exames, frequentou os claustros, compreendendo cada vez menos as explicações dos professores. O mundo das ideias ia se despovoando. O que havia sido, a princípio, uma ecumênica assembleia de túnicas, gibões, golas e perucas, controversistas e ergotantes, cobrada a imobilidade de um museu de figuras de cera. Marcial se contentava agora com uma exposição escolástica dos sistemas, aceitando por bom o que se dissesse em qualquer texto. "Leão", "Avestruz", "Baleia", "Jaguar", lia-se sobre as gravuras em cobre da História Natural. Do mesmo modo, "Aristóteles", "São Tomás", "Bacon", "Descartes", encabeçavam páginas negras, em que se catalogavam aborrecidamente as interpretações do universo, ao lado de uma capitular espessa. Pouco a pouco, Marcial deixou de estudá-las, encontrando-se liberado de um grande peso. Sua mente se fez alegre e leve, admitindo tão somente um conceito instintivo das coisas. Para que pensar no prisma, quando a clara luz de inverno dava maiores detalhes às fortalezas do porto? Uma maçã que cai da árvore só é incitação para os dentes. Um pé em uma banheira não passa de um pé em uma banheira. No dia em que abandonou o Seminário, esqueceu-se dos livros. O gnomon recobrou sua categoria de duende: o espectro foi sinônimo de fantasma; o octaedro era bicho encouraçado, com agulhão no lombo.

Várias vezes, andando rápido, inquieto o coração, ia visitar as mulheres que cochichavam, atrás de portas azuis, ao pé das muralhas. A lembrança da que levava sapatos bordados e folhas de alfavaca na orelha o perseguia, em tardes de calor, como uma dor de dentes. Mas, um dia, a cólera e as ameaças de um confessor o fizeram chorar de espanto. Caiu pela última vez nos len-

çois do inferno, renunciando para sempre às suas voltas por ruas pouco concorridas, às suas covardias de última hora que lhe faziam voltar com raiva para casa, depois de deixar para trás certa calçada listrada, sinal, quando andava com a vista baixa, da meia volta que devia dar por pisar o umbral dos perfumes.

Agora vivia sua crise mística, povoada de imagens do coração de Jesus, cordeiros pascais, pombas de porcelana, Virgens de manto azul celeste, estrelas de papel dourado, Reis Magos, anjos com asas de cisne, o Asno, o Boi, e um terrível São Dionísio que lhe aparecia em sonhos, com um grande vazio entre os ombros e o andar vacilante de quem busca um objeto perdido. Tropeçava com a cama e Marcial despertava sobressaltado, pegando o rosário de contas insensíveis. As mechas, em seus potes de azeite, davam luz triste a imagens que recobravam sua cor primeira.

## VIII

Os móveis cresciam. Era mais difícil sustentar os braços sobre a borda da mesa da sala de jantar. Os armários de cornijas trabalhadas alargavam a fachada. Alongando o torso, os mouros da escada acercavam suas tochas aos balaústres do patamar. As poltronas eram mais fundas e as cadeiras de balanço tinham tendência a cair para trás. Não precisava já dobrar as pernas ao recostar-se no fundo da banheira com argolas de mármore.

Uma manhã em que lia um livro licencioso, Marcial teve vontade, subitamente, de brincar com os soldados de chumbo que dormiam em suas caixas de madeira. Voltou a esconder o volume sob a bacia do lavabo, e abriu uma gaveta selada pelas teias de aranhas. A mesa do estúdio era muito exígua para dar lugar a tanta gente. Por isso, Marcial se sentou no chão. Dispôs os grana-

deiros em filas de oito. Depois os oficiais a cavalo, rodeando o porta-bandeira. Detrás, os da artilharia, com seus canhões, escovilhões e bota-fogos. Encerrando a marcha, pífanos e timbales, com escolta de repiques. Os morteiros estavam dotados de uma mola que permitia lançar bolas de vidro a mais de um metro de distância.

– Pum!... Pum!... Pum!...

Caíam cavalos, caíam porta-bandeiras, caíam tambores. Teve que ser chamado três vezes pelo negro Elígio, para decidir-se a lavar as mãos e descer para a sala de jantar.

Desde esse dia, Marcial conservou o hábito de sentar-se no lajeado. Quando percebeu as vantagens desse costume, surpreendeu-se por não haver pensado nisso antes. Afetadas ao veludo das almofadas, os adultos suam muito. Algumas cheiram a notário – como Dom Abúndio – por não conhecer, com o corpo em contato, a frieza do mármore em todo tempo. Somente do chão podem ser abarcados totalmente os ângulos e perspectivas de um cômodo. Há belezas da madeira, misteriosos caminhos de insetos, cantos de sombra, que se ignoram à altura do homem. Quando chovia, Marcial se escondia debaixo do clavicórdio. Cada trovão fazia tremer a caixa de ressonância, pondo todas as notas a cantar. Do céu caíam os raios para construir aquela abóbada de fer-mata – órgão, pinheiral ao vento, bandolim de grilos.

## IX

Aquela manhã fecharam-no em seu quarto. Ouviu murmúrios em toda a casa e o almoço que lhe serviram foi muito suculento para um dia de semana. Havia seis doces da confeitaria da Alameda – quando só dois podiam ser comidos, aos domingos, depois da missa. Entreteve-se olhando imagens de viagem, até que o zunzum crescente, entrando por debaixo das portas, levou-o a



olhar entre as persianas. Chegavam homens vestidos de negro, levando uma caixa com puxadores de bronze.

Teve vontade de chorar, mas nesse momento apareceu o cocheiro Melchor, exibindo sorriso de dentes no alto de suas botas sonoras. Começaram a jogar xadrez. Melchor era cavalo. Ele, era Rei. Usando os ladrilhos do piso por tabuleiro, podia avançar de uma em uma, enquanto Melchor devia saltar uma de frente e duas de lado, ou vice-versa. O jogo se prolongou até mais além do crepúsculo, quando passaram os bombeiros do Comércio.

Ao levantar-se, foi beijar a mão de seu pai que jazia em sua cama de doente. O Marquês se sentia melhor, e falou a seu filho com a distinção e os exemplos usuais. Os "Sim, pai" os "Não, pai" se encaixavam entre conta e conta do rosário de perguntas, como as respostas do ajudante em uma missa. Marcial respeitava o Marquês, mas era por razões que ninguém teria acertado supor. Respeitava-o porque era de elevada estatura e saía, em noites de baile, com o peito rutilante de condecorações: porque lhe invejava o sabre e os galões de oficial de milícias; porque, na Páscoa, havia comido um peru inteiro, recheado de amêndoas e passas, ganhando uma aposta; porque, certa vez, sem dúvida com o ânimo de açoitá-la, agarrou uma das mulatas que varriam o pátio, levando-a em braços a seu quarto. Marcial, escondido atrás de uma cortina, a viu sair pouco depois, chorosa e desabotoada, alegrando-se do castigo, pois era a que sempre esvaziava os pratos de compota devolvidos ao guarda-comida.

O pai era um ser terrível e magnânimo ao que devia amar-se depois de Deus. Para Marcial era mais Deus que Deus, porque seus dons eram cotidianos e tangíveis. Mas preferia o Deus do céu, porque aborrecia menos.

## X

Quando os móveis cresceram um pouco mais e Marcial sabia como ninguém o que havia debaixo das camas, armários e escrivaninhas, escondeu de todos um grande segredo: a vida não tinha encanto sem a presença do cocheiro Melchor. Nem Deus, nem seu pai, nem o bispo dourado das procissões de Corpus Christi, eram tão importantes quanto Melchor.

Melchor vinha de muito longe. Era neto de príncipes vencidos. Em seu reino havia elefantes, hipopótamos, tigres e girafas. Lá os homens não trabalhavam, como Dom Abúndio, em salas escuras cheias de papelada. Viviam de ser mais astutos que os animais. Um deles tirou um grande crocodilo do lago azul, espetando-o com uma lança escondida nos corpos recheados de doze gansos assados. Melchor sabia canções fáceis de aprender, porque as palavras não tinham significado e se repetiam muito. Roubava doces nas cozinhas; escapava, de noite, pela porta dos cavalariços, e, certa vez, havia apedrejado os da guarda civil, desaparecendo rapidamente nas sombras da rua da Amargura.

Em dias de chuva, punha suas botas para secar junto ao fogão da cozinha. Marcial teria querido ter pés que enchessem aquelas botas. A direita se chamava Calambim. A esquerda, Calambám. Aquele homem que dominava os cavalos xucros apenas encaixando os dedos nos beijos; aquele senhor de veludos e esporas, que exibia cartolas tão altas, sabia também quão fresco era o chão de mármore no verão, e escondia debaixo dos móveis uma fruta ou um doce arrebatados das bandejas destinadas ao Grande Salão. Marcial e Melchor tinham em comum um depósito secreto de drágeas e amêndoas, que chamavam o "Uri, uri, urá", com entendas gargalhadas. Ambos haviam explorado a casa de cima a baixo, sendo os únicos

a saber que existia um pequeno sótão cheio de frascos holandeses, debaixo do estábulo, e que em desvão inútil, em cima dos quartos de criadas, doze mariposas empoeiradas acabavam de perder as asas em caixa de vidros partidos.

## XI

Quando Marcial adquiriu o hábito de quebrar coisas, esqueceu-se de Melchor para aproximar-se dos cachorros. Havia vários na casa. O atigrado grande; o podengo que arrastava as tetas; o galgo, muito velho para brincar; o peludo que os demais perseguiram em épocas determinadas, e que as camareiras tinham que prendê-lo.

Marcial preferia Canelo porque tirava sapatos dos quartos e desenterrava as roseiras do pátio. Sempre negro de carvão ou coberto de terra vermelha, devorava a comida dos demais, uivava sem motivo e escondia ossos roubados ao pé da fonte. De vez em quando, também, esvaziava um ovo acabado de ser posto, empurrando a galinha para o ar com brusca alavancada do focinho. Todos davam chutes em Canelo. Mas Marcial adoecia quando levavam Canelo. E o cachorro voltava triunfante, balançando o rabo, depois de haver sido abandonado além da Casa de Beneficência, recobrando um posto que os demais, com suas habilidades em caça ou desvelos de guarda, nunca ocupariam.

Canelo e Marcial urinavam juntos. Às vezes escolhiam o tapete persa do salão, para desenhar formas de nuvens pardas que cresciam lentamente. Isso rendia castigo de cintadas.

Mas as cintadas não doíam tanto como acreditavam os adultos. Resultavam, em troca, pretexto admirável para armar concertos de uivos, e provocar a compaixão dos vizinhos. Quando a vesga do toldo qualificava seu pai de "bárbaro", Marcial olhava para

Canelo, rindo com os olhos. Choravam um pouco mais, para ganhar um bolo e tudo ficava esquecido. Ambos comiam terra, rolavam ao sol, bebiam da fonte dos peixes, buscavam sombra e perfume ao pé das alfavacas. Nas horas de calor, os canteiros úmidos se enchiam de gente. Ali estava a gansa cinza, com bolsa pendurada entre as patas cambaias; o galo velho de rabo pelado; a lagartixa que dizia "uri, urá", tirando do pescoço uma gravata rosada; o triste jubo nascido em cidade sem fêmeas; o rato que tapava seu buraco com uma semente de *carey*.

Um dia apontaram o cachorro a Marcial.

– Au, au! – disse.

Falava sua própria língua. Havia conseguido a suprema liberdade. Já queria alcançar com suas mãos, objetos que estavam fora do alcance de suas mãos.

## XII

Fome, sede, calor, dor, frio. Logo que Marcial reduziu sua percepção a estas realidades essenciais, renunciou à luz que já lhe era acessória. Ignorava seu nome. Afastado o batismo, com seu sal desagradável, não quis mais o olfato, nem o ouvido, nem sequer a vista. Suas mãos roçavam formas prazerosas. Era um ser totalmente sensível e tátil. O universo lhe entrava por todos os poros. Então fechou os olhos que só divisavam gigantes nebulosos e penetrou em um corpo quente, úmido, cheio de trevas, que morria. O corpo, ao senti-lo envolto em sua própria substância, resvalou até a vida.

Mas agora o tempo correu mais rápido, atenuava suas últimas horas. Os minutos soavam a glissando de naipes sob o polegar de um jogador.

As aves voltar ao ovo em um redemoinho de penas. Os peixes coalharam a ova, deixando uma nevada de escamas no fundo do tanque. As palmeiras dobraram as pencaas, desaparecendo na terra como leques

fechados. Os talos sorviam suas folhas e o solo puxava tudo que lhe pertencesse. O trovão retumbava nos corredores. Cresciam pelos na camurça das luvas. As mantas de lã se desteciam, arredondando a penugem de carneiros distantes. Os armários, as escrivaninhas, as camas, os crucifixos, as mesas, as persianas, saíram voando na noite, procurando suas antigas raízes ao pé das selvas.

Tudo que tivesse pregos se desmoronava. Um bergantim, ancorado não se sabia onde, levou para a Itália os mármorees do piso e da fonte. As panóplias, as ferragens, as chaves, as painéis de cobre, as embocaduras dos cavalos, se derretiam, engrossando um rio de metal que galerias sem teto canalizavam até a terra. Tudo se metamorfoseava, regressando à condição primeira. O barro voltou ao barro, deixando ermo o lugar da casa.

## XIII

Quando os operários vieram com o dia para prosseguir a demolição, encontraram o trabalho acabado. Alguém havia levado a estátua de Ceres, vendida na véspera a um antiquário. Depois de queixar-se ao Sindicato, os homens foram sentar-se nos bancos de um parque municipal. Um lembrou então a história, muito difundida, de uma Marquesa de Capellanías, afogada, numa tarde de maio, entre as malangas do Almendares. Mas ninguém prestava atenção ao relato, porque o sol viajava de oriente a ocidente, e as horas que crescem à direita dos relógios devem prolongar-se pela preguiça, já que são as que mais seguramente levam à morte. 🗿



# A BOLSA PRETA ERRADA

---

PROFESSOR HOFFMAN  
TRADUÇÃO ADRIANO SCANDOLARA

---

*Professor Louis Hoffmann foi o pseudônimo escolhido por Angelo John Lewis (1839-1919) para assinar seus escritos. A razão para a escolha de usar tal pseudônimo é porque Angelo Lewis temia que sua carreira de advogado fosse prejudicada por escrever livros sobre mágica. Ele achava que seus clientes poderiam não gostar de um advogado que ensina truques de ilusão, para "enganar" seus espectadores. Nascido na Inglaterra, Professor Hoffman foi um dos principais escritores de livros sobre mágica, jogos e charadas de sua época. É autor de Modern Magic e Patience with the Joker. Além do livro infantil Conjuror Dick de 1886. O conto a seguir foi uma das poucas incursões do Professor no campo da ficção.*

Era a véspera da Sexta-feira Santa. Dentro de um salão modesto de N° 13 no Terraço de Primrose, um homenzinho, vestido com um chapéu cinza de feltro e uma gravata vermelha, se admirava de pé no espelho acima da lareira. Tal estado de coisas em qualquer outro lugar não teria significância alguma que fosse; mas proverbialmente as circunstâncias alteram os casos. No Terraço de Primrose, 13, ele se aproximava das dimensões de um portento.

Para não manter o leitor em suspense, o homenzinho era Benjamin Quelch, funcionário do escritório dos Srs. Cobble & Clink, mercadores de carvão, e ele estava prestes a cumprir uma determinação desesperada. A maioria dos homens tem alguma ambição secreta; a de Benjamin era dupla. Por anos, ele havia ansiado vestir um chapéu de feltro macio e fazer uma viagem a Paris e, por

anos, a Sina, na pessoa da Sra. Quelch, havia se posto no caminho e evitado a indulgência de sua vontade. Sendo Quelch, como já indicamos, excepcionalmente pequeno em estatura, ele selecionara, de acordo com a misteriosa lei dos opostos, a maior das damas entre suas amizades para ser a parceira de suas alegrias. Ele mesmo era de uma disposição retirada e humilde. Sra. Quelch, por outro lado, era uma mulher de temperamento severo e decidido, com fortes opiniões sobre a maioria dos assuntos. Ela administrava as finanças de Benjamin, regulava sua dieta e fazia suas prescrições quando sua saúde não prestava. Embora gostasse dele à sua própria maneira, ela o governava com uma mão de ferro e em três pontos era inflexível. Para compensar sua insignificância em estatura, ela insistia que ele vestisse o chapéu mais alto que o dinheiro permitia auferir, para a

exclusão de todos os outros acessórios para a cabeça, em segundo lugar, sob o pretexto de que tinha uma aparência mais "profissional", ela não lhe permitia nada a não ser gravatas pretas de seda; e, por último, ela não o deixava fumar. Ela tinha ainda uma repugnância intensa a todas as coisas estrangeiras, tendo como artigo de fé que nada de bom, fosse na arte, culinária ou moral, poderia ser encontrado em solo que não o britânico. Quando Benjamin, uma vez, em um momento precipitado, sugeriu uma viagem à Bolonha para as férias de verão, a sugestão foi recebida de modo que tirou seu apetite durante toda a semana seguinte.

Com a proibição de fumar Quelch não se importava muito; pois, tendo na primavera de sua vida experimentado um charuto barato, o resultado de certo modo o satisfaz que tabaco não era para os seus gostos, e seus anseios por ele cessaram, de acordo. Mas o chapéu alto e a gravata preta eram fontes constantes de irritação. Ele tinha uma ideia, baseada na vez em que ganhou um sorteio na escola, que a natureza havia pretendido que fosse um artista e ele lamentava em segredo o destino infeliz que o lançara sobre os carvões. Agora os poucos artistas que Benjamin tivera a chance de conhecer gozavam de um estilo de chapelaria macio e caído e de uma quantidade considerável de liberdade, geralmente com um toque de cor, na região do pescoço. Tais, portanto, na propriedade das coisas, deveriam ter sido o chapéu e tais os acessórios de pescoço de Benjamin Quelch, e o veto de sua esposa só o fazia ansiá-los com mais intensidade.

Nos últimos anos, ele havia sido tomado por uma vontade de ver Paris. Calhou que um funcionário do mesmo escritório, um certo Peter Flipp, fizera algo como uma festa conduzida pessoalmente numa visita à alegre cidade.

O custo da viagem não fora senão cinco guinéus; mas nunca, com certeza, cinco

guinéus foram investidos de forma tão magnífica. Havia um bom tanto de romantismo acerca de Flipp e podia ser que seus relatos não fossem inteiramente confiáveis; mas eles tanto inflamavam a imaginação de nosso amigo Benjamin que ele começou de vez a guardar dinheiro sub-repticiamente, com a esperança de que um dia ele pudesse também, por alguma combinação imprevista das circunstâncias, ter a chance de visitar a cidade encantada.

E, enfim, o dia viera. Sra. Quelch, seus três filhos e sua única doméstica haviam ido para Lowestoft para uma viagem de Páscoa, ficando Benjamin e uma empregada surda, Sra. Widger, deixados tomando conta dos pertences da família. Os feriados de Páscoa de Benjamin se limitavam à Sexta-Feira Santa e à Segunda-Feira de Páscoa e, como não parecia valer a pena ele viajar até Lowestoft por um período tão curto, Sra. Quelch, planejara premeditadamente que ele passaria o primeiro dia no Museu Britânico e o segundo nos Jardins Zoológicos. Dois dias depois de sua partida, contudo, Sr. Cobble chamou Quelch em seu escritório particular e disse-lhe que, se quisesse, ele poderia, para variar, pegar feriado da sexta-feira até a terça, inclusive, e juntar-se à sua esposa no litoral.

Quelch aceitou o benefício com a intenção honesta de empregá-lo conforme sugerido. De fato, ele começara uma carta à sua esposa, anunciando a agradável informação, e havia ido até "Minha cara Penélope," quando um pensamento malvado e selvagem o atingiu: por que não passar o feriado inesperado em Paris?

Repousando sua caneta, ele abriu sua mesa: e contou seu pé-de-meia secreto. Tinha cinco libras e dezessete, doze xelins a mais do que o que Flipp gastara. Não havia dificuldades nesse aspecto, e ninguém ficaria sabendo. Sua esposa imaginaria que ele estava em Londres, enquanto seus empregadores acreditariam que ele estava em

Lowestoft. Houve uma breve relutância em sua mente, mas prevaleceu a tentação e, com uma coragem digna de uma causa melhor, ele se determinou a arriscar e – *ir*.

E assim foi que, na noite de nossa história, Benjamin Quelch, tendo terminado suas malas, – que consistiam meramente do que ele se acostumou a chamar de suas “coisas para noite”, concedidas jeitosamente numa bolsa preta e pequena que pertencia a Sra. Quelch – estava diante do espelho e contemplava seu esplendor culposo, a gravata vermelha e o chapéu de feltro cinza macio, comprados com os fundos extras. Ele gastara ainda uns guinéus num bilhete de volta de segunda classe e outros dois com “cupons”, garantindo-lhe direito a cama, café-da-manhã e jantar por cinco dias em certos hotéis específicos de Paris. Esse gasto, com meia coroa para um par de luvas e um suborno de cinco xelins para assegurar o silêncio de Sra. Widger, o deixou com pouco mais do que uma libra em mãos, mas esse pequeno extra sem dúvida seria o suficiente para suas necessidades modestas.

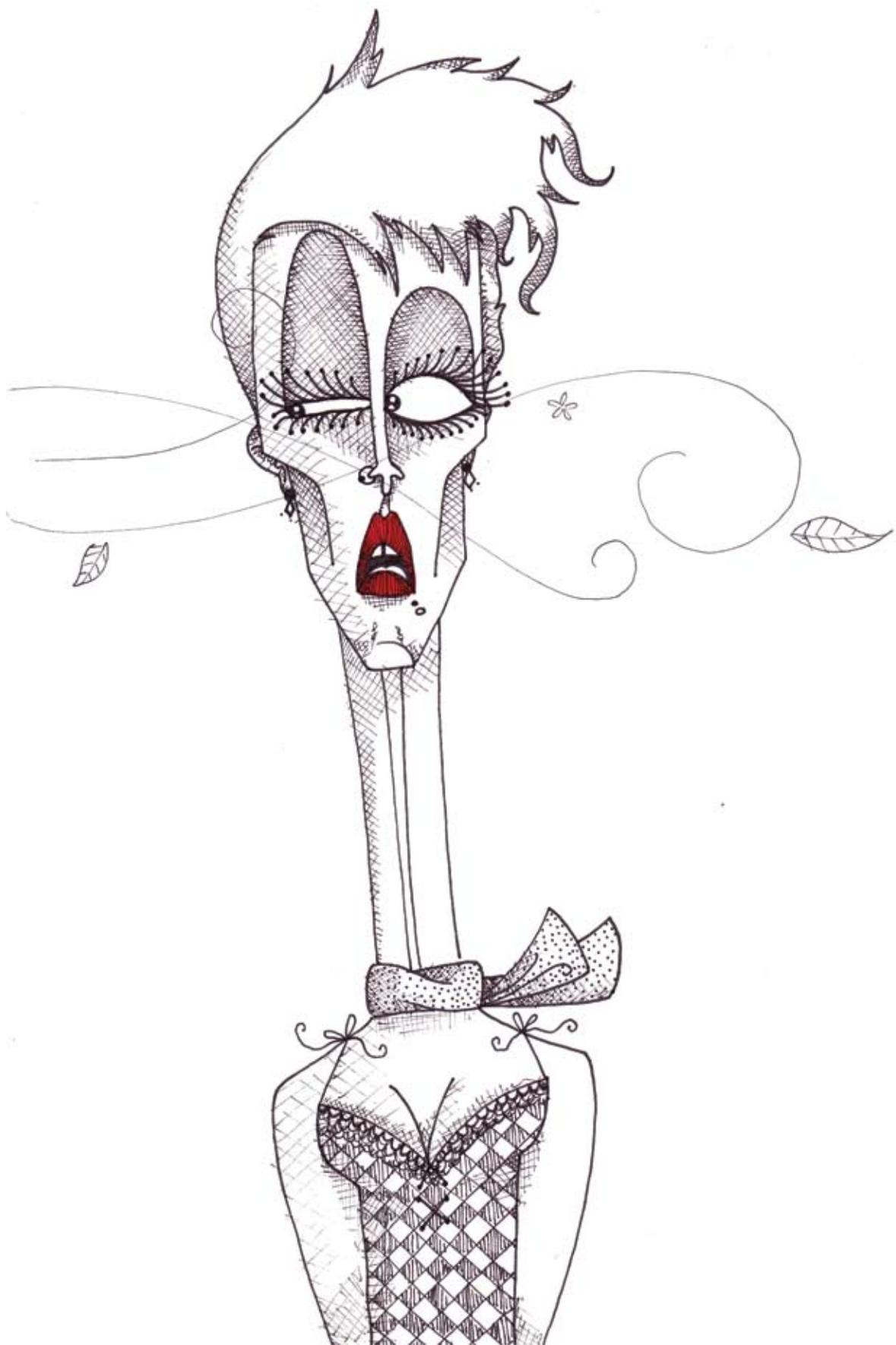
Seu único arrependimento, enquanto mirava a si mesmo no espelho, era de não ter tido tempo de deixar crescer um bigode, a única coisa necessária para completar sua aparência artística. Mas o tempo voava e ele não ousou se ater àquela imagem aliciante. Ele se atirou pelo corredor e abriu suavemente a porta da rua. Nisso um pânico súbito lhe veio e ele se sentiu meio inclinado a abandonar seus desígnios precipitados. Mas, enquanto hesitava, avistou o tão detestado chapéu alto pendurado no corredor e não mais hesitou. Ele saiu e, fechando a porta atrás de si, seguiu com passadas bruscas em direção à Estação Victoria.

Seus planos foram feitos com muita engenhosidade, embora em troca do sacrifício terrível de sua direitura costumeira. Ele escreveu umas cartas à Sra. Quelch para serem postadas pela Sra. Widger nos dias apro-

priados, dando relatos imaginários de suas visitas ao Museu Britânico e Jardins Zoológicos, com alusões pontuais ao comportamento do elefante e outras particularidades circunstanciais. Para garantir a postagem delas na ordem apropriada ele marcou as datas, a lápis, nos envelopes no canto geralmente ocupado pelo selo de postagem, de modo que quando este se pusesse os caracteres fossem ocultados. Ele explicou o plano para Sra. Widger, que prometeu que suas instruções seriam seguidas fielmente.

Mesmo quando o barco havia chegado no cais, ele ainda permanecia no quarto que ocupou à noite toda e provavelmente continuaria deitado lá se não fosse o atendente erguê-lo de pé à força. Ele tomou sua bolsa preta com um grunhido e cambaleou no deque. Aqui ele se sentia um pouco melhor, mas novos terrores o tomavam com a visão dos oficiais de laços dourados e carregadores de blusas azuis, que se alinhavam a cada lado da ponte do navio, todos falando a plenos pulmões e em tons que pareciam, ao seu ouvido desacostumado, comunicar sede por sangue britânico. Assim que chegou foi acostado por um personagem de aparência feroz (na verdade, um oficial alfandegário inofensivo), que lhe perguntou em francês se ele tinha algo a declarar e fez um movimento de levar sua bolsa para marcá-la como “passada”. Quelch se precipitou concluindo que o estranho era um bandoleiro decidido a privá-lo de sua propriedade e se segurou na bolsa com tamanha tenacidade que o aduaneiro naturalmente inferiu que havia algo, especialmente de contrabando, nela. Ele prosseguiu, então, abrindo-a e retirou entre múltiplos outros pertences femininos, um vestido de gala de pele e franjas, de onde caíram, conforme ele o desenrolava, alguns punhados de charutos!

O olhar estarrecido de Benjamin quando viu esses artigos inesperados retirados de sua bolsa foi interpretado pelos oficiais como



um olhar de culpa. Na verdade, meio estupefato pelas agonias da noite, ele esqueceu o lugar preciso onde deixara sua própria bolsa e pegou, em seu lugar, uma pertencente à esposa de um cavalheiro esportista a caminho de algumas corridas em Longchamps. Desejando contrabandear um pouco de "fumo" e considerando que a presença de tais artigos fossem menos prováveis de serem suspeitos entre os pertences de uma dama, o cavalheiro esportista as havia cometido às posses de sua companheira. Bolsas, via de regra, são "passadas" sem serem abertas e tal também teria sido o caso da presente instância se não fosse o olhar de pânico de Quelch ter incitado suspeita. Os verdadeiros donos da bolsa haviam pego a de Quelch, precisamente semelhante, e estavam logo atrás na ponte. A dama enunciou uma exclamação de abatimento quando viu o conteúdo de sua bolsa espalhado pelo oficial alfandegário, mas foi prontamente silenciada pelo marido. "Mantenha sua bendita boca quieta," ele sussurrou, "se um belo de um idiota escolhe surruiar a nossa bolsa e se entrega ao primeiro homem que olha para ele, ele tem de aguentar o tranco." Logo depois, o cavalheiro esportista e a dama, primeiro espiando quietamente a bolsa de Benjamin para garantir que ela não continha nada de comprometedor, passaram pelo examinador com um olhar de inocência consciente e, depois de um intervalo para se refazerem no *buffet*, tomaram seus lugares no trem para Paris.

Enquanto isso, o pobre Quelch foi levado diante de um indivíduo pomposo com um bigode extra grande e uma dose dupla de laço dourado no quepe e acusado não só de fraudar o rendimento, como também de resistir, com uso de força, a um oficial em execução de seu serviço. Estando a acusação em francês, Quelch dela não entendeu uma só palavra, e em sua ignorância assumiu que estava sendo acusado de roubar a bolsa estranha e seu conteúdo. Visões de prisão,

servidão penal, não, até mesmo punição capital, flutuaram em seu cérebro ensandecido. Finalmente o oficial com o grande bigode proferiu-lhe um discurso em francês, pondo que para sua tentativa desonesta de contrabando ele deveria pagar uma multa de cem francos. Quanto ao ataque ao oficial, visto que o tal oficial não se encontrava muito machucado, ele graciosamente concordou em deixar isso de lado e não prestar queixas. Quando havia explicado plenamente as questões, para sua própria satisfação, esperou para receber a resposta do prisioneiro; mas resposta alguma estava a caminho, pelo melhor dos motivos. Finalmente raiou sobre o oficial que Quelch poderia não entender francês e ele portanto prosseguiu se referindo a ele no que considerava ser sua língua nativa.

"Você trafecar – trafecar charrutô. Daí ten qui pagar multa, cen francôs. Você entendê moi? Cen francôs – pague! Pague! Pague!" A cada repetição da última palavra ele trazia um punho sujo na palma da mão oposta, imediatamente abaixo do nariz de Quelch. "Cen francôs – dinheiro anglais, quattrô libras."

Quelch pegou as últimas palavras e estava aliviado em descobrir que era meramente um pagamento em dinheiro que lhe era exigido. Mas ele não estava muito melhor, pois, tendo senão uns poucos xelins no bolso, pagar quatro libras estava tão fora de sua capacidade quanto quatrocentas. Ele se determinou a apelar para a misericórdia de seus captores. "Não tem," ele disse, se desculpando, com uma vaga ideia de que falando de modo muito elementar ele de alguma forma se aproximava do francês. "É só," ele continuou, tirando sua pequena poupança e estendendo-a suplicante ao oficial. "*Pas assez, non bastante,*" grunhiu este. Quelch tentou de novo com todos os seus bolsos, mas só obteve sucesso em encontrar outra peça de três penny. O oficial balançou a cabeça

e, depois de uma breve discussão com seus companheiros, disse, "*Comment-vous appelez-vous, monsieur?* Como você chama você?"

Com a vaga ideia de manter essa desgraça longe de seus amigos, Quelch precipitadamente se determinou a dar um nome falso. Se tivesse alguns minutos para pensar a respeito, teria inventado um para a ocasião, mas sua imaginação não estava acostumada a tais chamadas súbitas e, quando a pergunta foi repetida, ele, desesperado, deu o nome de seu vizinho, Sr. Henry Fladgate. "Henri Flodgett," repetiu o oficial enquanto escrevia.

"*Et vous demeurez?* Você mora onde?" E Quelch prosseguiu dando o endereço do Sr. Fladgate, Nº 11, Terraço Primrose. "*Très bien.* Eu mandô teleg-r-r-ama. *Au violon!*" E o pobre Benjamin, de modo ignominioso, foi feito marchar até a delegacia local.

Enquanto isso, os arranjos de Quelch em casa mal funcionavam conforme pretendido. A estimada Sra. Widger, em parte por motivo de sua surdez e em parte de sua estupidez natural, entendera apenas metade das instruções sobre as cartas. Ela sabia que devia pôr o selo nelas e sabia que deveria postá-las, mas as datas nos cantos poderiam muito bem ser inscrições rúnicas no que diz respeito às ideias que comunicavam a seu intelecto ofuscado. De acordo, na primeira vez em que visitou a casa, que era cedo na manhã de Sexta-Feira Santa, ela procedeu, em seu próprio linguajar, a "tirar essas tranqueiras da cabeça" largando-as na caixa de correio mais próxima.

No dia seguinte, portanto, Sra. Quelch em Lowestoft se surpreendeu ao descobrir na sua mesa de café-da-manhã duas cartas na caligrafia do seu Benjamin. Sua surpresa foi maior ainda quando, ao abri-las, ela encontrou um relato gráfico de uma visita aos Jardins Zoológicos na segunda-feira seguinte. A conclusão era óbvia: ou Benjamin virou profeta e de algum modo se adiantou ao

almanaque ou ele estava "prossequindo" de alguma maneira muito suspeita. Sra. Quelch decidiu pela última alternativa e se determinou a chegar ao fundo da questão de uma vez. Ela cortou um sanduíche, pôs seu *bonnet* e, pegando o guarda-chuva de maneira que não predizia nada de bom a quem se pusesse em seu caminho, partiu para o próximo trem para a Rua de Liverpool.

Ao chegar em casa ela extraiu da chorosa Widger, que acabava de gastar os últimos dos cinco xelins de Benjamin e estava muito afundada na depressão e gim e água, que seu "bom cavalheiro" não voltava para casa desde quinta-feira à noite. Isso já era ruim o bastante, mas ainda havia mais provas conclusivas de que ele estava aprontando e a forma de seu chapéu alto se mantinha pendurada, acusadora e silenciosa, no último gancho do corredor.

Tendo escoado a Sra. Widger até não ter mais o que escoar dela (salvo lágrimas), Sra. Quelch, ainda segurando com firmeza seu guarda-chuva, prosseguiu até a porta ao lado, na esperança de que sua vizinha, Sra. Fladgate, poderia ser capaz de lhe dar alguma informação. Ela encontrou Sra. Fladgate chorando no salão com um telegrama aberto diante de si. Sendo uma mulher de pouca cerimônia, ela leu o telegrama, datado de Dieppe e que dizia o seguinte: "Monsieur Fladgate aqui detido por contrabando charuto. Multa a pagar, cem franco. Mande dinheiro e ele vai ser soltado."

"Ai, os homens, os homens!" irrompeu Sra. Quelch, enquanto afundava na poltrona. "Eles são todos iguais. Primeiro Benjamin e agora Fladgate! Eu não deveria me surpreender se os dois foram juntos."

"Você não quer dizer que o Sr. Quelch foi também?" soluçou Sra. Fladgate.

"Ele tirou uma vantagem vergonhosa da minha ausência. Ele não está em casa desde quinta-feira à noite e seu chapéu está pendurado no corredor."

Você não acha que ele foi assa-si-si-sinado?"

"Não tenho medo *disso*," replicou Sra. Quelch, "não valeria o tempo de ninguém. Mas o que que ele meteu na cabeça? É isso que eu quero saber. Claro, se ele está com Sr. Fladgate em algum covil de iniquidade, então é isso."

"Estrangeiros não usam chapéus?" inquiriu Sra. Fladgate, inocente.

"Não do tipo respeitável inglês, aposto," replicou Sra. Quelch; "alguma tralha bizona, ousado dizer. Mas imaginei que Sr. Fladgate estivesse em sua jornada escocesa." (Sr. Fladgate, deve-se dizer, era um viajante das linhas de cor e óleo.)

"E está. Quero dizer, deveria estar. Na verdade, eu esperava ele em casa hoje. Mas agora ele está p-p-preso, e pode ser que eu não o veja nunca m-ma-mais." E Sra. Fladgate chorava de novo.

"Baboseira!" retorquiu Sra. Quelch.

"Você só tem que mandar o dinheiro que eles pedem e eles ficarão felizes em se livrar dele. Mas eu não teria pressa; eu o deixaria esperar um pouco – você vai vê-lo logo, não tenha medo."

A profecia se realizou mais cedo do que a profetisa esperava. Mal haviam essas palavras saído de sua boca quando se ouviu um táxi chegando na porta, e no momento seguinte o próprio Fladgate, um homem grande, jovial, vestindo um chapéu branco pendendo muito para um lado só, entrou na sala e atirou um feixe de tapetes no sofá.

"Em casa de novo, minha velha, e feliz! Bom dia, Sra. Quelch," disse o recém-chegado.

Sra. Fladgate lançou-lhe um olhar de dúvida por um momento e então atirou os braços em torno de seu pescoço, irrompendo, "À salvo, salvo!"

"Martha," disse Sra. Quelch, com reprovação, "você não tem respeito próprio? É dessa maneira que você lida com um logro tão vergonhoso?" Depois, entregando o

suposto culpado, "Então, Sr. Fladgate, você escapou de sua prisão estrangeira?"

"Estrangeira, onde? Vocês ficaram malucas, senhoras? Eu acabei de escapar de uma carruagem de terceira classe no Londres e Northwestern. O espaço é limitado mas eu nunca ouvi chamarem de prisão estrangeira."

"É inútil empreender nos enganar," disse Sra. Quelch, severa. "Olhe o telegrama, Sr. Fladgate, e negue se puder. Você tem se embrenhado em algum lugar estrangeiro e vil com meu marido influenciável."

"Ah, Quelch também está nessa, é? Então *deve* ser um caso ruim. Mas vamos ver o que temos em mãos, pois, pela minha palavra, estou bem no escuro no momento."

Ele estendeu a mão para o telegrama e o leu com cuidado. "Alguém pregou uma peça em você, velha," ele disse para a esposa. "Você sabe muito bem onde eu estive – minha jornada para o norte de sempre, e nenhum outro lugar."

"Eu não creio numa única palavra disso," disse Sra. Quelch, "vocês homens são todos iguais – enganadores, cada um de vocês."

"Muito obrigado pela sua boa opinião, Sra. Quelch. Eu não tinha ideia que Quelch era um tipo tão ruim. Mas, até onde eu sei, isso se testa fácil. Aqui está a conta para minha cama ontem à noite em Carlisle. Agora se eu estava em Carlisle e farreando em Dieppe ao mesmo tempo, então talvez você vá me explicar gentilmente como eu consegui isso."

Sra. Quelch estava atordoada, mas não convencida. "Mas se – se você estava em Carlisle, onde está Benjamin e o que quer dizer o telegrama?"

"Não sendo um adivinho, eu realmente não posso dizer; mas quanto a Quelch, vamos encontrá-lo, não tenha medo. Quando ele desapareceu?"

Sra. Quelch contou sua história, sem esquecer da carta misteriosa.

"Eu acho que vejo o nascer-do-sol," disse Fladgate. "A parte que nos pôs nessa confusão é Quelch e, estando assustado até a alma, ele deu meu nome no lugar do seu próprio. E é isso que é!"

"Mas Benjamin não fuma; e como ele iria parar em Dieppe?"

"Foi passar o feriado, imagino. Quanto ao fumar, eu não achava que ele gostava disso; mas com esse tipo de homem capacho – peço desculpas, Sra. Quelch – você nunca sabe onde ele vai estourar. Minhocas pisoteadas se reviram, sabe, e um dia elas se reviram para o lado errado."

"Mas o Benjamin nunca ousaria –"

"É só isso. Ele não ousa fazer nada quando você está de olho nele. Quando você não está, talvez ele possa, talvez não. O fato é que você aperta demais a cabeça dele e se ele entorta aqui e ali então você não deve se admirar."

"Você tem um modo muito grosseiro de pôr as coisas, Sr. Fladgate. Sr. Quelch não é um cavalo, que eu saiba."

"Não vamos discutir quanto ao animal, minha cara madame, mas, minha solução está certa, pode contar com isso. Um vilão endurecido, como eu, por exemplo, nunca se meteria nesse tipo de apuros, mas Quelch não sabe o bastante do mundo para se manter longe de encrenca. Eles o têm em cana, isso é claro, mas a melhor coisa que você pode fazer é mandar a grana e tirá-lo de lá."

"Mandar dinheiro para aqueles franceses larápios? Nunca! Se Benjamin está na prisão, vou buscá-lo eu mesma."

"Você nunca arriscaria uma travessia marinha tão pavorosa!" exclamou Sra. Fladgate. "E como você vai se dar com a língua? Você não entende francês!"

"Ah, eu vou me dar muito bem," disse a heróica mulher. "Eles não vão falar francês comigo."

Naquela mesma noite uma passageira cruzava de barco de Newhaven para Die-

ppe. A travessia foi árdua e a passageira estava muito enjoada; mas sinistramente ela se sentava direito ainda, nunca nem por um momento relaxando sua empunhadura no cabo do guarda-chuva de seda. O que ela passou no apartamento, como ela finalmente obteve a liberdade de seu marido e que explicações se passaram entre o par reunido, devem ser deixados para a imaginação do leitor, pois Sra. Quelch jamais contou a história. Vinte e quatro horas depois um táxi de quatro rodas chegava na porta dos Quelch e dele desciam, primeiro uma dama majestosa e então um homenzinho coitado, num chapéu macio de feltro e uma gravata vermelha, ao mesmo tempo doída de tão amassada e suja, com uma bolsa preta na mão. "Há fogo na cozinha?" perguntou Sra. Quelch no momento em que pôs o pé em casa. Estando certa de que havia, ela prosseguiu até as escadas da cozinha, Quelch seguindo-a humildemente. "Agora," ela disse, apontando para a bolsa preta, "essas – coisas!" Benjamin abriu a bolsa e, tremendo, tirou todos os vestidos de gala e charutos. Sua esposa apontou para o fogo e ele humildemente largou-os nele. "Agora a gravata." A gravata seguiu os charutos. "E essa coisa;" e o chapéu coroava a pilha funerária.

O cheiro era peculiar, e desagradável para o nariz ordinário, mas para Sra. Quelch era como o odor de incenso. Ela assistiu ao montinho enquanto queimava e finalmente dispersou as brasas com uma aplicação vigorosa do atizador.

"Agora, Benjamin," ela disse ao esposo trêmulo, "eu lhe perdoo. Mas se fizer de novo –"

O aviso foi deixado sem ser dito, mas não era necessário. A única experiência de Benjamin já havia mais que satisfeito seus anseios por trajes macios e viagens ao estrangeiro e seus chapéus estavam mais altos do que nunca. ❧



# UM ACONTECIMENTO NA PONTE OWL CREEK

---

AMBROSE BIERCE  
TRADUÇÃO DE THIAGO TIZZOT

---

*O estadunidense Ambrose Bierce nasceu em 1842 e morreu provavelmente em 1914. Em 1913, Bierce foi ao México para escrever sobre a revolução que ali acontecia. Enquanto viajava com as tropas rebeldes ele desapareceu sem deixar pistas sobre seu paradeiro. Escreveu poesias, ensaios e novelas, mas foi com seus contos que ficou conhecido como um dos grandes do século XIX. Um de seus livros mais importantes é O Dicionário do Diabo onde Bierce apresentava definições satíricas e de cunho político para vários verbetes. O conto a seguir é um dos mais famosos do escritor e sua influência é enorme, passando por seriados de TV como Lost até filmes e múscias. Segundo o escritor Kurt Vonnegut em Um Homem Sem Pátria, "Eu considero um tapado qualquer pessoa que não tenha lido o maior conto norte-americano de todos os tempos Um Acontecimento na Ponte Owl Creek."*

I

Um homem permanecia em pé sobre uma ponte de ferrovia no nordeste do Alabama, olhando para as águas calmas seis metros abaixo. Suas mãos estavam para trás, os punhos amarrados. Uma corda envolvia seu pescoço. Estava presa em uma tora firme acima de sua cabeça, o restante caindo até a altura de seus joelhos. Algumas tábuas soltas estavam sobre os dormentes do trilho oferecendo uma plataforma para seus executores e ele – dois soldados rasos do exército Federal, comandados por um sargento que em sua vida civil deveria ter sido um xerife. A uma distância curta na mesma plataforma estava um oficial vestido com o uniforme de seu posto, armado. Era um capitão. Uma sentinela em cada extremidade da ponte permanecia com o rifle em uma posição co-

nhecida como "suporte", ou seja, vertical na frente do ombro esquerdo, o cão apoiado sobre o antebraço e o rifle jogado por sobre o peito – uma posição formal e estranha, forçando o corpo a ficar ereto. Não parecia dizer respeito a estes homens o que acontecia no centro da ponte; eles meramente bloqueavam as extremidades das tábuas que a atravessavam.

Além de um dos sentinelas, ninguém estava à vista; a ferrovia seguia em linha reta em direção à floresta por cem metros, então, curvando-se, perdia-se de vista. Sem dúvida havia um posto mais à frente. A outra margem do riacho era de campo aberto – uma colina suave com o topo ocupado por uma guarnição feita de troncos de madeira e com pequenos espaços para os rifles, com um único espaço aberto de onde saía a boca de um canhão de latão guardando a ponte. No

centro da colina, entre a ponte e a guarnição estavam os espectadores – uma única companhia da infantaria em linha, em posição de descanso o cabo de seus fuzis no chão, os canos ligeiramente inclinados para trás no ombro direito, as mãos cruzadas na corronha. Um tenente estava à direita da linha, a ponta da sua espada sobre o chão, sua mão esquerda repousando sobre a direita. Exceto pelo grupo de quatro no centro da ponte, nem um homem se movia. A companhia voltada para a ponte, encarando atônita, paralisada. As sentinelas, viradas para as margens do riacho, poderiam ser estátuas para decorar a ponte. O capitão permanecia com seus braços cruzados, calado, observando o trabalho de seus subordinados, mas sem fazer qualquer movimento. A morte é uma dignatária que quando anunciada deve ser recebida com manifestações formais de respeito, mesmo os mais íntimos com ela. No código militar de etiqueta, silêncio e imobilidade são formas de respeito.

O homem que estava ocupado em ser enforcado aparentava ter cerca de trinta e cinco anos. Era um civil, alguém poderia julgar por suas vestimentas, que eram a de um fazendeiro. Suas feições eram boas - nariz reto, boca firme, testa larga de onde seu cabelo escuro e longo estava penteado para trás, caindo por trás de suas orelhas até a gola de sua casaca bem costurada. Tinha bigode e barba pontuda, mas sem costeletas, seus olhos eram grandes e cinza escuro, e tinha uma expressão gentil que ninguém poderia esperar de um homem que está com seu pescoço na forca. Era evidente que este não era um assassino vulgar. O código militar prevê o enforcamento para todo tipo de pessoa, e os cavalheiros não são exceção. Com a preparação terminada, os dois soldados rasos se afastaram e jogaram fora a tábua que servia como seu apoio. O sargento se virou para o capitão, saudou-o e se colocou imediatamente atrás daquele oficial,

que logo depois se distanciou um passo. Essa movimentação deixou o condenado e o sargento sobre os extremos da mesma tábua, que se estendia por três dormentes da ponte. O extremo do civil quase, mas não, alcançava o quarto dormente. Esta tábua se mantinha com o peso do capitão; agora se mantinha com o peso do sargento. Ao sinal do primeiro o segundo sairia, a tábua viraria e o condenado cairia por entre dois dormentes. O procedimento era, para o seu julgamento, simples e prático. Seu rosto não fora coberto nem seus olhos vendados. Olhou um momento para sua "instável plataforma", então deixou sua atenção vagar até a rodopiante água do riacho correndo freneticamente sob seus pés. Um graveto ondulante chamou sua atenção e seus olhos o seguiram através da corrente. Como parecia mover-se devagar! Que riacho preguiçoso!

Ele fechou seus olhos para deixar que seus últimos pensamentos fossem sobre sua mulher e seus filhos. A água, tocada pelo dourado do Sol da manhã, na distância a névoa misteriosa sobre as margens, o forte, os soldados, o graveto – tudo o distraía. E agora ele se tornava consciente de uma nova distração. Atravessando os pensamentos sobre seus entes queridos estava um som que ele não podia ignorar ou compreender, uma intensa, distinta, percussão metálica como o martelo de um ferreiro chocando-se contra a bigorna; tinha o mesmo timbre. Ele se perguntou o que seria e se estava longe ou perto – parecia os dois. A repetição era regular, mas lento como o badalar do anúncio da morte. Ele esperava cada nova batida com impaciência e – não sabia por quê – apreensão. Os intervalos de silêncio cresciam progressivamente, os atrasos se tornaram enlouquecedores. Com sua maior oscilação o som aumentava em força e intensidade. Eles machucavam seus ouvidos como o golpe de uma faca; temia que fosse gritar. O que ele ouvia era o barulho de seu relógio.

Abriu os seus olhos e viu novamente a água abaixo. "Se eu soltasse minhas mãos," pensou "talvez eu pudesse soltar o laço e pular no riacho. Mergulhando eu desviaria das balas e nadando com vontade poderia chegar à margem, chegar à floresta e fugir para casa. Minha casa, graças a Deus, está fora do alcance deles; minha esposa e meus pequenos ainda estão longe do avanço deles." Enquanto estes pensamentos, que aqui tiveram que ser colocados em palavras, passavam pela mente do condenado ao invés de surgirem dela o capitão sinalizou para o sargento. O sargento deu um passo para o lado.

## II

Peyton Farquhar era um fazendeiro bem sucedido, de uma antiga e tradicional família do Alabama. Sendo um proprietário de escravos, e como outros proprietários de escravos, era um político, naturalmente um genuíno secessionista e fervoroso defensor da causa Sulista. Em decorrência de seu temperamento orgulhoso, o qual é necessário relatar aqui, foi privado de servir ao galante exército que lutou a desastrosa campanha terminando com a queda em Corinth, e ele sofreu com essa restrição, desejando soltar suas energias, a vida de um soldado, a oportunidade de distinção. Essa oportunidade, ele sentiu, ainda viria, como sempre vem em tempos de guerra. Enquanto isso, ele fazia o que podia. Nenhum serviço era pequeno demais para fazer em auxílio ao Sul, nenhuma aventura era perigosa demais desde que fosse digna do papel de um civil com coração de soldado, e quem de boa fé e sem muita qualificação concordava pelo menos com partes do sincero e maldoso ditado de que no amor e na guerra tudo é válido.

Certa noite enquanto Farquhar e sua esposa estavam sentados em um rústico banco

perto da entrada de sua propriedade, um soldado vestido de cinza cavalgou até o portão e pediu por um pouco de água. A senhora Farquhar ficou feliz de poder servi-lo com suas próprias mãos brancas. Enquanto ela providenciava a água, seu marido se aproximou do cavaleiro empoeirado e questionou-o avidamente por notícias do fronte.

"Os lanques estão consertando as ferrovias," disse o homem, "e estão se preparando para outro avanço. Eles alcançaram a ponte de Owl Creek, colocaram-na em ordem e construíram um forte na margem norte. O comandante deu a seguinte ordem, que está colocada em todo lugar, declarando que qualquer civil que for pego interferindo com a ferrovia, suas pontes, túneis ou trens será imediatamente enforcado. Eu vi a ordem."

"Qual a distância da ponte de Owl Creek?" Farquhar perguntou.

"Mais ou menos quarenta e cinco quilômetros."

"Existem soldados deste lado do riacho?"

"Somente um posto a um quilômetro, na ferrovia, e um único sentinela do lado de cá da ponte."

"Suponha que um homem – um civil e estudioso da força – conseguisse passar pelo posto e talvez levar vantagem sobre o sentinela," disse Farquhar sorrindo, "o que ele conseguiria?"

O soldado refletiu. "Eu estive lá um mês atrás," ele respondeu. "Percebi que a enchente do último inverno reuniu uma boa quantidade de galhos e gravetos no pilar de madeira deste lado da ponte. Agora deve estar seco e queimaria como lenha."

A senhora trouxe a água que o soldado bebeu. Ele agradeceu a ela com cerimônia, fez uma reverência para seu marido e cavalgou. Uma hora depois, após o anoitecer, ele passou novamente pela plantação, seguindo para o norte na mesma direção que tinha vindo. Ele era um batedor da União.

### III

Enquanto Peyton Farquhar caía através da ponte ele perdeu a consciência e podia ser dado por morto. Deste estado ele foi acordado – depois de anos, pareceu a ele – pela dor intensa em sua garganta, seguida por uma sensação de sufocamento. Uma dor terrível e agonizante parecia se espalhar de seu pescoço para cada fibra do seu corpo e membros. Essas dores pareciam correr por ramificações bem definidas e bater com uma rápida frequência inconcebível. Eram como rios de fogo pulsante aquecendo-o a uma temperatura intolerável. Quanto a sua cabeça, ele não tinha consciência de nada a não ser um sentimento de plenitude – de congestão. Essas sensações eram desacompanhadas de pensamento. A parte intelectual do seu ser já estava apagada; ele tinha força somente para sentir, e sentir era um tormento. Estava consciente do movimento. Envolto em uma nuvem luminosa, na qual ele era apenas o coração ardente, sem substância material, balançava em impensáveis arcos de oscilação, como um vasto pêndulo. Então tudo de uma vez, com uma terrível repentinidade, a luz sobre ele sumiu com um alto barulho de água. O poder do pensamento foi restaurado; ele sabia que a corda tinha se rompido e tinha caído no riacho. Não sentiu uma nova falta de ar, o laço apertado sobre seu pescoço já o estava sufocando e matinha a água longe de seus pulmões. Morrer enforcado no fundo de um riacho! – a idéia parecia a ele hilária. Abriu seus olhos na escuridão e viu acima um clarão, mas como estava distante, tão inacessível. Continuava afundando pois a luz ficava cada vez mais fraca, até se tornar um mero bruxuleio. Então começou a ficar intenso, mais brilhante e ele soube que estava indo para a superfície – sabia com relutância, pois agora estava muito confortável. “Ser enforcado e afogado,” pensou, “até que não é tão ruim; mas eu não quero levar um



tiro. Não. Eu não vou levar um tiro; isso não seria justo."

Ele não estava consciente deste esforço, mas uma dor intensa em seu pulso o informa de que tentava libertar suas mãos. Ele deu sua atenção à tentativa, como um vagabundo observaria um malabarista, sem interesse no resultado. Que magnífico esforço! – que esplêndido, que força sobre-humana. Ah, era uma bela empreitada! Bravo! A corda se soltou, seus braços se separaram e flutuaram para cima, quase não via as mãos na luz crescente. Ele as olhava com novo interesse enquanto primeiro uma e depois a outra envolveram o laço em seu pescoço. Elas o destruíram e jogaram impietosamente longe, suas ondulações lembrando uma cobra d'água. "Coloquem de volta, coloquem de volta!" Ele pensou ter gritado essas palavras para suas mãos, pois o desfazer do laço causou a maior dor que ele já tinha experimentado. Seu pescoço doía terrivelmente, seu cérebro queimava, seu coração, que estivera batendo sem vontade, deu um grande salto, tentando forçar sua passagem pela boca. Seu corpo todo se contorcia em uma angústia insuportável. Mas suas desobedientes mãos não deram atenção ao seu comando. Vigorosamente puxavam a água com braçadas rápidas, forçando-o à superfície. Ele sentiu sua cabeça emergir, seus olhos cegados pela luz do sol, seu peito arfando convulsivamente, com uma agonia extrema seus pulmões engolfaram uma grande quantidade de ar, o qual instantaneamente ele expeliu em um grito.

Agora ele tinha plenitude de seus sentidos físicos. Eles estavam, de fato, incrivelmente afiados e alertas. Alguma coisa no terrível distúrbio de seu sistema orgânico fez com que o elevasse e refinasse pois ele podia notar coisas que nunca tinha percebido. Sentiu as pequenas ondulações em seu rosto e escutou o som quando se chocavam contra ele. Olhou para a floresta na margem

e viu todas as suas árvores, suas folhas e as veias de cada uma das folhas – viu até os insetos sobre elas: gafanhotos, as moscas de corpos brilhantes, as aranhas cinzentas esticando suas teias de galho a galho. Ele notou as cores prismáticas nas gotas de orvalho sobre as milhões de folhas da grama. O zumbir das melgas que dançavam sobre os redemoinhos do riacho, o bater das asas das libélulas, a batida das pernas das aranhas d'água como remos que impulsionam seu barco – tudo isso fazia uma música audível. Um peixe deslizou sob seus olhos e ele ouviu o barulho de seu corpo dividindo a água. Ele chegou à superfície olhando rio abaixo, por um momento o mundo parecia girar mais devagar, ele sendo o ponto central e viu a ponte, os soldados sobre a ponte, o capitão, o sargento, os dois soldados rasos, seus carrascos. Suas silhuetas contra o céu azul. Eles gritavam e gesticulavam, apontando para ele. O capitão sacou sua pistola, mas não disparou; os outros estavam desarmados. Seus movimentos eram grotescos e horríveis, suas formas gigantescas.

De repente escutou um estrondo intenso e algo chocou-se contra a água a poucos centímetros de sua cabeça, borrifando seu rosto. Ouviu um segundo estrondo e viu um dos sentinelas com o rifle apoiado sobre o ombro, uma nuvem de fumaça azul surgindo do cano. O homem na água viu o olho do homem na ponte fixado no seu através da mira do rifle. Era um olho cinzento e ele lembrou de ler que olhos cinzentos eram mais afiados, e todos os atiradores famosos tinham. Contudo, esse errou.

Um redemoinho fez Farquhar dar meia volta, ele estava novamente olhando para a floresta na margem oposta ao forte. O som de uma voz cristalina e aguda entoando um monótono cântico surgiu a suas costas, veio através da água como uma distinção que cortava e subjulgava todos os outros sons, até mesmo as marolas que batiam em seus

ouvidos. Embora não fosse soldado, ele frequentara acampamentos suficientes para saber o terrível significado daquele cântico deliberado, pausado e articulado; o tenente na costa estava participando das atividades matinais. Com frieza e sem perdão – e com a mesma entonação calma, prevendo e impondo tranquilidade aos homens – com um intervalo preciso proferiu aquelas palavras cruéis.

“Companhia!...Atenção!...Empunhar armas!...Preparar!...Apontar!...Fogo!”

Farqhar mergulhou – mergulhou tão fundo quanto podia. As águas rugiam em seus ouvidos como as vozes de Niagara, ainda assim ele escutou o som seco da saraivada. Enquanto nadava de volta para a superfície encontrou pequenos pedaços brilhantes de metal, singularmente planos, oscilando lentamente para baixo. Alguns o tocaram na face e nas mãos e se soltavam para depois afundarem. Um se prendeu entre sua gola e seu pescoço, era desconfortavelmente quente e ele puxou para fora.

Quando alcançou a superfície, buscando por ar, percebeu que tinha ficado um longo período em baixo d’água. Visivelmente rio abaixo – perto de estar a salvo. Os soldados tinham quase terminado de recarregar, as varetas de metal refletiram todas juntas na luz do sol enquanto eram retiradas dos canos, viravam no ar e eram guardadas. Os dois sentinelas atiraram de novo, independente e inutilmente. O homem caçado viu tudo sobre seus ombros; ele agora nadava vigorosamente a favor da corrente. Seu cérebro tinha tanta energia quanto seus braços e pernas, ele pensava com a velocidade de um raio.

“O oficial,” ele raciocinou, “não vai cometer este erro de disciplina uma segunda vez. Desviar de uma saraivada é tão fácil quanto desviar de um único tiro. Ele provavelmente já deu a ordem de atirar a vontade. Deus me ajude, eu não posso desviar de todas elas!”

A água se moveu ameaçadoramente a alguns metros seguida de um alto estrondo, desaparecendo, que parecia viajar pelo ar até o forte e morrer em uma explosão que perturbou o rio até suas profundezas! Uma onda o encobriu, chocou-se contra ele, cegando-o, sufocando-o! O canhão entrara no jogo. Enquanto sacudia a cabeça e se recuperava do golpe das águas turbulentas ele escutou os tiros zunindo pelo ar e em um instante estavam quebrando e destruindo os galhos da floresta à frente.

“Eles não vão fazer isso novamente,” pensou; “da próxima vez vão usar metralha. Eu preciso ficar de olho na arma; a fumaça vai me avisar – o barulho chega muito tarde; ele fica atrás dos projéteis. Esta é uma boa arma.”

De repente ele sentiu-se tonto – rodando como um pião. As águas, as margens, as florestas, os agora distantes ponte, forte e homens; tudo estava misturado e borrado. Objetos eram somente representados por suas cores, traços coloridos circulares e horizontais – era tudo que via. Ele foi pego por um redemoinho e girava em uma velocidade tão alta que o fazia sentir-se enjoado e tonto. Logo ele foi arremessado sobre o cascalho da margem esquerda – a margem sulista - em um ponto que o protegia de seus inimigos. A súbita parada de movimento, o ferimento de uma das mãos no cascalho, o revigoraram e ele chorou de contentamento. Enterrou seus dedos na areia e jogou um punhado sobre si abençoando-a em voz alta. Pareciam diamantes, rubis, esmeraldas; não conseguia pensar em nada mais bonito. As árvores nas margens eram enormes plantas de jardim; notou uma organização definida nelas, aspirou a fragrância de suas flores. Uma estranha luz rosada brilhou por entre os troncos e o vento fez seus galhos tocarem a música das harpas de Éolo. Ele não desejava completar sua fuga – ele estava satisfeito em perma-

necer naquele lugar encantado até ser recapturado.

Um zumbido e tiros de metralha por entre os galhos sobre a sua cabeça o acordaram de seu sonho. Era o tiro de boas-vindas do confuso canhoneiro. De um salto ficou em pé, correu pela margem molhada e mergulhou na floresta.

Por todo o dia ele viajou, orientando-se pelo sol. A floresta parecia interminável, em nenhum lugar ele descobriu uma brecha em suas árvores, nem mesmo uma trilha. Ele não sabia que vivia em uma região tão selvagem. Havia algo peculiar sobre esta revelação.

Ao cair da noite ele estava fatigado, com os pés doendo e faminto. A lembrança de sua esposa e filhos fez com que encontrasse forças para prosseguir. Finalmente ele encontrou uma estrada que o levava, no que acreditava ser, à direção correta. Era tão larga e reta como uma rua na cidade e ainda assim parecia abandonada. Nenhuma plantação ao seu lado, nenhuma moradia. Nem mesmo o latido de um cachorro. O corpo negro das árvores formavam uma longa parede dos dois lados, seguindo até o horizonte, como um desenho em uma lição de perspectiva. Acima, olhando por entre esta fissura na floresta, brilhavam grandes estrelas douradas, estranhas, agrupadas em constelações que ele não conhecia. Tinha certeza de que estavam dispostas com um significado secreto e maligno. A floresta de ambos os lados estava repleta de sons, entre eles – uma, duas e mais uma vez – ele claramente ouviu susurros em uma língua desconhecida. Seu pescoço estava doendo e colocando sua mão sobre ele descobriu estar horrivelmente inchado. Sabia que existia um círculo negro onde a corda havia machucado. Seus olhos ficaram inchados, ele não podia mais fechá-los. Sua língua estava inchada de sede, aliviou colocando-a por entre os dentes no ar gelado. A turfa

cobria a estrada abandonada como um tapete macio – ele não podia mais sentir a estrada sob seus pés!

Não existia dúvida, que apesar do seu sofrimento, ele dormira enquanto caminhava, pois agora ele via outra cena – talvez estivesse apenas se recuperado de um delírio. Estava em pé no portão de sua casa. Tudo estava como tinha deixado, brilhando belamente com a luz da manhã. Ele deve ter viajado por toda a noite. Enquanto abria o portão e caminhava sobre a larga trilha branca, ele viu o trelular de uma roupa feminina; sua esposa, adorável e doce, desce os degraus da varanda para encontrá-lo. Ela esperava ao final da escada, com um sorriso de pura alegria, uma atitude incomparável de graça e dignidade. Ah, como era linda! Ele correu em sua direção de braços abertos. Quando estava a ponto de tocá-la, sentiu um potente golpe atrás de seu pescoço, uma luz branca cegante brilhou como som do tiro de um canhão – então tudo silenciou e escureceu.

Peyton Farquhar estava morto; seu corpo, com o pescoço quebrado, balançava suavemente de um lado para o outro sob a ponte de Owl Creek. 🦉



# RED HANRAHAN

W. B. YEATS

TRADUÇÃO DE ALESSANDRA CAVALLI ESTECHE

*O vencedor do prêmio Nobel de Literatura de 1923, o irlandês William Butler Yeats (1865-1939), foi um dos grandes poetas de língua inglesa. Ao longo de sua vida, tornou-se um nacionalista fervoroso, o que resultou em sua participação na fundação do Abbey Theatre, destinado apenas para textos irlandeses, até finalmente se tornar senador de seu país. Hoje é merecidamente reconhecido como um dos responsáveis pelo renascimento da literatura irlandesa. Sua obra em prosa consiste em sua grande maioria de contos, muitos deles sobre as lendas e folclore da Irlanda. Owen Red Hanrahan é o personagem principal de seus textos. O texto a seguir foi publicado originalmente no livro Stories of Red Hanrahan, de 1897.*

Hanrahan, o professor argucioso, um jovem alto, forte e ruivo, entrou no celeiro onde alguns dos homens do povoado estavam sentados na Noite de Samhain. O lugar costumava ser uma casa, e quando o proprietário construiu uma melhor, juntou os dois cômodos e manteve para armazenar coisa ou outra. Havia fogo na velha lareira, e havia velas presas em garrafas, e havia uma garrafa preta sobre umas tábuas que haviam sido colocadas sobre dois barris para servir de mesa. A maioria dos homens estava sentada ao lado do fogo, e um deles cantava uma canção longa e divagante, sobre um homem de Munster e um homem de Connaught que discutiam a respeito de suas províncias.

Hanrahan foi até o homem da casa e disse, "Recebi tua mensagem"; mas quando disse isso, ele parou, pois um velho homem das montanhas, que vestia camisa e calças

de flanela crua, e que estava sentado sozinho perto da porta, olhava para ele, e embaralhava um velho maço de cartas e murmurava. "Não te incomodes com ele", disse o homem da casa; "é só um estranho que veio há pouco, e nós o acolhemos já que é noite de Samhain, mas acho que ele não está bem certo do juízo. Escuta-o agora e vais ouvir o que ele diz."

Então eles escutaram, e puderam ouvir o velho murmurando para si mesmo enquanto virava as cartas, "Espadas e Ouros, Coragem e Poder, Paus e Copas, Conhecimento e Prazer."

"Esse é o tipo de coisa que ele tem dito na última hora", disse o homem da casa, e Hanrahan tirou os olhos do velho como se não gostasse de olhar para ele.

"Recebi tua mensagem," Hanrahan disse então; "ele está no celeiro com seus três

primos de Kilchriest,' disse o mensageiro, 'e alguns dos vizinhos estão com eles.'"

"Meu primo está ali esperando para te ver", disse o homem da casa, e chamou um jovem de casaco de lã que estava ouvindo à música e disse: "Este é Red Hanrahan, para quem tens uma mensagem."

"É uma mensagem gentil," disse o jovem, "pois vem de sua amada, Mary Lavelle".

"Como terias uma mensagem dela, e o que tu sabes sobre ela?"

"Não a conheço, de fato, mas estive em Loughrea ontem, e um vizinho dela que tinha alguns negócios comigo estava dizendo que ela pediu a ele que te mandasse um recado, se encontrasse alguém destes lados no mercado, que a mãe dela morreu e que se ainda pensas em te juntares a ela, ela está disposta a manter sua palavra."

"Irei até ela, sem dúvida," disse Hanrahan.

"É ela pediu que não te demorasses, pois se ela não tiver um homem em casa antes do fim do mês, é provável que o pedacinho de terra seja dado a outrem".

Quando Hanrahan ouviu isso, levantou-se do banco onde estava sentado. "Não me demorarei, de fato," disse ele, "é noite de lua cheia, e se eu chegar até Gilchreist esta noite, chegarei até ela antes que o sol se ponha amanhã."

Ao ouvirem isso, os outros começaram a rir dele por ter tanta pressa de ir até sua amada e um deles perguntou-lhe se ele deixaria sua escola na velha fornalha de cal, onde ensinava tão bem às crianças. Mas ele disse que as crianças ficariam felizes em encontrar o lugar vazio pela manhã e ninguém para mantê-las em seus afazeres; e quanto a sua escola, ele poderia montá-la novamente em qualquer lugar, tendo como tinha seu pequeno pote de tinta pendurado no pescoço em uma corrente, e seu grande Virgílio e sua cartilha no bolso do casaco.

Alguns pediram-lhe que bebesse um copo antes de ir, e um jovem segurou-lhe

pelo casaco e disse que ele não podia deixá-los sem que cantasse a canção que tinha escrito em louvor a Vênus e a Mary Lavelle. Ele bebeu um copo de uísque, mas disse que não pararia, que seguiria em sua jornada.

"Há tempo suficiente, Red Hanrahan," disse o homem da casa. "Haverá tempo suficiente para que deixes a diversão quando estiveres atrás de teu casamento e poderá passar muito tempo sem que te vejamos novamente."

"Não pararei" disse Hanrahan; "minha cabeça estaria na estrada todo o tempo, levando-me à mulher que pediu por mim, e ela ficaria solitária e vigilante até que eu chegasse."

Alguns dos outros vieram até ele pressionando-o, ele vinha sendo tão bom companheiro, tão cheio de canções e todo tipo de truque e diversão, que não os deixasse até que terminasse a noite, mas ele recusou a todos, e desvencilhou-se de todos e foi até a porta. Mas quando ele colocou o pé sobre o limiar, o velho estranho levantou-se e colocou sua mão, que era magra e seca como a garra de um pássaro, sobre a mão de Hanrahan e disse: "Não é Hanrahan, o homem erudito e o grande compositor, quem deve sair de uma reunião com esta, na noite de Samhain. E pare aqui, agora," disse ele, "e jogue uma mão comigo; e aqui está um velho maço de cartas que fez seu trabalho em muitas noites antes desta, e velho como é, muitos dos ricos do mundo perderam e ganharam com ele."

Um dos jovens disse, "não é muito dos ricos do mundo o que tem ficado contigo, velho," e olhou para os pés descalços do velho e todos eles riram. Porém Hanrahan não riu, mas sentou-se muito silenciosamente, sem dizer palavra. Então, um deles disse, "Então ficarás conosco afinal, Hanrahan"; e o velho disse: "Ele ficará, certamente, não me ouviste pedir-lhe?"

Todos eles olharam para o velho como

se se perguntassem de onde ele viera. "Foi de longe que vim", disse ele, "pela França eu vim, e pela Espanha, e por Lough Greine da boca escondida, e ninguém me recusou coisa alguma." E então ele ficou em silêncio e ninguém quis questioná-lo, e eles começaram a jogar. Havia seis homens nas tábuas jogando, e os outros assistindo. Eles jogaram duas ou três mãos por nada e então o velho apostou uma moeda gasta, muito fina e lisa, que tirou do bolso, e chamou os outros a apostarem algo. Então todos colocaram algo sobre a mesa, e por pouco que fosse pareceu muito, devido à maneira como foi empurrado de um para o outro, primeiro um homem ganhando e em seguida seu vizinho. E algumas vezes a sorte virava-se contra um homem e ele ficava sem nada, então um ou outro emprestava-lhe algo, e ele pagava novamente com o que ganhava, já que nem boa nem má sorte parava com ninguém.

E uma das vezes Hanrahan disse, como alguém diria em um sonho, "Chegou a hora de eu pegar a estrada"; mas então uma carta boa veio para ele, e ele jogou com ela, e todo o dinheiro começou a ir para ele. E em uma das vezes ele pensou em Mary Lavelle, e suspirou; e desta vez a sorte deixou-o e ele esqueceu-a novamente.

Mas ao fim a sorte foi para o velho e ficou com ele, e tudo que eles tinham foi para ele, e ele começou a sorrir para si mesmo, e a cantar e cantar para si mesmo, "Espadas e Ouros, Coragem e Poder," e assim por diante, como se fosse o verso de uma música.

E depois de um tempo, qualquer um que olhasse para os homens e visse a maneira como seus corpos balançavam para frente e para trás, e o modo como mantinham seus olhos nas mãos do velho, pensaria que eles tinham bebido, ou que tudo o que eles tinham no mundo tinha sido apostado nas cartas; mas não era isso, pois a garrafa mal havia sido tocada desde que o jogo começou, e ainda estava quase cheia, e tudo o

que estava em jogo eram algumas moedas de três centavos e algumas de cinco e talvez um punhado de moedas de cobre.

"Sois bons homens para ganhar e bons homens para perder," disse o velho "tendes o jogo no coração." Então ele começou a embaralhar as cartas e a misturá-las, muito rápido e veloz, até que finalmente eles não conseguiam enxergá-las, mas quem visse pensaria que ele fazia anéis de fogo no ar, como rapazinhos fariam girando um bastão em chamas, e depois disso parecia-lhes que todo o cômodo estava escuro, e eles não podiam ver nada além das mãos do velho e as cartas.

E em um minuto, uma lebre pulou de suas mãos, e se foi uma das cartas que tomou esta forma, ou se a lebre foi criada do nada nas palmas de suas mãos, ninguém sabia, mas lá estava ela, correndo pelo chão do celeiro, tão rápido quanto qualquer lebre que já existiu.

Alguns olhavam para a lebre, mas a maioria mantinha os olhos no velho, e enquanto eles olhavam para ele, um cão pulou de suas mãos, do mesmo modo que a lebre tinha feito, e depois disso outro cão, e outro, até que muitos deles seguiam a lebre correndo em círculos pelo celeiro.

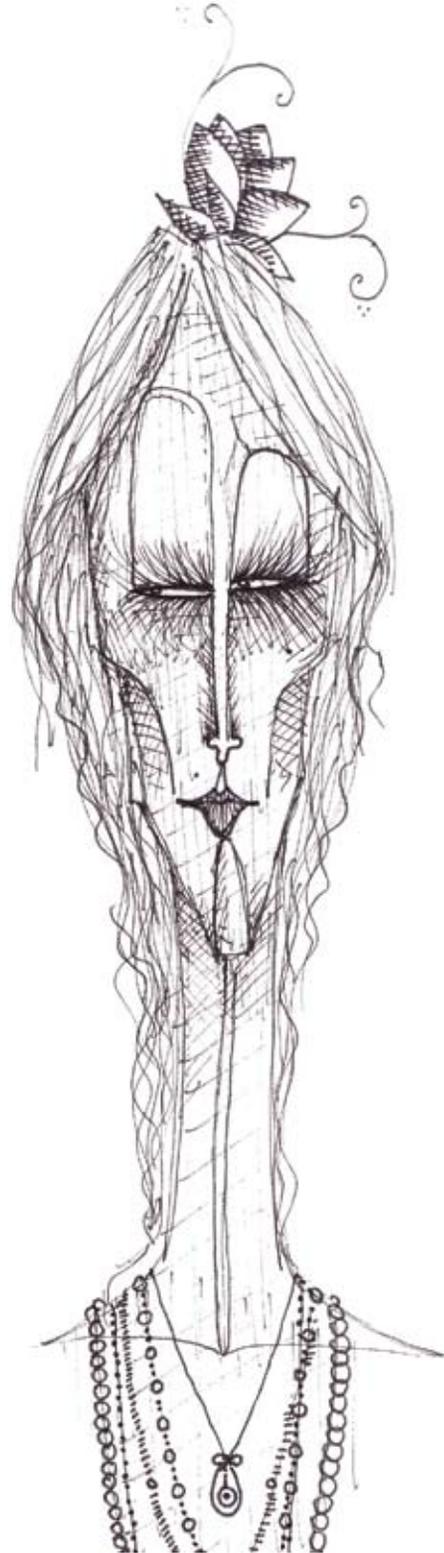
Os jogadores estavam todos em pé agora, de costas para a mesa, esquivando-se dos cães, e quase surdos devido ao som de seus uivos, mas por mais rápidos que os cães fossem, não conseguiam ultrapassar a lebre, mas a correria continuou até que finalmente foi como se um sopro de vento abrisse a porta, e a lebre duplicou-se e pulou por sobre as tábuas em que os homens estavam jogando, e saiu porta a fora e para longe noite adentro, e os cães pularam por sobre as tábuas e foram porta a fora atrás delas.

E então o velho gritou, "Sigam os cães, sigam os cães, e verão uma grande caçada esta noite," e saiu atrás deles. Mas acostumados como os homens estavam a caçar le-

bres, e prontos como estavam para qualquer diversão, eles ficaram aterrorizados de sair na escuridão, e foi somente Hanrahan quem levantou e disse, "Eu seguirei, eu seguirei."

"É melhor que pares aí, Hanrahan," o jovem que estava mais próximo a ele disse, "pois podes estar indo de encontro a um grande perigo." Mas Hanrahan disse, "Verei uma disputa limpa, verei uma disputa limpa," e saiu porta afora tropeçando como alguém em um sonho, e a porta fechou quando ele saiu.

Ele pensou ter visto o velho a sua frente, mas foi só sua própria sombra, que a Lua cheia projetava na estrada, mas ele ouvia os cães gritando atrás da lebre pelos campos verdes e amplos de Granagh, e ele seguiu-os muito velocemente, pois nada podia pará-lo, e depois de um tempo ele chegou a campos menores que tinham pequenos muros de pedras soltas a sua volta, e passou pelo lugar onde o rio corre por debaixo da terra em Ballylee, e ele ouvia os cães indo a sua frente subindo sentido à nascente do rio. Logo, correr tornou-se difícil, pois ele estava subindo a colina, e nuvens encobriram a Lua, e ficou difícil de ver aonde estava indo, e ele saiu do caminho para tomar um atalho, mas seu pé escorregou para dentro de um pântano e ele teve de voltar ao caminho. E a distância que percorria não sabia, ou para que lado ia, mas pelo menos estava subindo a montanha, com nada além da urze rústica sobre ele, e ele não podia ouvir nem os cães, nem qualquer outra coisa. Mas seus gritos vieram a ele novamente, de início, distantes, em seguida muito próximos, e quando os gritos chegaram bem perto dele, subiram, de repente, pelos ares, e havia sons de caça sobre sua cabeça, e então se distanciaram rumo ao norte até que ele não ouvia mais nada. "Não é justo," disse, "não é justo." E ele não conseguia mais andar, sentou-se na urze onde estava, no coração de Slieve Echtge, pois toda sua força tinha se esvaído, com a longa jornada que havia percorrido.



Depois de um tempo percebeu que havia uma porta perto dele, e uma luz vindo dela, e se perguntou como não viu antes o que estava tão perto. Ele levantou, e cansado como estava entrou, e apesar de ser noite do lado de fora, foi a luz do dia que encontrou do lado de dentro. Logo ele encontrou um velho que estava juntando tomilhos de verão e lírios amarelos, e parecia que todos os cheiros doces do verão estavam neles. E o velho disse: "Faz muito tempo que estás vindo a nosso encontro, Hanrahan, o homem erudito e o grande compositor."

E assim o velho levou-o até uma casa grande e brilhante, e tudo de grandioso de que Hanrahan já havia ouvido falar, e todas as cores que ele já havia visto, estavam lá. Havia um lugar alto no fim da casa, e nele, em uma cadeira alta, estava sentada uma mulher, a mais linda que o mundo já viu, com um rosto comprido e pálido com flores ao redor, mas ela tinha o olhar cansado, de alguém que esperou por muito tempo. E sentadas em um degrau acima da cadeira dela, havia quatro anciãs, e uma delas tinha um grande caldeirão ao colo, e outra uma grande pedra nos joelhos, e por mais pesada que fosse, parecia leve para ela, e outra tinha uma lança muito longa feita de uma madeira pontuda, e a última tinha uma espada desembainhada. Red Hanrahan ficou olhando para elas por muito tempo, mas ninguém disse palavra ou sequer olhou para ele. E ele pensava em perguntar quem era aquela mulher na cadeira, que era como uma rainha, e pelo que ela esperava, mas por mais que sua língua estivesse pronta e não tivesse medo de ninguém, estava aterrorizado de falar com uma mulher tão linda, e em um lugar tão grandioso. Em seguida pensou em perguntar o que eram as quatro coisas que as quatro anciãs seguravam como se fossem tesouros, mas ele não conseguia pensar nas palavras certas para dizer.

Então a primeira das quatro anciãs le-

vantou-se, segurando o caldeirão entre as mãos, e ela disse "Prazer," e Hanrahan não disse uma palavra. Em seguida a segunda anciã levantou com a pedra nas mãos e disse "Poder," e a terceira anciã levantou com a lança na mão e disse "Coragem," e a última anciã levantou tendo a espada nas mãos e disse "Conhecimento." E todas, depois que ela falou, esperavam como se Hanrahan devesse questioná-la, mas ele não disse nada. E então as quatro anciãs foram porta afora trazendo seus quatro tesouros consigo, e enquanto saíam, uma delas disse, "Ele não nos tem desejo"; e outra disse, "Ele é fraco, ele é fraco"; e a outra disse, "Ele tem medo" e a última disse, "Sua inteligência deixou-o." E então todas elas disseram: "Echtge filha da Mão Prateada, deve permanecer em seu sono. É uma pena, é uma grande pena."

Então a mulher que era como uma rainha deu um suspiro triste e pareceu a Hanrahan que o suspiro tinha o som de córregos escondidos; e se o lugar onde ele estava fosse dez vezes mais grandioso e mais brilhante, ainda assim ele não teria conseguido impedir que o sono lhe viesse; e ele cambaleou como um homem embriagado e deitou ali mesmo.

Quando Hanrahan acordou, o Sol brilhava sobre seu rosto, mas havia geada branca na grama a seu redor e havia gelo na margem do rio junto ao qual ele estava deitado e que corria através de Daire-caol e Druimda-rod. Ele soube pelo formato das colinas e pelo brilho de Lough Greine à distância que estava sobre as colinas de Slieve Echtge, mas não sabia como havia chegado ali; pois tudo o que havia acontecido no celeiro ele havia esquecido, e também toda sua jornada, menos a dor em seus pés e a rigidez de seus ossos.

Um ano depois, quatro homens da vila de Cappaghtagle estavam sentados junto ao fogo em uma casa na beira da estrada e Red Hanrahan, que agora estava muito magro e

exausto, e com os cabelos muito compridos e selvagens, chegou perto da porta e pediu licença para entrar e descansar, e eles acolheram-no porque era noite de Samhain, Ele sentou-se com eles e eles lhe deram um copo de uísque; e eles viram o pequeno pote de tinta pendurado em seu pescoço, e viram que ele era um erudito, e pediram-lhe que contasse histórias sobre os gregos.

Ele tirou o Virgílio do grande bolso do casaco, mas a capa estava muito preta e inchada pela umidade e a página quando ele abriu estava muito amarela, mas não importava, pois ele olhava para o livro como um homem que nunca havia aprendido a ler. Um jovem que estava lá começou a rir dele e a perguntar por que ele carregava um livro tão pesado se não conseguia lê-lo.

Hanrahan ficou envergonhado de ouvir aquilo e colocou o Virgílio de volta no bolso e perguntou se eles tinham um maço de cartas, pois cartas eram melhores que livros. Quando eles trouxeram as cartas ele pegou-as e começou a embalar-las e enquanto ele embalhava algo pareceu vir à sua mente, e ele colocou a mão no rosto como alguém que tenta lembrar, e disse: "Eu já estive aqui antes, ou onde eu estive em uma noite como esta?" e, de repente, ele levantou e deixou as cartas caírem no chão, e disse, "Quem me trouxe uma mensagem de Mary Lavelle?"

"Nunca te vimos antes de agora, e nunca ouvimos falar de Mary Lavelle," disse o homem da casa. "E quem é ela" ele disse "e de que estás falando?"

"Era esta noite há um ano, eu estava em um celeiro, e havia homens jogando cartas, e havia dinheiro sobre a mesa, eles empurravam-no de um a outro aqui e ali – e trouxeram-me uma mensagem, e eu estava indo porta a fora para procurar por minha amada, que me queria, Mary Lavelle." E então Hanrahan gritou bem alto: "Onde eu estive desde então? Onde estive o ano todo?"

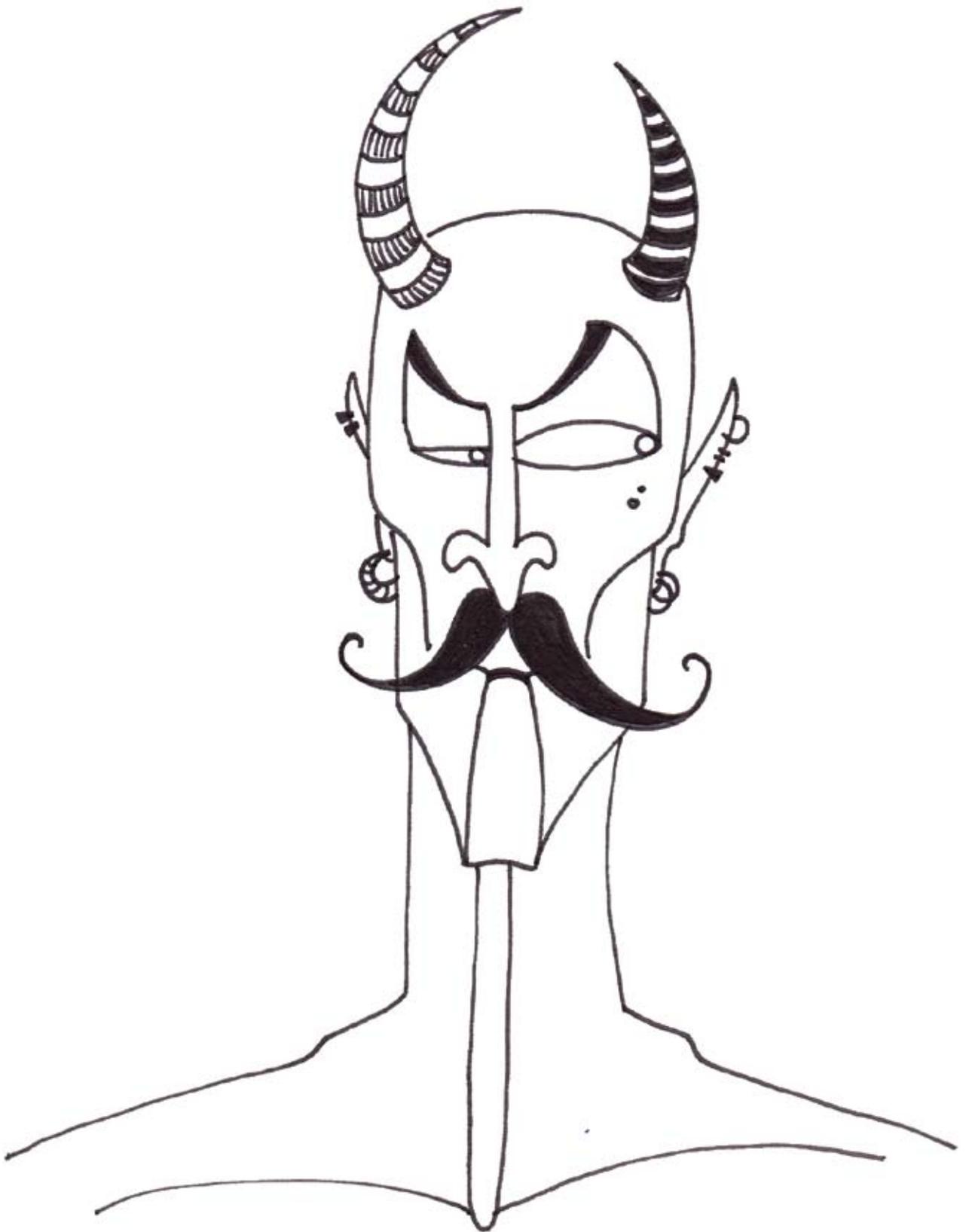
"É difícil dizer onde podes ter estado

nesse tempo," disse o mais velho dos homens, "ou a que parte do mundo podes ter viajado; e parece-me o bastante que tenhas a poeira de tantas estradas nos pés; pois acontece muito de homens saírem andando e esquecerem assim," ele disse, "uma vez que receberam o toque."

"É verdade," disse outro dos homens. "Conheci uma mulher que saiu andando assim pelo período de sete anos; ela voltou depois e contou a seus amigos que muitas vezes ficava feliz em comer aquilo que era colocado no cocho dos porcos. E é melhor que vás ao padre agora," ele disse, "e que tu o deixes tirar de ti qualquer coisa que te tenham colocado."

"É para minha amada que irei, para Mary Lavelle," disse Hanrahan: "já é muito o tempo que demorei, como saberei o que pode ter acontecido a ela em um ano?"

Ele ia porta a fora, mas todos lhe disseram que era melhor que parasse para passar a noite e ganhar força para a jornada; e, de fato, ele queria isso, pois estava muito fraco, e quando lhe deram comida ele comeu como um homem que nunca havia visto comida antes, e um deles disse, "Ele está comendo como se tivesse caminhado sobre grama faminta." Foi na luz branca da manhã que ele saiu, e o tempo pareceu-lhe longo até que conseguisse chegar à casa de Mary Lavelle. Mas ao chegar, ele encontrou a porta quebrada e o colmo caindo do telhado, e nenhuma viva alma. E quando perguntou aos vizinhos o que havia acontecido a ela, tudo o que eles puderam dizer-lhe foi que ela havia sido despejada, e havia se casado com um homem trabalhador, e eles haviam ido procurar trabalho em Londres ou Liverpool ou alguma cidade grande. E se ela encontrou um lugar melhor ou pior ele nunca soube, mas, de qualquer modo, ele nunca se deparou com notícias dela ou com ela novamente. ❧



# DESMEDIDO ROGER

---

## ANA PAULA MAIA

---

*Ana Paula Maia, escritora, nasceu no Rio de Janeiro. É autora dos romances O Habitante das Falhas Subterrâneas (editora 7 letras / 2003), A Guerra dos Bastardos (editora Língua geral / 2007) e da novela Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos (editora Record / 2009). Participa de várias antologias, entre elas, 25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira / organização Luiz Rufatto (editora Record, 2004) Todas as guerras - Volume 1 (Tempos modernos) / Org. Nelson de Oliveira – (editora Bertrand Brasil, 2009). Em 2010, seu primeiro romance O habitante das falhas subterrâneas transformou-se num folhetim de 29 capítulos, publicado semanalmente no site Cronópios. Publica crônicas todos os sábados no site Vida Breve. Seu blog é: <[www.killing-travis.blogspot.com](http://www.killing-travis.blogspot.com)>*

Uma úlcera é como uma mão calejada de trabalhador. Conhece-se um homem pelos calos nas mãos ou feridas no estômago. Ouvi esse troço em algum lugar e isso foi tudo o que consegui pensar ao me distrair por segundos olhando para as minhas mãos claras e limpas, enquanto meu chefe sentado à minha frente, exalando um hálito doce de pasta de amendoim, procurava alguns sinônimos para me dizer mais uma vez: Você está despedido.

Filho da puta, pensei, agora olhando para o meu terno novo. Há duas semanas ele me disse para comprar um terno melhor porque aparência conta muito. Puta que pariu, parcelei em dez vezes, meu terno novinho em folha. Nada como ser demitido com um terno caro, que lhe custará o resto do seu dinheiro. Acho que ele não me trouxe muita sorte.

Um des-pe-di-do muito enfático e naquele instante constatei a marca da pasta de amendoim. Costumava comprá-la e comê-la lentamente, o que me garantia uns vinte dias de pasta de amendoim importada. Eu não a como mais.

Balançando a cabeça e alisando os seis fios de cabelos bem no topo dela, fingindo um tipo de consternamento ele diz: eu sinto muito em seu português precário. É claro que ele sente, eu também posso sentir que os seis fiapos esparsos sobre a sua cabeça não resistirão tanto tempo assim. Uma coisa lamentável.

Há dois meses tivemos uma fusão com os franceses. Eles têm mais dinheiro e se vestem melhor. No mais, a mesma porcaria. Meu chefe anterior foi remanejado para outro departamento, inferior, e eu, remanejado para o olho da rua.

– Não tem meios nem medidas, Roger, *c'est tout*.

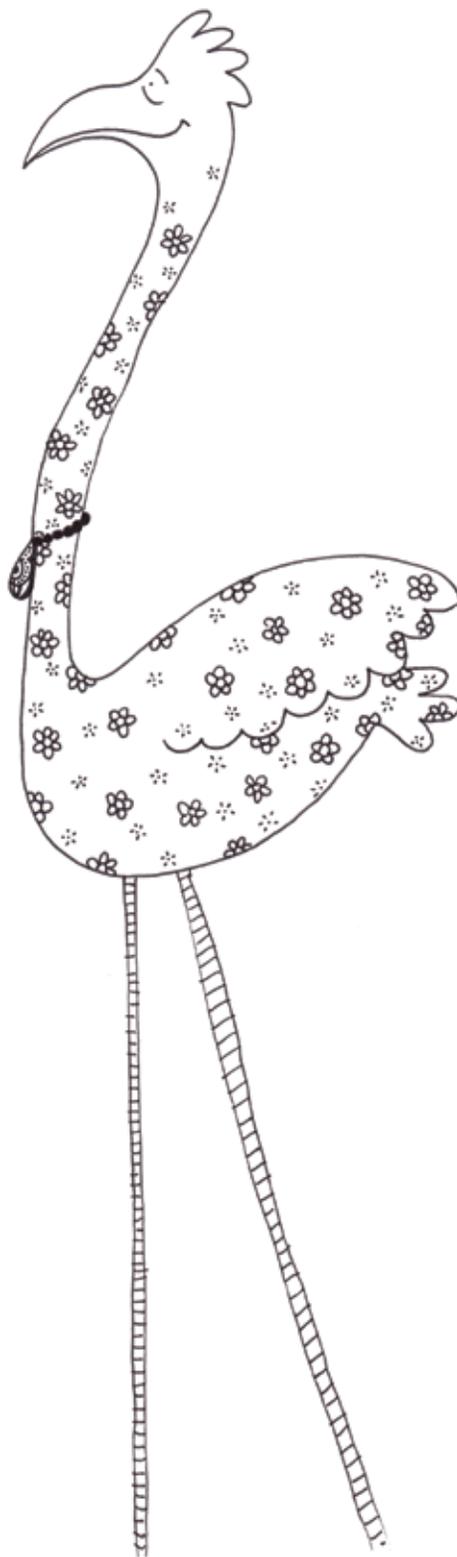
Ele concluiu todos os meus anos ali com um *c'est tout*. E o que é isso? Sou um homem sem medida. Escritório de merda... nem meios nem medidas. *C'est tout, Pas de tout*, é o que vive dizendo entre os dentes. Mas uma coisa eu aprendi. *Vá au merde*.

Ele atende uma ligação e grunhi uns hã hã, hã hã, *oui... oui*, e faz um sinal torpe com a mão me dispensando. Sete anos aqui dentro..... antes tivesse tido sete anos no Tibet, é tudo que consigo pensar, no Tibet e em seus monges tibetanos e no silêncio que deve haver num mosteiro e que todos são carecas como meu chefe ficará até o fim do ano. Porcaria de emprego..... e depois de sete anos continuo desmedido.

*C'est tout?*, ele pergunta afastando a boca do fone e eu meneio a cabeça sem muito sentido, entendendo que sempre que se fala *c'est tout* é para encerrar qualquer que seja o assunto.

Minhas divagações são interrompidas pelo som insuportável da máquina copiadora bem ao nosso lado; uma sala com paredes finas de compensado, frágeis feito casca de ovo me faz querer vomitar como todo o resto. Saio da sala e retorno para minha mesa que acabou de deixar de ser minha. Nunca foi na verdade, mas ali eu pude ver umas marcas amareladas de tanto uso, meu suor foi manchando a madeira e o círculo marcado numa perfeita circunferência me lembra de quantas canecas de café eu tive de tomar para não desabar de sono.

Quero algum silêncio, mas é intragável o barulho da antiga máquina copiadora. Folha entra, folha sai. A luz que desliza sobre o papel me deixa enfeitiçado. Em cada sala há uma máquina dessas, estão por toda parte, entrincheiradas, produzindo centenas de requerimentos, o monstro branco sobre minha mesa, a pilha de papéis, a muralha que nunca parece ceder. Você pode sentir



o calor que vem delas, permanecer ao lado de uma te faz fritar; o papel sai queimando os dedos. Um colosso de luz e calor, e é possível ver-se reproduzido. Copiado. Inautêntico. Esperava encontrar com minha reprodução desautorizada pelos corredores do escritório; uma imagem falsificada, a minha medida exata.

Enlouquecidas, reproduzem uma espécie de burrice descomunal. O erro é copiado e passado adiante e com o tempo o errado torna-se o correto, por insistência, por reprodução. Você pode escutá-las, multiplicando aos milhares.

Decido ir embora enquanto tenho alguma dignidade e buscar o pouco que me resta no dia seguinte. Saio para aproveitar o início da noite quente e perambular pela cidade enquanto os céus sustentam o peso das águas prestes a romper numa torrente de chuva de verão e entro num bar quando sinto pingos largos sobre meus braços. Olho para cima e os céus se rendem à minha presença, mas somente os céus e nada mais.

Do lado de dentro todos são loucos e solitários e eu estou no meio dessa efervescência de cores, barulhos, gemidos, portas batendo e cheiros. Muitos cheiros e confissões. É estranho, mas quando me sento diante do balcão percebo que eles se confessam, mas a música alta não me deixa compreender o quê. Segredos compartilhados não são segredos, é angústia. Angústia compartilhada é desespero. Compartilham entranhas. Há entranhas espalhadas misturadas sangrando por todos os espaços; entranhas boas e ruins, entranhas inflamadas. Vou me sentar ao lado das caixas de som porque ali eu ficarei surdo o bastante para dormir sossegado àquela noite.

Oferecem-me conhaque e lembro de alguém dizer "Mas essa lua, mas esse conhaque botam a gente comovido como o diabo". Não me lembro quem disse isso. Talvez tenha sido o balconista da padaria; lá vende

conhaque. Pouco importa. De qualquer forma, eu não bebo conhaque e nunca fico comovido como o diabo.

Sentindo-me surdo o bastante para fazer calar meus pensamentos, apanho minha cerveja e vou me sentar novamente diante do balcão onde há uma tigela de vidro redonda com fósforos de diversas embalagens coloridas. Uma espécie de aquário com a cara de celebridades do cinema estampada em cada caixinha. Pareço ouvir alguém dizer: algum problema. Eu diria que sim, mas não em voz alta. É o barman na minha frente com um pano branco jogado no ombro esquerdo, que se inclina e de modo insistente pergunta mais uma vez. Não olho diretamente para ele, faço um olhar de cachorro desconfiado, que te olha de soslaio. Apanho meu caneco e suspendo minha cabeça para trás em busca do último gole, que benevolentemente me valem dois.

– Outra cerveja? é o que ele pergunta e aceno negativamente com a cabeça, digo *c'est tout* e faço em seguida sinal para saber quanto deu a conta. Doze e cinqüenta, ele diz.

Porra, doze e cinqüenta! Preciso trabalhar duas horas e quinze minutos para ganhar isso, penso, e lá se foram duas horas em copos de cerveja em menos de uma hora de esforço despercebido.

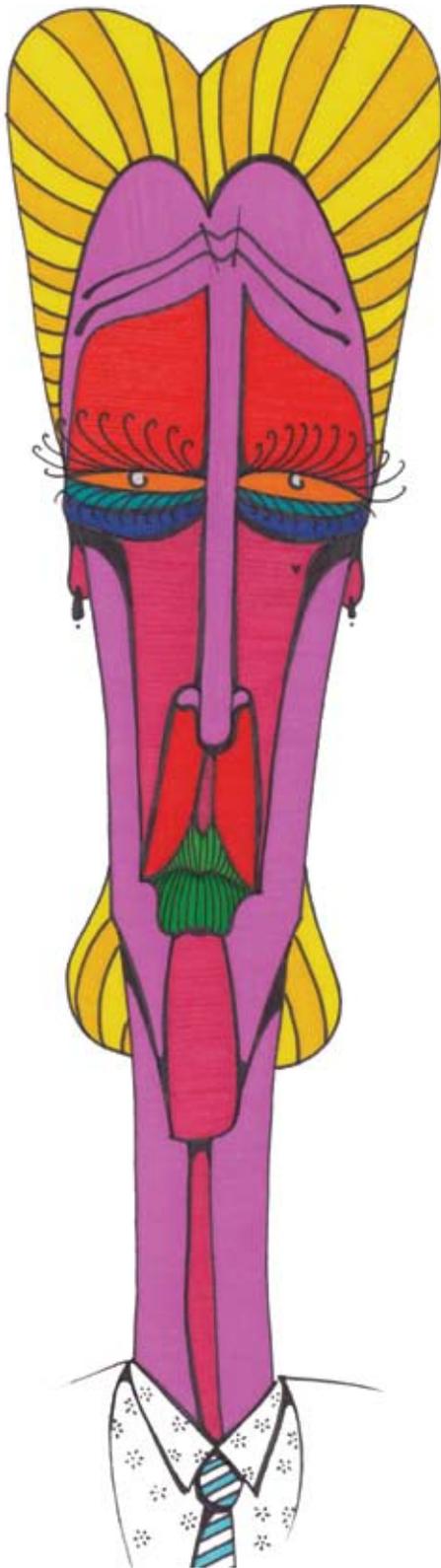
Ele percebe que não concordo muito com o valor total e me entrega uma nota com as despesas especificadas.

– Hei, esses fósforos aqui... eu não pedi fósforos coisa nenhuma.

– Mas pegou. Pensa que eu não vi?

– Eu não peguei nada, digo, só tava olhando.

Sou mesmo um imbecil e é para isso que existem *barman*, para te confirmarem caso haja alguma dúvida pairando. Doze e cinqüenta, ele diz enfático, como quem afirma: Você está despedido. Estou me acostumando com esse tom enfático, sem meios nem



medidas. Pague o que me deve e vomite o que comeu, praticamente um faroeste duplicado essa porcaria está sendo.

De pé na calçada a chuva sequer molhou o asfalto. Uma enganação dos diabos. Apanho meu último cigarro e jogo o maço vazio no chão. No dia seguinte haverá trabalhadores para limpá-lo, eu por minha vez estarei fazendo uma hora qualquer. Levo o cigarro à boca e tiro do bolso os fósforos da Brigitte Bardot e percebo que faltam dois palitos. Alguém acendeu seus cigarros com esses fósforos, mas eu é quem tive que comprá-los. Sou mesmo um homem afortunado e nem roubar a porcaria de fósforos eu consigo.

Suspendo minha maleta que descansa no chão e desço a rua imprimindo em meus pulmões o cheiro empoeirado e abafado deixado por uma chuva que passou rápido demais, levando sua torrente para outro canto. É quando a alma fica porosa, com a superfície árida, e a chuva debanda para o norte deixando os afortunados para trás.

As ruas do centro e seus freqüentadores que só saem à noite, depois do expediente ratos e mendigos têm algumas horas para desfrutar daquilo que só conhecemos de dia. Espalhados por tudo quanto é canto fazem-me lembrar as máquinas copiadoras. Isolados ou em pequenos grupos, estão sempre lá chafurdando no lixo, espantando os ratos que querem desfrutar do jantar. Os ratos aos milhares sob nossos pés, nos esgotos subterrâneos vêm à superfície e precisam disputar com o homem o que comer. Sem dúvida, um dia eles vão se cansar disso, os ratos, e teremos uma revolução por aqui.

Os ratos saem dos esgotos para procurar os restos de comida, a gente procura os restos do dia. Uma cidade como essa produz muita comida, sobras, lixo e gente como você e eu. Sou a sobra do dia. Se me distraio, os ratos me devoram.

Caminho perdendo o equilíbrio. Sinto

minhas pernas vez ou outra sem muita direção e o calor morno que sobe do asfalto salpicado pela chuva me lembra a máquina copiadora estridente como a sirene do carro da polícia que acaba de passar na esquina. Adoro sirenes à noite, uma espécie de ultimato anunciado por metros de distância, elas fazem meu coração acelerar.

Aborreço-me quando já não consigo ver o reflexo das luzes da sirene, e minha bexiga parece ter despertado porque está dolorida e ardida. Viro-me e em seis passadas abro a braguilha e mijo na porta de uma pastelaria coreana. Não era das melhores, mas nunca comi nada estragado ali. No início, meu salário só me permitia comer ali, depois passei a freqüentar uma outra, mais cara, e lá eu encontrei uma lasca de unha com esmalte vermelho no recheio do meu sanduíche de atum. Fecho a braguilha e percebo que não terei mais que me preocupar com isso. Um problema a menos.

Olho para os lados onde fica o escritório, as ruas por onde percorria, até então apressado todos os dias, os lugares em que devorava a garfadas violentas, abrindo covas no meu prato, quase me enterrando em seguida sob o purê de batata; e por fim as pequenas janelas de todos os edifícios à minha volta.

Sou remetido à minúscula janela ao lado de minha antiga mesa com que dividia as horas incontáveis, apreciando o sol, a lua e as estrelas. Coisa melancólica e lamentável. O passar do tempo, dissipando-se através de uma fenda pouco maior que minha televisão vinte polegadas no centro da sala de estar. Ter um horizonte com menos de vinte polegadas não deve ser o sonho de ninguém.

Avançando em direção ao metrô encontro um velho sentado no chão. Sujo e fedido. Nem os ratos se aproximam, talvez apenas quando estiver morto para arrastarem sua carcaça para o esgoto; refeição para dias. Um velho frágil, certamente nem seus ossos sobriariam. Deve ter osteoporose;

ossos quebradiços e facilmente triturados por roedores. Um vexame de horror desmedido.

Ele diz que tem uma ferida e que mostrará se eu lhe der algum trocado. Por que eu haveria de querer ver uma ferida? É pelo tamanho da faixa em sua perna deve ser grande. Eu rio com a conversa. Venha e veja, é o que o velho diz. Tenho uma ferida aqui e você nunca viu uma dessas antes. Dou umas passadas, ignorando, mas é tarde demais. Sinto alguns trocados no bolso e jogo para ele. Quero vomitar. Com a ferida, com a minha curiosidade. Há larvas nadando na carne esponjosa. Ele está sendo devorado vivo e os ratos o rodeiam, respeitando o árduo trabalho das larvas para depois arrastarem-no.

Já não consigo mais sorrir faz tempo, na verdade me torno sério o bastante para ficar desacreditado. Diante de uma coisa dessas qualquer um pode deixar de girar brusca-mente em seu próprio eixo e despencar. É isso que eu faço, despenco tentando atingir meu centro de gravidade torcendo para que ele não seja tão profundo.

Desço a rua até o metrô e quando chego lá, olho para as minhas mãos claras e limpas.

Conhece-se um homem pelos calos nas mãos ou feridas no estômago. Conhece-se um homem por seus calos e feridas. *C'est tout*. Suspiro profundamente quando entro no vagão deserto, suspiro sentindo-me sedado pelos vestígios de uma cidade subterrânea, seus habitantes e sua possível maldade. 🗿



## COLABORADORES:

**Sandra M. Stroparo** é professora de Teoria Literária e Literatura Brasileira na Universidade Federal do Paraná. Tem publicado alguns trabalhos de tradução de francês como *Viagem em Volta do Meu Quarto* de Xavier de Maistre.

**Caetano W. Galindo** é professor de Linguística e Tradução na Universidade Federal do Paraná. Como tradutor, já publicou versões de livros e textos do romeno, do italiano e do inglês, por diversas editoras universitárias e comerciais. Sua tradução do *Ulysses*, de James Joyce, tem lançamento previsto para 2012.

**I. Portbou** (1957) nasceu em Curitiba e se mudou com os pais para a região da Catalunha, na Espanha, quando ainda era bebê. Nos anos 1980, voltou ao Brasil e passou duas décadas dando aulas de espanhol. Hoje, dedica todo o seu tempo a traduções.

**Alessandra Cavalli Esteche** nasceu em 27 de julho de 1987 em Guarapuava, no Paraná. Passou a infância entre Guarapuava, Maringá e Porto Alegre, até que finalmente mudou-se para Curitiba. Em 2005, passou uma temporada no Rio de Janeiro, voltando para Curitiba ao passar no vestibular da UFPR. Estudante de Letras, trabalha como revisora e traduz nas horas vagas.

**Adriano Scandolara** (1988) é formando do curso de bacharelado em Letras pela Universidade Federal do Paraná, com ênfase em Estudos da Tradução, com interesse especial em tradução literária. Atualmente pesquisa e traduz a obra do poeta inglês Percy Bysshe Shelley.

**Gabriel Rischbieter** nasceu em 1987 em Curitiba. Desde muito pequeno dedica grande parte do seu tempo aos seus dese-

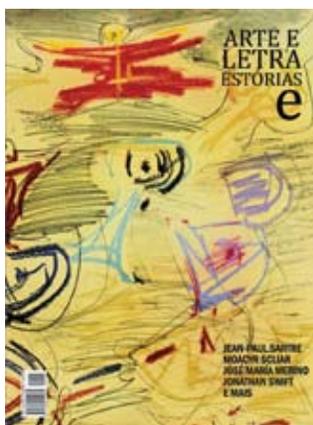
nhos. Formou-se em Desenho Industrial pela Universidade Positivo e trabalha com ilustrações e desenvolvimento de soluções visuais para as mais diversas plataformas. Gabriel é responsável pelas ilustrações do documentário "Cantoras do Rádio", lançado no cinema em julho de 2009, e do documentário *Brasil Santo*, lançado em outubro de 2009. Entre alguns de seu trabalhos destacam-se as ilustrações do *Manual do idoso* e do *Manual da Criança e do Adolescente* da Prefeitura de Curitiba, o desenvolvimento gráfico do site da produtora *wg7br*, e uma coleção de 34 marcadores de páginas desenvolvida para uma campanha beneficente da Associação Alírio Pfiffer. Trabalha também com direção de arte de obras audiovisuais para cinema e televisão. Gabriel adora o que faz e diz que não seria feliz se não pudesse trabalhar desenhando e inventando coisas.

## AUTORES QUE DESEJAMOS VER NAS PRÓXIMAS EDIÇÕES:

Bernardo Carvalho • Campos de Carvalho • John Updike • Dalton Trevisan • Enrique Vila-Matas • Ernest Hemingway • Robert Walser • Flannery O'Connor • J.D. Salinger • Julio Cortázar • Lewis Carroll • Emile Richebourg • Marçal Aquino • Michel Laub • Milton Hatoum • O. Henry • Fiodor Dostoiévski • Fabricio Carpinejar • Philip Roth • Roberto Bolaño • Thomas Pynchon

ANUNCIE NA ARTE E LETRA: ESTÓRIAS  
escreva para: <estorias@arteeletra.com.br>

## EDIÇÕES ANTERIORES



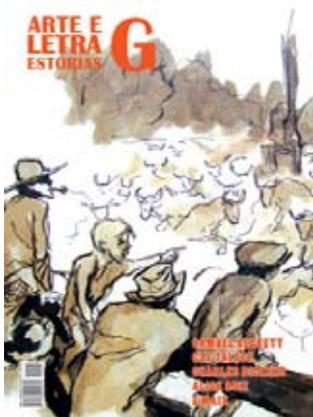
### EDIÇÃO E:

O Muro de Jean-Paul Sartre • A Vaca de Moacyr Scliar • Uma Modesta Proposta de Jonathan Swift • Fernão Capelo Urubu de José Roberto Torero • Cora de George Sand • O Nascimento no Sotão de José María Merino • A Condenada de Vicente Blasco Ibañez • Querido U de Reginaldo Pujol Filho



### EDIÇÃO F:

Cai o Sol da tarde de William Faulkner • Perdição de Luiz Vilela • O jogo do reverso de Antonio Tabucchi • Vas Preposterum de Sérgio Rodrigues • O sangue de Mercè Rodoreda • O baile / A tempestade de Kate Chopin • Dentro de uma sala escura de Mário Araújo • Meu amigo assassino de Arthur Conan Doyle • Está chovendo gatos e cachorros de Roberto Muggiati • Dentro do bosque de Ryŭnosuke Akutagawa



### EDIÇÃO G:

Frustres de Samuel Beckett • Origens de um escritor de não-ficção de Gay Talese • A longa jornada de Charles Dickens • Rubi de Alice Ruiz • Os órfãos de Giovanni Verga • O suicida de Moacir C. Lopes • No rescaldo de Ricardo Güiraldes • Sobre Ricardo Güiraldes de Jorge Luis Borges e Osvaldo Ferrari • Xingu de Edith Wharton • A lenda das duas estátuas discretas de Washington Irving

Adquira seu exemplar pelo site:  
[www.arteeletra.com.br/estorias](http://www.arteeletra.com.br/estorias)